**UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
ESCOLA DE COMUNICAÇÕES E ARTES
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO**

ANDRESSA CARREIRA LUZIRÃO MOUTA

**OFICINAS DE COMUNICAÇÃO NOS CENTROS DA JUVENTUDE DE
SANTOS: UMA EXPERIÊNCIA À LUZ DE ANTON MAKARENKO**

**[JULHO DE 2014]
SÃO PAULO – SP**

ANDRESSA CARREIRA LUZIRÃO MOUTA

**OFICINAS DE COMUNICAÇÃO NOS CENTROS DA JUVENTUDE DE
SANTOS: UMA EXPERIÊNCIA À LUZ DE ANTON MAKARENKO**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação, da Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo, Área de Concentração III – Interfaces Sociais da Comunicação, da Linha de Pesquisa Comunicação e Educação, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Ciências da Comunicação. Orientação: Prof^a Dra. Lucilene Cury.

**[Julho de 2014]
São Paulo – SP**

Autorizo a reprodução e divulgação total e parcial deste trabalho, por qualquer meio convencional ou eletrônico, para fins de estudo e pesquisa desde que citada a fonte.

Assinatura: _____

Data: _____

LUZIRÃO MOUTA, Andressa Carreira. **Oficinas de Comunicação nos Centros da Juventude de Santos: uma experiência à luz de Anton Makarenko**. Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação, da Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo, Área de Concentração III – Interfaces Sociais da Comunicação, da Linha de Pesquisa Comunicação e Educação, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Ciências da Comunicação.

Aprovada em: ____/____/____

Banca examinadora:

Profa. Dra. Lucilene Cury

Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo – ECA/USP

Profa. Dr. _____

Prof. Dr. _____

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho a todos os jovens, meninos e meninas, com as quais eu contracenei e contraceno nesta ciranda de troca e aprendizado. Que no vigor da juventude, não percam a capacidade de sonhar.

AGRADECIMENTOS

A Deus, por abrir portas em meus caminhos.

Aos meus pais, pelo exemplo e pela educação que carrego em mim.

À professora Lucilene Cury, por ter me despertado ao exercício da pesquisa em sua disciplina “Tecnologias Digitais em Espaços Educativos”. E pela oportunidade de ingressar no universo acadêmico e desenvolver este trabalho.

Aos professores Terezinha Tagé e Marcos Mucheroni, pelas importantes contribuições e apontamentos feitos na qualificação. Foi, de fato, uma banca colaborativa e de aprendizado.

Aos professores pelos quais tive a oportunidade de conhecer e aprender em suas aulas: Ecléa Bosi, Ismar de Oliveira Soares, Celso Frederico, Luis Guilherme Galeão da Silva e Bernardo Parodi Svartman, todos fontes de inspiração para um mundo melhor. E ainda aos professores Adilson Citelli e Luli Radfahrer, pelas pertinentes observações durante a IV Jornada Acadêmica da ECA/USP.

Aos chefes dos Centros da Juventude, Elizabete Gonçalves Gatto, Guilherme Cardoso Antunes e Priscila Schultz, pela confiança em meu trabalho junto aos adolescentes. A Cristina Marinho, por ter me dado a oportunidade de iniciar este trabalho no Centro da Juventude da Zona Noroeste. Aos jovens Dener Luiz e Bruno, pelo apoio em alguns momentos.

Aos queridos companheiros de USP, Galvão, Paloschi, Carmen e Cléo, pelos momentos que nos cruzamos na ECA e assim trocamos. Em especial à querida Margarete de Moraes, pela troca, auxílio e amizade. A todos com os quais eu cruzei nesta jornada na ECA e no Instituto de Psicologia da USP. Nunca imaginei ter a oportunidade de estar neste lugar.

À querida amiga jornalista Camilla Costa, pela amizade, incentivo e, principalmente, por me ouvir nas angústias e por trocar reflexões. Aos também queridos jornalistas

Elaine Alves, Ronaldo Vaio e Paulo Alves, que de alguma forma contribuíram com meu trabalho.

À querida Valéria, por desfazer os nós que crio.

Ao arte-educador Renato Di Renzo, por influenciar minha visão de mundo em todos os âmbitos da minha vida com o Projeto TamTam, em especial neste trabalho. A todos os mestres da vida que tive a oportunidade de conhecer até agora.

Por fim, ao meu amado Marcos, testemunha desta minha trajetória, pelo apoio, incentivo e opiniões pertinentes. Em especial pela sua cumplicidade e parceria de todo dia, e ao fruto do nosso sentimento mais sublime: nosso filho, que em meu ventre acompanha este percurso final.

A nossa doce e fiel Lola, sempre ao nosso lado.

A este projeto que o tempo todo falou por si só e conduziu meus passos.

Que a vida seja sempre a possibilidade de troca, amor e paz.

Devemos educar um tal indivíduo de que nossa sociedade precise. (...) Não devemos falar apenas sobre a formação profissional da nova geração, mas também sobre a educação e um novo tipo de comportamento, de caracteres e conjuntos de traços da personalidade que são necessários (...)

ANTON MAKARENKO

A compreensão humana é o caminho para a paz. Para a educação do futuro, é preciso ensinar civilização, solidariedade e responsabilidade, que caminham juntas no mundo atual, globalizado

EDGARD MORIN

Nós, como pesquisadores, devemos destacar do fundo figuras sociais. Essa é a nossa missão

ECLÉA BOSI

Mude, mas comece devagar, porque a direção é mais importante que a velocidade.

CLARICE LISPECTOR

A sabedoria da vida é sempre mais profunda e mais vasta do que a sabedoria dos homens

MÁXIMO GORKI

RESUMO

Em Santos, São Paulo, Brasil, vivem 3.623 jovens de 14 a 18 anos em aglomerados subnormais, segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE/Censo 2010. A Secretaria de Assistência Social do Município desenvolve políticas públicas pautadas na emancipação desse público, como forma de garantir sua proteção e seus direitos básicos. Entre elas estão os Centros da Juventude, que por meio de oficinas envolvendo cultura, comunicação e cidadania, visam promover espaços de reflexão, expressão e formação, fazendo do adolescente sujeito na criação de alternativas libertadoras.

Nesse contexto, essa pesquisa vem contribuindo com o poder público por meio de práticas na interface Comunicação-Educação desenvolvidas nos Centros da Juventude de duas áreas denominadas Zona Noroeste e Zona Leste. Os sujeitos do estudo são jovens em situação de vulnerabilidade social, que cotidianamente contracenam com fenômenos como violência, criminalidade, tráfico de drogas e pobreza. O trabalho *in loco* é apoiado na fundamentação teórica dos campos da Comunicação e da Educação, em suas interfaces, tendo a perspectiva pedagógica do ucraniano Anton Makarenko (1888-1939) como principal referência, além de contribuições da Psicologia Social Comunitária.

A proposta utiliza como mediação os recursos das tecnologias digitais e da Comunicação, sobretudo do Jornalismo, para o exercício da cidadania, o desenvolvimento de potencialidades e da capacidade de expressão de meninos e meninas nascidos no berço da cibercultura, mas que carecem de uma legítima inclusão digital. No processo, a pesquisa observou enunciados de caráter negativo em relação à vida e averiguou se as práticas de campo modificam essas expressões em ações positivas, de trabalho colaborativo, de solidariedade, de responsabilidade social, amizade e alegria, na busca de uma perspectiva de mudança social.

PALAVRAS-CHAVE: Centros da Juventude - Makarenko - Coletividade – Vulnerabilidade social – Tecnologias digitais

ABSTRACT

In Santos, São Paulo, Brazil, there is 3,623 young people with 14-18 years living in subnormal agglomerates, according to the Brazilian Institute of Geography and Statistics (IBGE) - 2010 Census. The Department of Social Services of the City develops public policies guided to the emancipation of this public, in order to ensure their protection and their basic rights. One of these is the Youth Centers, which through workshops involving culture, communication and citizenship, aimed at promoting opportunities for reflection, expression and training, making the adolescent a subject in creating liberating alternatives.

In this context, this research has contributed to the government through practical Education-Communication interface developed in Youth Centers in two areas called North West Zone and East Zone. The study subjects are young people in situations of social vulnerability, which routinely living with phenomena such as violence, crime, drug trafficking and poverty. The work-site is supported in theoretical foundations of the fields of Communication and Education, in their interfaces, and the pedagogical perspective of Ukrainian Anton Makarenko (1888-1939) as the main reference, as well as contributions of Community Social Psychology.

The proposal uses as mediation the resources digital technologies and communication, especially of Journalism, for the exercise of citizenship, developing of the potential and the capacity for expression of boys and girls that were born in the cradle of cyber culture, but lack a legitimate inclusion digital. In the process, the research observed set of negative character in relation to the life and examined whether the field practices modifies these expressions into positive actions, collaborative work, solidarity, social responsibility, friendship and joy, in the pursuit of a perspective of change social.

KEY WORDS: Youth Centers - Makarenko - Community - Social vulnerability - Digital technologies

LISTA DE SIGLAS

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

CRAS – Centro de Referência da Assistência Social

PNAS - Política Nacional de Assistência Social

SUAS - Sistema Único de Assistência Social

PAIF - Programa de Atendimento Integral à Família

PVJ – Programa Municipal de Valorização do Jovem

BPC – Benefício de Prestação Continuada da Assistência Social

USP – Universidade de São Paulo

ONU – Organização das Nações Unidas

UNESCO – Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura

CMDCA - Conselho Municipal dos Direitos da Criança e do Adolescente de Santos

IDH - Índice de Desenvolvimento Humano

PIB - Produto Interno Bruto

EMTU-Empresa Metropolitana de Transportes Urbanos

VLT – Veículo Leve sobre Trilhos

CMDCA - Conselho Municipal dos Direitos da Criança e do Adolescente

CMJ – Conselho Municipal de Juventude

SINAJUVE - Sistema Nacional de Juventude

Cenpec - Centro de Estudos e Pesquisas em Educação, Cultura e Ação Comunitária

Cebela - Centro Brasileiro de Estudos Latino-Americanos

Secid- Secretaria Municipal de Defesa da Cidadania

SUMÁRIO

1. Introdução.....	12
2. História de um percurso.....	17
2.1.Trabalho grupal e intergrupal.....	27
2.2. Ações pedagógicas em 2013.....	28
3. O Município de Santos: Juventude e políticas públicas.....	36
4. Makarenko e a coletividade.....	45
4.1. Destacamentos, círculos e perspectivas.....	53
4.2. Desigualdade, segregação e vulnerabilidade: ‘Zona Faroeste’ e o Centro perigoso.....	57
4.3. O fortalecimento do sujeito.....	69
5. Tecnologias digitais e juventude: a interface Comunicação/Educação	72
5.1. Formação cidadã.....	77
5.2. Sujeitos: o grupo pesquisado.....	79
5.3. Oficinas de Comunicação dos Centros da Juventude.....	83
5.3.1. Práticas pedagógicas: brincando de ser jornalista.....	84
5.3.2.Giro de Notícias: Notícias da Semana e Fatos-Notícias.....	89
5.4. Construção coletiva do site ‘Espaço_Jovem’	97
6. Considerações Finais.....	103
7. Referências.....	108
8. Anexos.....	113
1. Estatuto da Juventude.....	113
2. Produção de textos dos jovens.....	128
3. Primeiras páginas do “Cadernos Projovem-Adolescente”	139

1. Introdução

Ao longo desta trajetória acadêmica no Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação da Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo - PPGCOM - ECA/USP, importantes disciplinas nas áreas da Comunicação e da Educação, da Cultura e da Psicologia Social Comunitária foram fundamentais para o desenvolvimento do trabalho que aqui se apresenta. Mas uma delas, “Tecnologias Digitais em Espaços Educativos”, ministrada pela Professora Doutora Lucilene Cury, foi a que deu diretriz a esta pesquisa na interface Comunicação-Educação.

Muito além de conhecer o pensamento de intelectuais latino-americanos como Mário Kaplún, Maria Teresa Quiroz Velasco e Daniel Prieto Castillo, a questão da interdisciplinaridade tratada em sala de aula iluminou este percurso na educação não-formal junto a adolescentes em situação de exclusão social do município de Santos, São Paulo, Brasil.

O trabalho consiste na realização de práticas na interface Comunicação-Educação, tendo a ótica pedagógica do educador ucraniano Anton Semiónovitch Makarenko (1888-1939) como principal referência norteadora. Atuando, ao longo de 16 anos, com menores infratores e abandonados na Ucrânia, sua pedagogia é baseada na escola como ambiente coletivo, tendo como princípios a disciplina, a solidariedade, a colaboração mútua, o respeito ao outro e às opiniões adversas e a formação integral do sujeito. O intuito aqui não é utilizar sua metodologia objetivando encontrar fórmulas para obtenção de resultados previstos, mas sim fazer de sua obra uma referência de experiência positiva, a base sustentadora para um trabalho que possa contribuir na formação democrática de sujeitos excluídos socialmente.

O principal objetivo é alterar seus enunciados agressivos, passivos e/ou de caráter negativo em relação à vida, por enunciados positivos, que levem a ações de trabalho colaborativo, de solidariedade, de responsabilidade social, amizade e alegria, na busca de uma perspectiva de transformação social e de construção de projetos de vida.

A pesquisa então realiza um estudo de caso sobre a Oficina de Comunicação realizada em dois Centros da Juventude da Prefeitura de Santos, localizados nas zonas Noroeste e Leste da cidade, contextualizando-a histórica, social e

politicamente. Averigua também a possibilidade de construir, por meio dos recursos da comunicação e das tecnologias digitais, um coletivo unificado, agindo de forma grupal, com parceria, colaboração e troca. Verifica ainda se tais práticas desenvolvem as potencialidades e a capacidade de expressão desses jovens; se elas contribuem com sua formação e com a ampliação do seu repertório interativo, aumentando sua capacidade de interferir de forma ativa e construtiva em seu contexto sócio-comunitário; se incentivam o hábito da leitura e promovem a utilização qualificada da Internet e das redes sociais; e se despertam os jovens para o campo de trabalho na área das tecnologias digitais e da comunicação.

No papel de pesquisador, as indagações são sempre o ponto de partida e não são raros os momentos em que o auto questionamento suscita dúvidas: os objetivos vislumbrados serão alcançados? O anseio de ver a transformação é acalentado com as palavras da Professora Doutora Terezinha Tagé, durante a etapa da qualificação do mestrado, realizada em outubro de 2013 na ECA/USP. Mencionando Clarice Lispector – “Mude, mas comece devagar, porque a direção é mais importante que a velocidade” -, ela ressaltou em sua explanação: “Enquanto você não sabe se vai conseguir, a vida vai dizer. E o que você conseguir, uma coisa mínima, já é muito, seja o que for”. A frase não tira a responsabilidade da pesquisa nem diminui a crença na Educação para a transformação de realidades, mas chama para o exercício da paciência e da perseverança, fazendo compreender que se trata de um processo e que a mudança é gradativa, no tempo de cada um.

Os sujeitos dessa pesquisa não são diferentes de qualquer outro jovem - vivem a transição para a vida adulta, de descobertas, medos, anseios, receios, de formação de opinião, de identidade, de visão de mundo -, não fosse pelas condições desfavoráveis de oportunidades. Além do que, é importante salientar que base familiar prejudicada, drogas, violência ou gravidez na adolescência não são problemáticas exclusivas da classe social baixa. Mas os caminhos levaram esta pesquisa a eles. Por que, então, ensinar técnicas jornalísticas a sujeitos que enfrentam dificuldades no dia a dia, sejam elas de ordem financeira ou familiar; que vivem a maternidade precoce ou que contracenam com a drogadição e com a violência? Essas linhas são escritas pensando em cada um deles, cada um com uma história de vida diferente e similar, alguns cheios de sonhos e

comprometimento, outros nem tanto. Alguns com uma vivência mais prejudicada, outros com uma estrutura de vida familiar mais sólida.

Muito além de fazê-los aprender a ler e a escrever melhor, a se expressar com mais desenvoltura, clareza e coerência, a despertar sua vocação profissional, é fazê-los aprender a viver com mais saúde no sentido amplo da palavra: a viver com qualidade relacional, com solidariedade e boa convivência, na busca de uma perspectiva melhor de futuro, de uma sociedade melhor.

Para alguns desses sujeitos com uma vida prejudicada e nascidos em condições desfavoráveis, a carência também é de afeto e de valores morais e éticos, muitas vezes invertidos em razão das próprias circunstâncias as quais estão inseridos. Não se trata de uma justificativa a determinados comportamentos, mas uma reflexão acerca do papel que a Educação deve ou não exercer, preenchendo uma lacuna que seria também de responsabilidade dos pais desses sujeitos. A educação não-formal preencheria esse vácuo? Tais reflexões partem da própria vivência com os adolescentes, pois muitas vezes é necessário educá-los a ter respeito ao próximo, a ter boas maneiras, a ter cortesia.

Para Edgard Morin, em *A Cabeça Bem-Feita* (2010), aprender a viver é uma condição que também deve ser objeto da educação, para além da transmissão de conteúdos fragmentados, dispersos. Nesse ponto, o caráter interdisciplinar próprio da educação não-formal evoca o ensino da vida, para a vida. Então, ensiná-los a escrever corretamente e a desenvolver sua capacidade de expressão, por exemplo, torna-se, em certos casos, um passo a ser galgado mais além, porque o objetivo maior – o de apontar direções para uma perspectiva de mudança social – parece começar a partir da mudança interior, de dentro de cada um, de comportamentos e atitudes, a mudança do ‘eu’. Mudança esta por vezes instigada pelo próprio coletivo, quando parte de um jovem chamar a atenção do colega que age de maneira desapropriada para a circunstância. O desafio então é tentar mudar o sujeito, incentivando-o sempre sua capacidade de sonhar e de aprender, buscando seu crescimento e evolução. E a mudança do sujeito em relação ao outro, para uma boa convivência, para a chamada cultura de paz.

Mas o que é ter cultura de paz? O esforço pela paz e pela cultura da não-violência tem a marca de algumas datas em todo o mundo: a Conferência de Haia para a Paz, em 1899; a Liga das Nações, em 1919; e a criação da Organização das

Nações Unidas (ONU), em 1945, e sua agência especializada para a educação, a ciência, a cultura e as comunicações, a UNESCO, que tem no preâmbulo de seu Ato Constitutivo a declaração de que "uma vez que as guerras começam na mente dos homens, é na mente dos homens que as defesas da paz devem ser construídas". São oito eixos do programa de ação para uma cultura de paz da ONU: Cultura de Paz através da Educação; Economia Sustentável e Desenvolvimento Social; Compromisso com todos os Direitos Humanos; Equidade entre Gêneros; Participação Democrática; Compreensão - Tolerância – Solidariedade; Comunicação Participativa e Livre Fluxo de Informação; Paz e Segurança Internacional¹.

No ano 2000, na ocasião do aniversário da Declaração Universal dos Direitos Humanos, em Paris, França, um grupo de coroados do Prêmio Nobel da Paz esboçou o Manifesto 2000 por uma Cultura de Paz e Não-Violência, com seis princípios básicos: respeitar a vida, rejeitar a violência, ser generoso, ouvir para compreender, preservar o planeta e redescobrir a solidariedade².

É de responsabilidade de cada pessoa traduzir valores, atitudes e padrões de comportamento que inspiram a paz na família, no trabalho, em sua comunidade, em seu bairro, sua cidade ou região, para uma cultura da tolerância e do diálogo. A educação então é crucial para a paz, tornando cada cidadão sensível ao outro. O Relatório para a Unesco da Comissão Internacional sobre Educação para o Século XXI, intitulado *Educação: um tesouro a descobrir* (1996), sugere que a educação ao longo da vida, formal e informal, seja baseada em quatro pilares: aprender a conhecer, aprender a fazer, aprender a viver junto e aprender a ser³.

Em sua obra, Morin apresenta o conceito de *ensino educativo*, que tem por missão “transmitir não o mero saber, mas uma cultura que permita compreender nossa condição e nos ajude a viver, e que favoreça, ao mesmo tempo, um modo de pensar aberto e livre” (2010: p. 11). Este ensinar a viver precisa ser interiorizado no sujeito, que deve ser compreendido de forma holística. O ensino tem de promover a formação integral do indivíduo, ajudando-o a entender problemas do mundo como

¹ Disponível em <http://comitepaz.org.br/index.php/textos-de-referencia/>. Acesso: 15.05.14.

² Disponível em <http://www.direitoshumanos.usp.br/index.php/UNESCO-Organiza%C3%A7%C3%A3o-das-Na%C3%A7%C3%B5es-Unidas-para-a-Educa%C3%A7%C3%A3o-Ci%C3%A2ncia-e-Cultura/manifesto-em-defesa-da-paz-2000.html>. Acesso: 15.05.14.

³ Disponível em <http://unesdoc.unesco.org/images/0010/001095/109590por.pdf>. Acesso: 15.05.14.

cidadão integrante dele, desenvolvendo a consciência da solidariedade e o respeito à diversidade, e favorecendo a inclusão e a troca de experiências.

O pensamento de Morin vai ao encontro da perspectiva pedagógica que norteia a proposta educacional de Makarenko. O educador afirma que muito além da formação para o mercado de trabalho, é necessária a educação para a vida em sociedade:

Devemos educar um tal indivíduo de que a nossa sociedade precise. Em certas ocasiões, a sociedade coloca este imperativo com muita impaciência e exigência: necessitamos de engenheiros, de médicos, de moldadores, de torneiros... Não devemos falar apenas sobre a formação profissional da nova geração, mas também sobre a educação e um novo tipo de comportamento, de caracteres e de conjuntos de traços da personalidade que são necessários (...). (LUEDEMANN, 2002: p.271).

Para ele, a educação deve formar o homem para a coletividade. Afinal, o que é a humanidade senão o conjunto de homens que vivem, convivem e dependem uns dos outros? Retomando ao pensamento de Morin, para o autor é preciso uma educação voltada para o autoconhecimento (apreender a ser), para a convivência (aprender a conviver), para a construção do conhecimento (aprender a aprender) e para a tomada de decisões (aprender a comprometer-se). Essas questões serão aprofundadas no Capítulo 4, dedicado ao referencial teórico que deu base e fundamentação a este trabalho.

Antes dele, no Capítulo 2, por considerar importante registrar os passos galgados, é descrito todo o percurso de trabalho, que não começou com a entrada ao PPGCOM, mas com um desejo anterior de trabalhar com o tema e amadurecido no transcorrer da própria vida. Esse caminho chega à problematização da pesquisa. Nesse capítulo também consta as primeiras observações feitas acerca do coletivo de jovens inicial e as mudanças políticas e no grupo, para entender e justificar o atual trabalho desenvolvido.

O contexto histórico e social da cidade de Santos é abordado no Capítulo 3, mostrando a realidade atual, as áreas consideradas pela Secretaria Municipal de Assistência Social como sendo de maior vulnerabilidade; e as atuais políticas de desenvolvimento realizadas pelo poder público municipal. O Capítulo 5 foca na contribuição das interfaces da Comunicação-Educação para a inclusão social de jovens; a metodologia utilizada nas práticas pedagógicas; as observações da

pesquisa e o processo de construção coletiva do site 'Espaço_Jovem', em desenvolvimento.

Durante todo o desenvolvimento deste trabalho se pensou em qual seria o papel da Ciência senão o de assumir a responsabilidade ao investigar e legitimar ações que modifiquem o *status quo*. Lucilene Cury afirma em *O Dilema da Pesquisa* (2010):

(...) é de extrema importância enraizar qualquer teoria na cultura do cidadão, na sociedade de onde ele brota. Assim, o conhecimento científico precisa estar enraizado em suas condições socioculturais de formação. Para isso, contribui uma alteração profunda na maneira de entender o que é fazer ciência, de perguntar e de responder, ao mesmo tempo, para que e para quem ela serve, bem como conhecer os meios que devem ser utilizados para realizar pesquisas científicas efetivamente voltadas para a melhoria da vida humana – conforme propõe Popper em seus trabalhos sobre a ciência. (CURY, 2010: p. 34).

Dessa forma, esta pesquisa não tem a pretensão de apontar resultados, mas sim práticas que forneçam indicadores e pistas sobre as contribuições das interfaces dos campos da Comunicação e da Educação no ensino não-formal de jovens em condições adversas, mostrando caminhos por onde possam seguir para uma vida mais digna.

2. História de um percurso

O interesse por esta pesquisa começou no ano 2000, durante a graduação em Jornalismo na Universidade Católica de Santos⁴, no litoral de São Paulo. Uma reportagem feita para o Jornal Laboratorial Agência Facos, com educadoras da rede municipal de ensino deste município, provocou a reflexão sobre o potencial do campo da Comunicação na transformação de realidades. Naquela ocasião, as educadoras relataram em entrevista as dificuldades em ministrar aulas para crianças

⁴A Universidade Católica de Santos (UniSantos) é uma instituição de ensino superior confessional, mantida pela Sociedade Visconde de São Leopoldo (SVSL). Sua história teve início em 1951, quando foi fundada a SVSL. Em 6 de fevereiro de 1986, foi reconhecida pelo Ministério da Educação, tornando-se a primeira universidade da Baixada Santista. O curso de Jornalismo obteve conceito 4 no Exame Nacional de Desempenho dos Estudantes (Enade) e conquistou 3 estrelas (conceito bom) na avaliação do Guia do Estudante - Melhores Universidades 2012, da Editora Abril. Fonte: UniSantos. Disponível em <http://www.unisantos.br/web/guest/principal>. Acesso: 19.07.2013, às 14h50.

e jovens em uma unidade de ensino localizada na periferia da cidade. O motivo era a indisciplina e a acentuada disparidade no desenvolvimento e aprendizado dos alunos.

Após trabalho educativo feito concomitantemente junto aos pais e à comunidade local, conseguiram observar melhoras no potencial dos estudantes em sala de aula e, durante esse processo, detectaram as causas das dificuldades, incluindo o pouco envolvimento dos pais na comunidade escolar. A realidade era ainda mais dura para as crianças: as educadoras averiguaram, por exemplo, que a falta de cuidado e limpeza com o material escolar tinha justificativa, pois o espaço utilizado pelo aluno em casa para desenvolver suas tarefas era entre a cama e o fogão. Perceberam também que a recomendação aos pais para que acompanhassem a evolução dos filhos em suas lições de casa era inviabilizada por uma das maiores problemáticas ainda não erradicadas nos países subdesenvolvidos, o analfabetismo.

Desde então, o desejo de contribuir com uma sociedade melhor por meio da Comunicação e do Jornalismo vem acompanhando esse percurso de pesquisa e estudo. Também influenciou e contribuiu para que se trilhasse esse caminho a experiência de mais de 15 anos (1996-2012) na Associação Projeto TamTam, uma Organização Não-Governamental (ONG) sem fins lucrativos criada há 25 anos em Santos, tendo à frente o arte-educador Renato Di Renzo - quem apresentou, a essa pesquisadora, pela primeira vez, a principal obra de Anton Makarenko: *Poema pedagógico*. Era meados do ano 2000 e tal foi a surpresa saber que dez anos depois, com a entrada ao mestrado na ECA/USP, a mesma obra seria indicada para embasar esse trabalho.

A entidade tem a inclusão social e a cultura de paz na prática de suas ações interdisciplinares envolvendo a Cultura, a Educação e a Comunicação junto a pessoas com ou sem múltiplas deficiências, seguindo a filosofia de trabalho artístico desenvolvida durante oito anos com deficientes mentais, no extinto hospital psiquiátrico Casa de Saúde Anchieta⁵, e também com adolescentes em

⁵ Manicômio que sofreu intervenção municipal em 1989, em Santos, após denúncias de maus tratos e morte de internos. Naquela ocasião, o arte-educador Renato Di Renzo foi convidado para desenvolver projeto no local, que consistiu no resgate da dignidade daquelas pessoas. O projeto ganhou notoriedade com a criação da Rádio TamTam feita pelos próprios pacientes. Com a intervenção municipal, a cidade foi a primeira livre de manicômios no Brasil. A iniciativa de Di Renzo foi interrompida com o final da gestão da administração pública da época, mas para dar continuidade à essência do trabalho, ele fundou a ONG.

vulnerabilidade social. Essa formação ao longo de 15 anos, participando de diversas ações da ONG como aluna, atriz, educadora e jornalista, muito contribuiu para compreender a importância do trabalho grupal, coletivo e em processo, da arte e do lúdico para a vida e da educação não-formal.

Em 2011, como funcionária da Secretaria Municipal de Comunicação da Prefeitura de Santos, surge a oportunidade de trabalhar com jovens participantes do projeto municipal “Historiando a Zona Noroeste”, coordenado pela Fundação Arquivo e Memória de Santos - Fams⁶ e com a participação de representantes de várias pastas da Administração Pública Municipal e da Sociedade Civil. Tal iniciativa, lançada oficialmente em agosto de 2005 pela Prefeitura de Santos, teve como proposta o resgate da memória e da história desta região da cidade, formada por 15 bairros. O projeto criou espaços de valorização da região com a finalidade de resgatar a memória e a cultura local por meio da história oral, documental e fotográfica, e realizou mostras culturais, exposições, seminários e debates.

Uma das ações consistiu na capacitação de jovens dessa área para atuação no projeto como multiplicadores da valorização, resgate da memória e da história. Os adolescentes eram oriundos de famílias inscritas nos CRAS - Centros de Referência da Assistência Social, unidades públicas de atendimento descentralizadas da PNAS - Política Nacional de Assistência Social, localizadas nos bairros ou nas comunidades de maior índice de vulnerabilidade social. O CRAS caracteriza-se como a porta de entrada das famílias e das pessoas para as ações do SUAS - Sistema Único de Assistência Social. De acordo com a Prefeitura de Santos, o CRAS recebe, acolhe, atende, identifica as situações nas quais as famílias estão vivendo, cadastra, informa sobre a rede de serviços e benefícios sociais a que têm direito, e faz os encaminhamentos necessários. Também orienta e acompanha a família no seu desenvolvimento.

⁶A Fundação Arquivo e Memória de Santos foi criada em 15 de dezembro de 1995, pela Lei Complementar Municipal nº 196. É uma instituição que trabalha com o apoio da Administração Municipal no gerenciamento dos arquivos públicos da Prefeitura de Santos e com a memória documental e iconográfica da Cidade, garantindo a salvaguarda, a preservação e a disseminação deste patrimônio. Fonte: Fundação Arquivo e Memória de Santos.

Seu principal serviço é o trabalho social com as famílias por meio do PAIF - Programa de Atendimento Integral à Família⁷, em conjunto com a rede de serviços da Proteção Social Básica. Essa rede é formada pelos Centros Comunitários, Centros de Convivência do Idoso e Centros da Juventude, que são serviços de convivência e fortalecimento de vínculos familiares e comunitários, garantindo a crianças, adolescentes, jovens e famílias, vivências para seu desenvolvimento. Por meio deles há espaços para brincar, para oficinas artísticas, culturais e esportivas, passeios, encontros culturais e troca de saberes.

O CRAS também é responsável pelos programas de transferência de renda dos governos federal, estadual e municipal, como o Bolsa Família, Renda Cidadã, Nossa Família, BPC – Benefício de Prestação Continuada da Assistência Social para o idoso e pessoa com deficiência, Ação Jovem e Valorização do Jovem, que repassam um valor mensal para auxiliar a família⁸.

Aos participantes do “Historiando a Zona Noroeste” foi exigido o cumprimento de carga horária diária de atividades com profissionais de várias áreas da gestão municipal, entre elas a Comunicação. Foi criado um projeto com propostas de estratégias e práticas de campo como forma de contribuir para o “Historiando a Zona Noroeste”, em um trabalho em processo permanente. O início da ação teve como feliz coincidência a entrada no Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação da ECA/USP, sob orientação da Profª Dra. Lucilene Cury, na área Interfaces sociais da Comunicação e linha de pesquisa Comunicação e Educação.

De maneira pré-inicial foram realizados três encontros com os adolescentes no 2º semestre de 2012, entre os meses de agosto e outubro. A formação envolvia cinco jovens e, na primeira reunião, compareceram dois. No segundo encontro foi

⁷Segundo o Ministério do Desenvolvimento Social e Combate à Fome, “o PAIF é um trabalho de caráter continuado que visa a fortalecer a função de proteção das famílias, prevenindo a ruptura de laços, promovendo o acesso e usufruto de direitos e contribuindo para a melhoria da qualidade de vida. Dentre os objetivos destacam-se o fortalecimento da função protetiva da família; a prevenção da ruptura dos vínculos familiares e comunitários; a promoção de ganhos sociais e materiais às famílias; a promoção do acesso a benefícios, programas de transferência de renda e serviços socioassistenciais; e o apoio a famílias que possuem, dentre seus membros, indivíduos que necessitam de cuidados, por meio da promoção de espaços coletivos de escuta e troca de vivências familiares”. Disponível em <http://www.mds.gov.br/assistenciasocial/protecaobasica/servicos/protecaoe-atendimento-integral-a-familia-paif/servico-de-protecaoe-atendimento-integral-a-familia-paif>. Acesso: 26.07.2013, às 12h39.

⁸Fonte: Prefeitura Municipal de Santos.

tomado conhecimento da desvinculação de dois participantes, que conseguiram emprego registrado. Os dois primeiros contatos foram destinados a conhecer e a ouvir os jovens - seus anseios e expectativas quanto ao projeto e o que gostariam de desenvolver com os recursos da comunicação e da tecnologia. Eles manifestaram o desejo de construir um blog, criar uma página do projeto na rede social Facebook e fazer um jornal mural. Em reunião com a comissão do projeto foi salientada a necessidade de ampliação do número de jovens participantes na capacitação, contribuindo assim com a pesquisa, além de propiciar importante formação para um coletivo maior de adolescentes e aproveitar a disposição e a experiência de profissionais de vários setores do poder público municipal mobilizados em prol da iniciativa.

Nesses encontros foi possível observar que, embora houvesse interesse dos jovens, a desarticulação do projeto e o reduzido incentivo financeiro dado a eles - bolsa-auxílio de R\$ 130,00 mensais, além das dificuldades na entrega de vale-transporte para ida ao local das atividades, prejudicaram a sua participação. A comissão do projeto, constituída por representantes da gestão pública e da sociedade civil, se dispôs a reavaliar a política pública no que concerne ao número de jovens e ao valor da bolsa-auxílio. Essa experiência ficou em suspenso por questões que não cabem aqui analisar.

Em paralelo a esse trabalho, em 2012 surge a oportunidade de atuar com Comunicação em dois Centros da Juventude da Secretaria de Assistência Social da Prefeitura de Santos, localizados nas zonas Noroeste e Leste⁹, também com adolescentes em vulnerabilidade social. Na Zona Noroeste, o grupo era composto por oito jovens e as oficinas de Comunicação tinham carga de 3 horas semanais, e incluíam leitura de jornais e revistas, produção de textos, exibição de filmes, entrevistas coletivas, entrevistas com a comunidade sobre assuntos específicos, pré-produção de jornal mural e debates sobre temas atuais.

Foi construída coletivamente a página virtual DaHora Blog!, na plataforma de blogs gratuita Blogger, da empresa multinacional americana Google, que presta serviços online de busca e software. A finalidade deste espaço virtual, cujo endereço

⁹Conforme mencionado, a Zona Noroeste é uma região de Santos formada por 15 bairros. A Zona Leste integra as áreas da Orla, Intermediária e Região Central Histórica, com 24 bairros, que compõem o restante da área insular da cidade, além dos morros. Fonte: portal da Prefeitura de Santos, disponível em <http://www.santos.sp.gov.br/planejamento/planodir/zonas.html>. Acesso: 19.07.2013, às 18h. .Mais dados serão aprofundados no Capítulo 3.

é www.dahorajuventude.blogspot.com.br, foi para troca de informações sobre os mais diferentes assuntos e de registros das atividades do Centro da Juventude. A escolha do nome, a logotipo e o modelo de *template* foram feitos e escolhidos com a contribuição de todo o coletivo. Abaixo, cópia da página inicial do blog:

Foto 1: A construção da página pelo coletivo

Foto 2: Interesse e domínio das tecnologias

Foto 3: Foto 2: Produção de conteúdo para o blog

Com o fim do ano letivo foi proposta a elaboração de um programa de rádio ao vivo para apresentar aos familiares e à comunidade do Centro da Juventude. Os adolescentes produziram o roteiro do programa, denominado por eles como Rádio Spam 2.0, que incluiu relato das atividades desenvolvidas ao longo do ano, entrevistas com integrantes do próprio coletivo e horóscopo. Os objetivos das ações foram o exercício da cidadania, a ampliação do repertório, o desenvolvimento do senso crítico e da criatividade, das habilidades e potencialidades.

No processo, realizado no período de março a dezembro de 2012, foi possível perceber sujeitos ativos, com grande interesse por tecnologias digitais e redes sociais, e ávidos por debates acerca de temas atuais. Foram observadas dificuldades na escrita, com o uso incorreto da Língua Portuguesa – os jovens escrevem como falam ou conforme variações linguísticas utilizadas na Internet. Todos são alunos do Ensino Médio da rede pública estadual.

No equipamento público da Zona Leste, o trabalho foi desenvolvido dentro do Projovem Adolescente – Serviço Socioeducativo, da Política Nacional de Assistência Social - política pública de proteção social de caráter universalizante, que se materializa por meio do SUAS - Sistema Único de Assistência Social, composto por uma rede articulada de serviços, programas, projetos e benefícios socioassistenciais.

Coordenada pelo Ministério do Desenvolvimento Social e Combate à Fome, a política pública federal foi adotada na cidade de Santos pela Secretaria de Assistência Social, com o objetivo de preparar o jovem para o mundo do trabalho. O coletivo era formado por 15 jovens, de 15 a 17 anos, oriundos de famílias

beneficiárias do Programa Bolsa Família, vinculados ou egressos de programas e serviços da proteção social especial. A eles eram repassados R\$ 80,00 por mês.

As atividades foram realizadas de junho a dezembro de 2012, duas vezes por semana, totalizando carga de 5 horas semanais, e foram norteadas por uma cartilha proposta pelo órgão federal, denominada Cadernos Projovem Adolescente, Ciclo II – Percurso Socioeducativo V - Coletivo Articulador-Realizador – FTG – Formação Técnica Geral. A principal característica da FTG neste Percurso V é ser uma formação que parte dos sonhos e das realidades dos jovens para propor – por meio de ações coletivas que possibilitem a experimentação prática de conhecimentos, técnicas e valores fundamentais – novas vivências voltadas para sua inserção no mercado de trabalho. Tal percurso é descrito na cartilha da seguinte forma, como orientação aos facilitadores e orientadores sociais¹⁰:

O processo formativo da FTG nesse percurso desenvolve um conjunto de conteúdos teóricos e práticos, mobilizados em dinâmicas e atividades referentes a três dimensões: • conhecimentos sobre o mundo do trabalho, com o objetivo de que os jovens construam e reconstruam saberes inerentes ao mundo do trabalho em suas variadas dimensões, a partir de seus próprios saberes e vivências; • comunicação – Pontocom@, com o objetivo de aprimorar a comunicação nas diferentes linguagens –oral, escrita, digitalizada e imagética – não só como meio de apreender a realidade e nela intervir, mas também como condição para o desenvolvimento de competências, capacidades e habilidades concernentes à realização de atividades de trabalho, escolares, sociais e culturais; • Projeto de Orientação Profissional – POP –, com o objetivo de orientar as escolhas profissionais dos jovens, incentivando o autorreconhecimento das aptidões, ampliando os horizontes para a sua inserção no mundo do trabalho. (PROJOVEM, 2009: p.23).

O grupo construiu um blog na plataforma Blogger, da Google, denominado SeLigaNaLiga (www.projovemseliganaliga.blogspot.com.br), onde foram postadas algumas atividades desenvolvidas. A seguir, cópia da página inicial:

¹⁰ Vide no anexo, as quatro primeiras páginas do Cadernos Projovem Adolescente Ciclo II – Percurso Socioeducativo V - Coletivo Articulador-Realizador – FTG – Formação Técnica Geral, que contém 396 páginas. Elas podem ser lidas no endereço eletrônico <http://www.mds.gov.br/assistenciasocial/sou-gestor-de-assistencia-social/projovem-adolescente/cadernos-projovem-adolescente>

No final de 2012, os adolescentes produziram um programa de TV ao vivo, o “SeLigaNaLiga – Um programa ao vivo e em cores”, em que apresentaram o resumo do aprendizado e das atividades realizadas no ano, tais como o comportamento adequado em uma entrevista de emprego; as profissões que desejam seguir; o trabalho infantil; o trabalho e o emprego, e a importância do trabalho em equipe. Durante o percurso, demonstraram interesse e fascínio quando as atividades envolviam o uso do computador, sobretudo as redes sociais.

Fotos 4 e 5: Pesquisas feitas na Internet, seguindo o conteúdo do “Cadernos Projovem”.

Foto 6: Entre as atividades, a simulação de uma entrevista de emprego feita pelos próprios jovens.

Os trabalhos em ambos os grupos foram concluídos em dezembro de 2012. A partir deste pré-estudo, em 2013 foi dada continuidade ao trabalho envolvendo o campo da Comunicação nos dois Centros da Juventude mencionados, em novo projeto da Prefeitura de Santos: o “Ensaio do Cotidiano”. Realizado em 2013, teve também como público foco jovens em situação de vulnerabilidade social oriundos de famílias atendidas nos CRAS, com prioridade para adolescentes em conflito com a lei. Além dos dois equipamentos públicos já mencionados, ele também foi desenvolvido pela gestão municipal no Centro da Juventude da região dos Morros.

A iniciativa era apoiada pelo CMDCA - Conselho Municipal dos Direitos da Criança e do Adolescente de Santos¹¹, que adere à campanha “Destinação Criança”, iniciativa da rede metropolitana dos CMDCA's com apoio da Receita Federal, que possibilita à população destinar 3% do Imposto de Renda devido ou apurado, pelo modelo completo, para o Fundo Municipal da Criança e do Adolescente. A campanha visa colaborar com projetos sociais voltados a crianças e jovens. Em 2012, cerca de 670 pessoas físicas e oito jurídicas contribuíram e foram arrecadados R\$ 631 mil. O CMDCA em Santos vem atuando ainda na promoção e no apoio a eventos e encontros de discussão sobre trabalho infantil, bullying, violência sexual e infanto-juvenil.

A proposta do “Ensaio do Cotidiano”, de caráter aberto, flexível e participativo, teve o jovem como sujeito na criação de alternativas emancipatórias para o enfrentamento da vulnerabilidade social. O trabalho teve como pilares a arte, a cultura, a informação, a promoção da saúde integral, dos valores humanos e da cidadania, com a finalidade de ampliar trocas culturais e vivências, fortalecendo vínculos familiares, incentivando a socialização e a convivência comunitária. O objetivo da Secretaria de Assistência Social foi criar um espaço alternativo de formação, para resgatar qualidades perdidas, substituindo círculos viciosos de

¹¹O CMDCA tem como atribuições participar da formulação e definição da política municipal do atendimento dos direitos da criança e do adolescente, desenvolvida pelos órgãos governamentais; acompanhar, avaliar e fiscalizar a execução das ações governamentais e não governamentais, destinadas à implantação dessas políticas em âmbito do município; proceder ao registro de todas as entidades não governamentais com atuação no município, bem como de projetos e programas de entidades governamentais e não governamentais, voltados para a criança e adolescente; controlar e fiscalizar o emprego e utilização dos recursos destinados ao Fundo Financeiro. Fonte: Secretaria de Comunicação e Resultados da Prefeitura de Santos.

destruição por círculos virtuosos de construção interativa, dentro de uma cultura de paz¹².

O projeto foi constituído por sete oficinas com o objetivo geral de proporcionar espaços de reflexão, trocas, experimentos, práticas solidárias e cooperativas e acesso ao conhecimento. Foram elas: **Olhares Urbanos** – tendo a fotografia como registro das cenas do cotidiano e elemento de reflexão e intervenção sobre a realidade; **Rede de Com-Tato** – acesso a plataformas multimídias; **Cine Jovem** – consistiram em sessões de cinema com debates e reflexões sobre os temas afetos à cidadania; **Oficina da Palavra** – grupos de leitura dirigida, produção de poesia, leitura, interpretação e produção de textos.

E ainda: **Teatro do Diálogo** – a linguagem teatral como instrumento de reflexão sobre temas relacionados à cidadania e de intervenção sobre a realidade; **Vivências da juventude** – vivências diárias dando a oportunidade da partilha, da reflexão e da construção da convivência, favorecendo o processo de desenvolvimento integral do jovem; e **Narrativas do Saber** -oportunidade de apropriação dos meios de comunicação (jornais, revistas, TV, sites, blogs, redes sociais, documentários, vídeos, entre outros) como instrumentos de criação e recriação, expressão de pensamento e mobilização de novos olhares comunitários. Essa pesquisa debruçou-se, na ocasião, sobre a oficina **Narrativas do Saber**.

Em 2014, o projeto ‘Ensaio do Cotidiano’ sofreu alterações de denominação e a oficina **Narrativas do Saber** passou a ser nomeada como ‘Oficina de Comunicação’, foco deste trabalho, a ser detalhada mais adiante.

2.1. Trabalho grupal e intergrupal

Foi proposta então, dentro da oficina Narrativas do Saber, a construção de um blog coletivo integrando os dois grupos de zonas diferentes da cidade, chamadas desde então de “Sucursais Jornalísticas” (Sucursal da Zona Noroeste e Sucursal da Zona Leste), com a ideia de “brincar de ser repórter”. Para que ambos pudessem

¹² Informações retiradas do formulário de apresentação de projetos do Conselho Municipal dos Direitos da Criança e do Adolescente, preenchido pela Secretaria Municipal de Assistência Social, com a descrição do “Ensaio do Cotidiano”. O material foi disponibilizado a essa pesquisa pelos Centros da Juventude das zonas Noroeste e Leste.

interagir foi proposta a criação de uma página virtual na rede social Facebook, para que os dois coletivos se conhecessem, num primeiro momento, por meio do espaço virtual.

Para Mário Kaplún (2010), “Bueno es, pues, que un sistema educativo sea grupal; pero mucho mejor aún que sea intergrupal. Tan dinamizador como promover la formación de grupos es prover canales para que esos grupos se intercomunique los unos con los otros”. (2010: p. 56 e 57). Conforme o autor, um sistema intergrupal amplia a visão dos envolvidos, aumenta sua capacidade de expressão, promove o intercâmbio, quebra barreiras e preconceitos.

2.2. Ações pedagógicas em 2013

Na sequência foram realizadas várias ações pedagógicas. Atividade envolvendo as gírias cotidianas utilizadas pela juventude resultou na escolha do nome do blog do coletivo, o “Fala Sério!”. Por sugestão do grupo, a página virtual foi construída pela plataforma de blogs Tumblr, que permite aos usuários publicarem textos curtos, imagens, vídeo, links, citações e áudio. A plataforma é uma categoria intermediária entre o Wordpress ou Blogger e o Twitter. Criado pelo jovem

americano David Karp, em 2007, também permite seguir outros usuários, em um ambiente de rede social parecido com o do Twitter e do Facebook¹³.

O grupo formado naquele período produziu conteúdo para postagem no blog, concomitantemente com outras atividades propostas, tais como exibição de filmes relacionados à tecnologia (*Piratas da Informática*, sobre a história de Bill Gates e de Steve Jobbs e o conceito de computador pessoal; *A Rede Social*, sobre a criação da rede social Facebook; e *Preciosa – Uma história de esperança*, que retrata a vida de uma vítima de violência no próprio lar), além de debates de temas atuais e de seu interesse, tais como a realização da mesa-redonda “A escola que temos e a escola que queremos”.

Os jovens conheceram a linguagem utilizada nos veículos de comunicação (impressos, TV, rádio e Internet); os principais formatos de jornais impressos (germânico, tablóide, standard); a divisão do jornal impresso por editorias; os critérios de noticiabilidade no jornalismo; os modelos de textos jornalísticos; e as funções existentes nesta profissão.

Uma das atividades foi escrever as notícias que cada um gostaria de ouvir, o que provocou amplo debate sobre violência, drogas, impunidade, poder público e educação. Exercitando a escrita e a criatividade, escreveram notícias a partir de imagens fotográficas publicadas em jornais e produziram um telejornal. Importante ação foi a coletiva de imprensa que fizeram com o vice-prefeito de Santos, o psicólogo Eustázio Alves Pereira Filho (especializado no tema Drogas e Juventude), em seu gabinete no prédio da Prefeitura Municipal (Centro Histórico) , em 2013.

Fotos 7: Jovens em coletiva de imprensa com o vice-prefeito de Santos, Eustázio Alves Pereira Filho, em 18.06.13. Local: gabinete – prédio da Administração Municipal

¹³ Informações da revista Exame Info Online (Entrevista 05.04.11). Disponível em <http://info.abril.com.br/noticias/internet/entrevistamos-david-karp-o-criador-do-tumblr-05042011-3.shl>. Acesso: 29.07.13, às 21h10.

A partir de sugestões dos próprios jovens, outra ação desenvolvida foi a pesquisa na Internet sobre temas de interesse do coletivo para debate com todos os integrantes. A atividade tem como base o pensamento de Kaplún: conhecer é comunicar. O autor afirma que se fizermos um balanço do que aprendemos em nossa vida, perceberemos que o que mais assimilamos foi aquilo que tivemos a oportunidade e o compromisso de transmitir a outras pessoas. Muito mais do que aquilo que somente ouvimos ou lemos. (2010: p. 52). Segundo Kaplún, o pleno conhecimento de algo ocorre quando há oportunidade e exigência de comunicar. (2010: p. 53).

O objetivo da atividade também foi promover intercâmbio de informações entre os dois grupos e posterior postagem de um resumo do material pesquisado na página virtual (blog Fala Sério!). Conforme Kaplún, “Esse crecer en el conocimiento se da – asevera Freinet – a medida que << ven sus escritos publicados y leídos>>”. (2010: p. 53). Segundo o autor, nas práticas latino-americanas com grupos das mais diversas características socioculturais, o fato de gravar uma discussão coletiva para ser ouvida por outros grupos desenvolveu capacidade de raciocínio, de análise e síntese, além de mais segurança em si mesmo. “Los receptores se tornan más autónomos en la medida en que ellos mismos ejercen y practican el acto emisor”. (2010: p. 60).

Com este trabalho prático, e com os trabalhos anteriores, percebe-se que os adolescentes têm fascínio pelas tecnologias digitais, entretanto sofrem de uma falsa inclusão. Utilizam a Internet de forma superficial, têm dificuldade na leitura e interpretação de texto, e sentem-se desestimulados quando é preciso ler textos que julgam muito extensos. Essa observação é apontada por Maria Teresa Quiroz Velasco: “Anteriormente, la comprensión y el conocimiento estaban en la profundidad de los temas, en su esencia, ahora se encuentra en su trayectoria, que no está en el fondo, sino en la superficie”. (2010: p. 194).

Fotos 8: Escolha do *template* do blog Fala Sério! nos dois Centros da Juventude (Zona Noroeste e Zona da Orla /Intermediária /Região Central Histórica, respectivamente).

Foto 9: Leitura e recriação de texto jornalístico

Foto 10: Adolescentes produzem conteúdo e expressam criatividade

A seguir, página inicial do blog “Fala Sério!”:

Observações sobre o grupo inicial:

- **Observação 1** - Durante as oficinas chamaram a atenção alguns enunciados agressivos e passivos dos sujeitos, que exprimem sentimentos como medo, indignação, revolta, conformismo e desesperança. Essas expressões foram classificadas aqui como “**Enunciados do Crime**”, com base no pensamento de Teresa Pires do Rio Caldeira (2000), a ser melhor abordado no Capítulo 4. A seguir, os enunciados coletados em 2013:

Enunciados do Crime

Não vai dar para fazermos entrevistas nas ruas do Mercado (<i>Mercado Municipal de Santos</i>) com uma câmera dessas, porque seremos roubados.
Professora, você pode levar a máquina fotográfica do Cejuv, porque vou para o Mercado e tenho medo de ser assaltada.
Professora, você não tem medo de andar com uma máquina dessas na bolsa por aqui?
A TV Record só passa notícia ruim, só desgraça. E denigre a imagem de Deus falando Dele depois.
Tem policial bom, mas têm outros que não.
O policial disse para meu irmão que ia enfiar a 12 no seu...
Se roubou, se matou, tem que ficar preso.
Se é criança para matar e roubar, é criança para ficar preso também.
A lei tem que ser mais rígida. Está muita violência.
Amanheci com raiva da minha madrasta. Estou com vontade de matá-la. Não gosto dela. Não tem como gostar de uma pessoa que não gosta de você.
Eu ia sugerir que eles fossem para o Mercado, mas ali eles serão assaltados. Se eles visitarem o morro terão que ser escoltados (<i>se referindo a dois jovens intercambistas alemães que visitaram o Centro da Juventude da Zona da Orla/Intermediária/Região Central Histórica, no dia 24.07.13</i>).

- **Observação 2** - No período de agosto a dezembro de 2013 foram propostas práticas com o objetivo de estimular o hábito de acompanhar notícias na mídia em geral para o desenvolvimento do senso crítico e da opinião, além de observar quais as notícias que mais chamam a atenção do coletivo. A atividade, denominada “Notícias da Semana”, possibilitou observar que as mídias televisiva e eletrônica são onde os adolescentes mais encontram e/ou buscam informação.
- **Observação 3** – Ainda nesta atividade, importante fato observado foi o predomínio dos temas Polícia, Violência e Acidentes entre notícias recentes e/ou que ficaram na memória do grupo. Essas expressões também foram classificadas aqui como “**Enunciados do Crime**”, a partir da mídia, como segue:

Enunciados do Crime a partir da mídia

Menina é estuprada pelo padrasto
Dupla de adolescentes é presa por organizar crimes pela internet
Homem bate em mulher na praia
Bebê é encontrado no lixo
Dois homens invadem casa e fogem pelos fundos
Adolescente faz outro jovem de refém
Mulher sequestra o próprio filho
Menina de três anos é estrangulada

Dois operários morrem em construção de estádio de futebol
Bebê morre engasgado em creche
Assalto no supermercado Extra
Menino desaparece, é encontrado morto e os suspeitos são a mãe e o padrasto
Tufão nas Filipinas deixa 13 mortos
Homem em alta velocidade cai no rio e morre
Amigos e familiares participam de velório do menino Joaquim
Homem mata ex-mulher por não se conformar com fim do relacionamento
Ladrão armado invade casa pulando o muro e é fotografado por um dos moradores
Motoqueiro morre degolado por linha com cerol
Casos Isabela Nardoni, goleiro Bruno e Suzane Richthofen

→ **Observação 4:** Outra atividade, denominada ‘Fatos-notícias’, consistiu em pedir aos jovens que observassem em seu cotidiano fatos que poderiam se tornar notícia, dentro dos critérios de noticiabilidade do Jornalismo. Também foi observado predomínio de informações de caráter negativo, retratando violência, banalidade, drogas, criminalidade e tragédias, ou seja, muito do universo em que vivem. Tais expressões também foram classificadas como “**Enunciados do Crime**”, a partir da vivência. São elas:

Enunciados do Crime a partir da vivência

Briga na rua
Uma das jovens foi assaltada
Demora no atendimento em hospital
Policiais fecham rua à procura de traficantes
Pessoa se afoga na praia do José Menino
Homem bate em mulher na praia
Rapaz toma tiro na perna, no Dique da Via Gilda, e traficantes não deixam mãe de uma das jovens chamar a ambulância. Segundo ela, disseram que jogaram o rapaz na maré existente atrás da favela

→ **Observação 5:**

Percebe-se uma mudança no hábito de se manter atualizado/ 'antenado' – os jovens, no decorrer do processo, já trazem notícias, querem expor e algumas vezes trazem lista de fatos por escrito.

→ **Observação 6:**

É possível verificar o fascínio pelas tecnologias digitais, no entanto ainda utilizam a Internet de forma superficial, têm dificuldade na leitura e interpretação de texto, e demonstram desinteresse quando é preciso ler textos que julgam muito extensos.

→ **Observação 7:**

Em atividades textuais escritas, observa-se deficiência na Língua Portuguesa.

A partir dessas observações iniciais, a questão então que surgiu foi em que medida esses jovens, ao frequentar as oficinas, terão uma perspectiva de mudança social ou uma visualização positiva de futuro. Indaga-se ainda se, a partir das práticas de campo na interface Comunicação-Educação, eles desenvolverão o hábito da leitura, ampliarão seu repertório e sua capacidade de expressão, tornando-se cidadãos com mais iniciativa e autonomia, alterando seus enunciados atuais, agressivos, passivos e/ou de caráter negativo em relação à vida, por enunciados positivos, de trabalho colaborativo e em coletividade, de solidariedade, de responsabilidade social, amizade e alegria.

3. O Município de Santos: juventude e políticas públicas

Localizada no litoral sul, a 72 quilômetros de São Paulo, Santos tem uma população de 433.153 habitantes, segundo o Censo 2013 do IBGE, e é cidade polo da Região Metropolitana da Baixada Santista formada por nove municípios. Fundada em 26 de janeiro de 1546 pelo português Brás Cubas, hoje é a 10ª maior cidade do Estado de São Paulo e a 5ª no ranking de qualidade de vida dos municípios brasileiros, conforme o IDH - Índice de Desenvolvimento Humano aferido pela ONU, baseado nos níveis de expectativa de vida, educação e PIB - Produto Interno Bruto - per capita. Sua principal fonte de arrecadação são as atividades ligadas ao Porto, o maior da América Latina, com 13 quilômetros de extensão e por onde passa mais de um quarto de todas as cargas que entram e saem do Brasil. Os setores de turismo, serviços e pesca em geral também integram as principais atividades econômicas.

A cidade é dividida por duas áreas – Insular (com 39,4 km²), onde está concentrada a maior parte da população, e Continental (231,6 km²), situada dentro dos limites do Parque Estadual da Serra do Mar e grande parte considerada Área de Proteção Ambiental, com ocupação urbana mais rudimentar. A Área Insular estende-se sobre a Ilha de São Vicente, território dividido com o município de São Vicente. Abaixo, o mapa da cidade, com sua divisão por bairros:

Fonte: Prefeitura de Santos¹⁴

Atualmente, Santos vive importante momento de expansão econômica e desenvolvimento com a ampliação do porto; a exploração do pré-sal pela Petrobras, que constrói um complexo de três torres no bairro Valongo; e com o chamado *boom* imobiliário – nos últimos anos aumentou significativamente o número de empreendimentos residenciais e comerciais em construção e com preço do metro quadrado bastante elevado em toda a cidade, o que também valorizou terrenos e imóveis já existentes. Soma-se a isso o crescimento do turismo, o número de veículos nas ruas e o fato de ser a principal cidade da Baixada Santista, sendo passagem ou destino de muitas pessoas que residem em municípios vizinhos e que vem para Santos para lazer, trabalho e estudo, já que a cidade concentra universidades públicas e privadas.

¹⁴ Disponível em <http://www.santos.sp.gov.br/planejamento/planodir/zonas.html>. Acesso: 28.07.2013.

Com essa realidade, a atual Administração Pública do município elaborou a proposta de revisão do Plano Diretor de Desenvolvimento e Expansão de Santos, uma obrigatoriedade das cidades no primeiro ano de mandato do prefeito conforme a Lei Orgânica, visando atualizar o principal instrumento de política urbana e promoção do desenvolvimento. A revisão teve como diretrizes a promoção do desenvolvimento sustentável do município, por meio de novas ordenações do território e aperfeiçoamento de políticas que propiciem melhor qualidade de vida à população. Visa obter, a curto, médio e longo prazos, melhorias nas áreas de mobilidade, habitação, meio ambiente, economia/mercado de trabalho, uso do solo e gestão da política urbana.

Entre as principais estratégias para alcançar este objetivo está a aproximação das moradias dos locais de trabalho, ampliando a base econômica em áreas com pouca oferta de comércio e serviços, a exemplo da Zona Noroeste, onde muita gente se desloca diariamente para trabalhar em outras regiões do Município. O novo plano prevê ainda incentivo ao adensamento populacional da área central e do uso do transporte coletivo; ampliação dos programas de regularização fundiária e construção de moradias de interesse social; e estímulo à utilização de novas tecnologias e medidas de sustentabilidade ambiental.

Uma das inovações é a divisão de Santos em três macrozonas, que consiste na divisão para o planejamento e gestão do uso e ocupação do território, de acordo com suas características ambientais e geológicas. São elas: 'Insular' (área na Ilha de São Vicente), 'Continental' (parte no continente) e 'Estuário e canais fluviais'. A criação da macrozona do Estuário mostra que o Município pretende discutir o uso do canal de navegação e promover sua recuperação ambiental.

Com o crescimento da Cidade, intervenções viárias de grande porte interligadas também começam a ser executadas com investimentos municipais, estaduais e federais, para melhorar os acessos e o transporte público e eliminar gargalos logísticos históricos que afetam a população. Um dos empreendimentos a ser executado é na entrada da cidade, que consiste em um conjunto de intervenções dentro e fora da área urbana que beneficiarão motoristas dos cerca de 120 mil carros e 6 mil caminhões que trafegam diariamente pela entrada de Santos, segundo dados da Prefeitura. As obras incluirão a construção de dois viadutos que eliminarão o semáforo no cruzamento das avenidas Nossa Senhora de Fátima e

Martins Fontes, e da rodovia. Novos corredores de transporte coletivo também serão criados para dar mais mobilidade.

Outra intervenção em execução é a construção de um novo modal: o VLT (Veículo Leve sobre Trilhos), que faz parte do Sistema Integrado Metropolitano (SIM), um projeto de reestruturação do transporte público entre os municípios da região. Serão 17 km e 22 trens com tração elétrica, piso ao nível do chão, facilitando o deslocamento, e capacidade para 400 passageiros em cada composição. É executado pela EMTU (Empresa Metropolitana de Transportes Urbanos) e vai contribuir, inclusive, para a valorização e revitalização de algumas áreas da cidade.

O transporte intermunicipal ganhará também um túnel que interligará os bairros do Marapé, na Zona Leste, e São Jorge, na Zona Noroeste, atendendo cerca de 1 milhão de pessoas da Baixada Santista. Terá cerca de 1.300 metros de comprimento, duas pistas, corredor de ônibus e ciclovia. Será uma nova alternativa aos motoristas provenientes das cidades de São Vicente e Cubatão e do sistema Anchieta-Imigrantes.

Outro túnel, o submerso Santos-Guarujá, terá tecnologia inédita no país. Sua construção visa reduzir gargalos nos sistemas de balsas e de barcas. Com 762m de extensão e 950m de rampas, a previsão é que o motorista faça a travessia em cerca de dois minutos. E o Sistema Teleférico, que conectará a área central aos morros da Cidade, com tempo de viagem previsto entre 15 e 20 minutos. Seguindo o modelo adotado no Rio de Janeiro, terá cerca de 4km de extensão, cinco estações e capacidade para atender até mil passageiros por hora, nos dois sentidos. Esses projetos estruturantes de mobilidade urbana serão interligados, permitindo a conexão entre vários transportes e, segundo a Prefeitura de Santos, valorizarão a paisagem, o patrimônio ambiental, paisagístico e histórico.

Situação socioterritorial

Embora com renda per capita das mais altas do Estado e de outras cidades do país - remuneração média do santista é de R\$ 1.682,24, superior à renda média por morador em várias capitais, como Rio de Janeiro (R\$ 1.518,55), Curitiba (R\$ 1.516,17), São Paulo (R\$ 1.495,04), Belo Horizonte (R\$ 1.493,21) e Goiânia (R\$

1.268,41), segundo dados do IBGE -, Santos enfrenta a desigualdade social típica dos grandes centros urbanos, ainda que seja de médio porte. Em 2014, a Secretaria Municipal de Assistência Social elaborou um diagnóstico socioterritorial e confirmou que a região chamada Dique da Vila Gilda, na Zona Noroeste, e os morros são as áreas de maior vulnerabilidade da cidade. De acordo com o órgão, o estudo foi feito com base nos dados do IBGE 2010 e servirá para a Prefeitura de Santos traçar ações estratégicas conforme as necessidades de cada região.

O diagnóstico faz um retrato das condições e riscos sociais, com o objetivo de apresentar indicadores para a superação dessas situações no âmbito da assistência social. O levantamento mostra os locais com maior concentração de crianças e adolescentes, pontos a serem trabalhados principalmente pelo Centro da Juventude da Zona Noroeste e os Cras dessa parte do Município. O estudo também aponta, no outro extremo, onde vive a população com mais de 60 anos. As áreas de dique, morros e da orla são as que possuem a maior concentração de pessoas não economicamente ativas, sendo na zona da Orla onde se concentram idosos e no dique e morros, crianças. No entanto, mesmo com maior presença de idosos na Orla e Zona Intermediária, por outro lado, os morros e a região central apresentam a maior concentração da terceira idade que reside em domicílios cuja renda per capita não ultrapassa ¼ salário mínimo.

O diagnóstico constata ainda aumento da concentração de renda. Os 20% mais pobres da população detinham 3,73% da riqueza gerada no Município em 1991. Essa participação caiu para 3,31% em 2010. Por outro lado, os 20% mais ricos ficavam com 56,74% da riqueza em 1991 e, em 2010, com 59,69%. Ainda em termos econômicos, a menor renda per capita média fica no Dique da Vila Gilda, com 0,78 salário mínimo. O mapa de Santos expõe que a condição de extrema pobreza é preponderante nos morros e no dique, embora também seja presente na orla.

Média da renda domiciliar em salários mínimos por área de ponderação:

Zona Noroeste I –1,3

Zona Noroeste II –1,5
Dique –0,7
Zona Central – 1,7
Morros -1,2
Zona Intermediária –3,1
Orla I –5,7
Orla II –4,6

Fonte: IBGE – Censo Demográfico de 2010 e Equipe de Vigilância Socioassistencial da Secretaria Municipal de Assistência Social.

A seguir, mapa da cidade com as zonas de maior vulnerabilidade:

- No Grupo 1 (verde escuro) havia 46.411 pessoas (11,1% do total). O rendimento nominal médio dos domicílios era de R\$7.405 e em 1,0% deles a renda não ultrapassava meio salário mínimo per capita;
- No Grupo 2 (verde claro) havia 291.502 pessoas (69,8% do total). O rendimento nominal médio dos domicílios era de R\$3.864 e em 3,6% deles a renda não ultrapassava meio salário mínimo per capita;
- No Grupo 3 (amarelo) havia 11.323 pessoas (2,7% do total). O rendimento nominal médio dos domicílios era de R\$1.927 e em 13,7% deles a renda não ultrapassava meio salário mínimo per capita;
- No Grupo 4 (terra claro) havia 36.366 pessoas (8,7% do total). O rendimento nominal médio dos domicílios era de R\$1.760 e em 20,0% deles a renda não ultrapassava meio salário mínimo per capita;
- No Grupo 5 (terra escuro) havia 9.855 pessoas (2,4% do total). O rendimento nominal médio dos domicílios era de R\$1.512 e em 23,3% deles a renda não ultrapassava meio salário mínimo per capita;
- No Grupo 6 (lilás) havia 22.433 pessoas (5,4% do total). O rendimento nominal médio dos domicílios era de R\$1.185 e em 34,4% deles a renda não ultrapassava meio salário mínimo per capita.

Juventude e políticas públicas

O que é juventude? A definição mais abrangente de Juventude foi em 1985, quando a ONU estabeleceu como jovens pessoas com idade entre 15 e 24 anos. No Brasil são considerados jovens pessoas de 15 a 29 anos, conforme a lei nº 11.129/2005. São cerca de 50 milhões de habitantes jovens no país, segundo o Censo 2010. Em 2013, o Governo Federal instituiu o Estatuto da Juventude, por meio da lei nº 12.852, de 5 de agosto, que dispõe sobre os direitos dos jovens, os

princípios e diretrizes das políticas públicas de juventude e o Sistema Nacional de Juventude – SINAJUVE.

Em Santos são 90 mil pessoas entre 15 e 29 anos. As políticas para este público foram recentemente debatidas na cidade, que foi sede da Conferência de Políticas de Juventude no Mercosul e seus Desafios, realizada no fim de junho de 2013, marcando o encerramento do Ano da Juventude no Mercosul. O evento teve a finalidade de apresentar um panorama sobre a participação do jovem em diversos setores da sociedade, e reuniu autoridades e gestores de políticas de juventude de vários países do bloco econômico.

O Município conta com importante articulação do Conselho Municipal dos Direitos da Criança e do Adolescente - CMDCA e tem um Conselho Municipal de Juventude - CMJ, que em agosto de 2014 realiza a 6ª Semana Municipal da Juventude, com o tema 'Os desafios para uma sociedade sem violência'.

Em 2014 foi criada a Coordenadoria da Juventude, vinculada à Secretaria Municipal de Defesa da Cidadania da Prefeitura de Santos, com o objetivo de articular os serviços, programas e projetos, públicos e privados, mapeando e organizando a rede de atendimentos às políticas públicas da juventude. A Administração Municipal também firmou convênio com a Fundação Itaú e o Centro de Estudos e Pesquisas em Educação, Cultura e Ação Comunitária - Cenpec, para o programa Jovens Urbanos, que desde 2004 já beneficiou 8.885 jovens em São Paulo, Rio de Janeiro, Minas Gerais e Espírito Santo. A cidade de Santos é a primeira do litoral paulista a consolidar a parceria, que ajudará na qualificação de jovens para o mercado de trabalho.

A Prefeitura de Santos também aderiu ao Plano Juventude Viva, do Governo Federal, que tem como objetivo reduzir a vulnerabilidade da juventude a situações de violência, com foco prioritário sobre a juventude negra. A iniciativa é desenvolvida em 142 municípios pelo país. A adesão, por meio da Secretaria Municipal de Defesa da Cidadania – Secid, possibilitará desenvolver diversas ações e projetos para a prevenção à violência contra a juventude; para a sensibilização da opinião pública sobre a desconstrução da cultura da violência; para a inclusão, oportunidades e garantia de direitos para jovens em situação de vulnerabilidade; para ampliação da oferta de serviços públicos e da criação de espaços de convivência para a juventude

e comunidade; e para o enfrentamento ao racismo nas instituições que se relacionam com os jovens.

Na área da assistência social, o Município desenvolve políticas públicas voltadas à juventude em vulnerabilidade, por meio de três centros da juventude que oferecem opções de atividades gratuitas, com o objetivo de promover a inclusão social e o acesso a oportunidades por meio de oficinas culturais que ajudam a direcionar a formação profissional de muitos adolescentes.

Em média, as três unidades, localizadas na Zona Noroeste, Zona Leste e Morros, atendem 400 jovens por mês. Os centros da juventude oferecem diversas atividades culturais como aulas de dança, teatro, artes plásticas, música, entre outras, e mantêm programas de transferência de renda, em que o jovem participante, encaminhado pelos Cras, deve cumprir carga horária semanal. São eles:

- **Ação Jovem** – Iniciativa estadual, aderida pela Prefeitura de Santos, que visa à inclusão social. O adolescente participa de diversas atividades e é estimulado a concluir a escolaridade básica (bolsa auxílio mensal de R\$ 80,00);

- **Novo Rumo** – Iniciativa municipal para estimular o ingresso no mundo do trabalho no ramo da gastronomia, com aulas no Restaurante Escola Estação Bistrô. Os jovens depois são encaminhados ao Centro Público do Emprego de Santos, em busca de uma vaga de trabalho. O integrante do programa também participa de atividades desenvolvidas pelos Centros da Juventude de sua comunidade. Cumpre jornada de trabalho de 40 horas semanais (bolsa-auxílio mensal de R\$ R\$ 724,00; vale transporte; seguro de vida).

- **Programa Municipal de Valorização do Jovem – PVJ** – o adolescente participa semanalmente das seguintes oficinas: Teatro, Comunicação, Vídeo, Cidadania, Meio Ambiente, Saúde, CineJovem, Ócio Dirigido e Vivências da Juventude (bolsa-auxílio mensal de R\$ 130,00).

4. Makarenko e a coletividade

O legado deixado pelo pedagogo ucraniano Anton Semiónovitch Makarenko (1888-1939) conduz este estudo, que tem por finalidade refletir as contribuições de sua obra em práticas na interface Comunicação-Educação desenvolvidas junto a adolescentes de Santos em situação de vulnerabilidade social, participantes da Oficina de Comunicação realizada em dois Centros da Juventude – Cejuv da Secretaria Municipal de Assistência Social, localizados na Zona Noroeste e na Zona Leste, este último denominado Cejuv da Zona da Orla/Intermediária/Região Central Histórica.

Foi em uma época marcada pelo tsarismo que o pedagogo, nascido na cidade de Bielopólhe, região de Khárkov, Ucrânia, em 1º de março de 1888, colocou à prova sua pedagogia baseada na escola como coletividade. Filho de família operária – o pai era ferroviário e a mãe dona de casa -, lecionou ainda jovem em escolas primárias populares e, ao concluir o Instituto Pedagógico de Poltava, em 1917, administrou escolas em Kriúkov e Poltava. Mas sua grande missão educacional começou em 1920- durante 16 anos ele dirigiu as instituições educacionais Colônia Máxim Gorki (Poltava – 1920 a 1928) e Comuna Dzerjinski (Khárkov – 1927 a 1935), ambas na Ucrânia, para menores infratores e crianças e adolescentes abandonados. Makarenko faleceu aos 51 anos de ataque cardíaco em Moscou, em 1º de abril de 1939, ano de início da Segunda Guerra Mundial.

Sua pedagogia cresce nos movimentos revolucionários antitsaristas e socialistas, com a proposta de construir *ohomem novo*, engajado, requerido para a criação e o desenvolvimento da sociedade revolucionária. Todo o seu trabalho acontece em um momento em que os modelos escolares estavam em discussão nas sociedades socialistas e capitalistas, nas primeiras décadas do século XX. (LUEDEMAN: 2002, p. 19). “Não é por acaso que, nos anos de 1920, todos os pedagogos discutem a necessidade de formação do “novo homem”.” (2002: p. 20).

O educador teve influências do escritor e humanista russo Máximo Gorki; do filósofo e revolucionário alemão, Karl Marx; e do revolucionário e estadista russo, Lênin. A pedagogia de Makarenko coloca como necessária a formação desse novo homem soviético, comunista, trabalhador e culto, que saiba comandar e se subordinar em uma sociedade que visa abolir as diferenças de classe. Em sua

principal obra literária, *Poema Pedagógico*, em que narra toda a sua experiência na Colônia Gorki, explica o termo “recuperar”, para além do entendimento formal:

Para nós é pouco “recuperar” uma pessoa, nós precisamos reeducá-la de uma nova maneira, isto é, educá-la para que ela se torne não somente um membro inofensivo e não-perigoso da sociedade, mas para que se transforme num ativista atuante da nova era. (MAKARENKO, 1985: p. 257).

Em seu entendimento, a escola deve ser um ambiente coletivo, baseado na vida em grupo, na autogestão, no trabalho e na disciplina. Deve ser um espaço aberto, em contato com a sociedade e a natureza, onde as decisões são tomadas com a participação de alunos e professores. “Um lugar para a criança viver a sua realidade concreta como realização no presente, admitida como sujeito, comandante da sociedade, participante das decisões sociais em seu coletivo organizado”. (LUEDEMANN, 2002: p. 18). O coletivo deve prevalecer sobre o individual, pois para Makarenko não poderia haver educação senão na coletividade. Para ele, o grupo estimula o desenvolvimento individual. “A pedagogia socialista deve centrar sua atenção na educação do coletivo e aí, sim, estará educando o novo caráter coletivista de cada criança em particular”. (1985: p. 159).

Nesse projeto de construção da escola como ambiente coletivo, as normas, as regras, as atividades e ações educativas não poderiam ser fechadas em princípios abstratos. Era necessário analisar cada uma das necessidades concretas de cada fase para o desenvolvimento da coletividade, colocando assuntos para discussão de todos os envolvidos e com decisões tomadas no coletivo.

Na concepção de Makarenko, a única criança que pode ser entendida no processo pedagógico é a criança concreta, as diferentes crianças com suas marcas históricas, sociais, culturais e psicológicas. Assim, para o pedagogo, a escola não deveria ser um laboratório, um treinamento para a vida, um espaço isolado da vida em sociedade, mas a própria vida, uma nova realidade social.

O trabalho, enquanto princípio educativo, também não poderia ser tomado como algo abstrato para ele, mas sim, como parte de um sistema geral da coletividade. Sua escola, então, é organizada com os princípios da instrução geral e do trabalho produtivo, retirando a sala de aula da centralidade no processo pedagógico. Nesse sentido, ele coloca a importância da conexão entre instrução e

trabalho produtivo, em que os alunos podem ver os frutos concretos do que fizeram com as próprias mãos e no qual são levados a colaborar com o coletivo da qual fazem parte. “(...) Makarenko segue o princípio de Marx e de Lênin de estudo e realização do trabalho produtivo, ao lado da instrução geral”. (LUEDEMANN, 2002: p. 26).

Na Colônia Gorki, os adolescentes praticavam exercícios físicos; participavam de oficinas; faziam trabalhos manuais; tinham recreação, excursões e leitura. Encaravam a agricultura como um meio de subsistência e de melhoria da vida, e as oficinas como profissionalização. Assembleias e reuniões eram realizadas para discutir situações, como um objeto roubado, melhoria do prédio da Colônia, compra de materiais, limpeza e problemas particulares. O primeiro e o último voto eram sempre dos alunos.

Mas como educar diferentes personalidades para a coletividade, sem enveredar para um ensino massificado? Makarenko entendeu que a resolução desse problema estaria na constituição de um novo objeto da pedagogia, não mais a criança, e sim a “coletividade”, que também não poderia ser tomada como uma abstração, mas como um novo organismo social. (LUEDEMANN, 2002: p. 17). Assim, para Makarenko, todas as diferentes personalidades estariam contempladas, sem que se buscasse uma personalidade ideal, anulando as demais.

Seu trabalho tinha como principais pressupostos metodológicos, a confiança na organização e na autoridade; formas participativas de gestão; estratégias de democracia e direção coletiva; trabalho coletivo; moderação de elogios e demonstrações afetivas; e repúdio à coação física.

Na Colônia Gorki, instituição rural que atendia crianças e jovens, alguns deles órfãos que haviam vivido na marginalidade, Makarenko e sua equipe contracenaram com sujeitos das mais diversas personalidades que, pouco a pouco, se desenvolveram no processo de autogestão da Colônia. Na apresentação do livro *Poema Pedagógico*, Tatiana Belinky¹⁵ ressalta que o pedagogo viu em cada adolescente um grande diapasão de possibilidades.

¹⁵ Poeta, tradutora e dramaturga, Tatiana Belinky consagrou-se principalmente por sua obra para crianças. Nasceu em São Petersburgo, Rússia, em 1919, e aos dez anos mudou com a família para São Paulo. Com o marido Julio Gouveia, adaptou obras infantis para a TV - como Sítio do Pica-Pau Amarelo de Monteiro Lobato, entre outros clássicos. Seus livros e traduções já receberam diversos prêmios, como o Nestlé, o Jabuti e o "Melhor para Criança" da FNLIJ (Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil). Morreu em 2013.

Makarenko soube forjar o seu 'coletivo' numa amálgama de gente da melhor qualidade, jovens com coragem de viver, senso de responsabilidade social e de honra individual, numa prova exemplar do seu princípio educacional: exigir o máximo da pessoa e respeitá-la ao máximo. (1985:p.9).

Mas o início do trabalho na Colônia Gorki foi de dificuldades para Makarenko e sua equipe. Na época havia um debate em torno de diversas correntes pedagógicas e a reeducação dos jovens estava ainda muito marcada por preconceitos. Para alguns, dificilmente aqueles jovens mudariam ou dificilmente desenvolveriam uma cultura refinada, pois seu caráter estava marcado pela marginalidade, devendo ser educados apenas para o trabalho manual. (LUEDEMANN: 2002: p. 118). Para Makarenko, a resposta só poderia ser encontrada na relação entre teoria e prática, conforme descreve Luedemann:

A maioria dos intelectuais da Instrução Pública ucraniana emocionava-se com as terríveis histórias de meninos e meninas marginalizados, mas não acreditava sinceramente na possibilidade de superação desses problemas. Segundo a concepção dos burocratas ucranianos, para esses meninos não deveria haver uma exigência tão grande quanto para os meninos e as meninas integrados à sociedade; no lugar da exigência, a piedade e a educação para o conformismo, buscando apenas a readaptação à sociedade com algum tipo de trabalho de segunda categoria. (2002, p. 119).

Além disso, reestruturar o espaço da Colônia e organizar o processo pedagógico também não foi nada fácil.

Estudava com as mãos na cabeça, ouvindo os estrondos da guerra polonesa, do exército de Wrangel, que se encontrava logo ali, próximo de Novgorod; e, em Tcherkassi, lutavam os polacos. Sentia o caos de uma Velha Ucrânia que morria e de outra que nascia, mas ainda infestada de *batkos*, chefes dos bandos cossacos ucranianos. Resultado: a pressão dos acontecimentos, da necessidade urgente de uma ação de reeducação dos jovens levou Makarenko a fechar os livros e abandonar a ideia fixa em fórmulas pedagógicas e a pensar sobre o problema educacional que tinha diante de si. Rapidamente percebeu que o desenrolar dos problemas cotidianos deveria ser objeto de uma ação pedagógica, com preocupação para uma intervenção dialética (...). Makarenko resolveu então seguir sua intuição, construindo a coletividade educacional a partir das necessidades concretas da vida coletiva. (2002: p, 122).

Os primeiros jovens a chegar na Colônia zombavam da comida, das portas e das janelas sem pintura. Queriam ser servidos, reclamavam da alimentação e não ajudavam em nada. Foram meses até conseguir fazer com que fossem rachar

lenha,o início do sistema de autogestão da Colônia. Faltava muito para eliminar toda indisciplina e egoísmo, e foi preciso ser radical: certa vez, Makarenko deu uma bronca e um tapa no rosto de um dos meninos. “A partir daí, os primeiros educandos entenderam que era melhor aprender a trabalhar e a conviver no coletivo, do que voltar para cumprir suas penas na prisão”. (2002, p. 126).

As educadoras da equipe de Makarenko reprovaram sua atitude, mas perceberam a necessidade da reação extrema e notaram que os jovens passaram a admirá-lo e a respeitá-lo. No outro dia, Makarenko comunicou as regras da colônia - era preciso deixar claro que não ali era um lugar sem regras e que todos deveriam respeitá-las. Makarenko enfrentou críticas sobre seu método pedagógico, além de dificuldades de auxílio do Estado Soviético com a crise de escassez de alimentos e roupas. Isso agravava a situação na Colônia, onde o conflito principal foi a construção da coletividade e a transformação dos sujeitos nesse processo.

(...) a realidade não se transforma apenas pela força das palavras. Os antigos hábitos ainda existiam e continuariam a existir por muito tempo, principalmente diante da falta de alimentos e roupas. A coletividade era chamada a se colocar em alerta contra atos individualistas. (2002: p. 130).

A fome, nesse início de trabalho, era o principal problema. Certa vez, um colonista conseguiu uma rede para pescar, mas se escondia para comer sozinho o peixe que pescava. Diante da situação, Makarenko iniciou uma luta contra o individualismo. A situação virou motivo de união entre os sujeitos e despertou o sentimento de pertencimento, da compreensão de que todos eram donos da Colônia Gorki e que o seu funcionamento dependia de cada um.

Foi preciso mostrar que ali tudo era de todos; a frigideira, o óleo, a rede e os peixes pescados. O combate ao individualismo fazia parte de um processo de desenvolvimento de atividade práticas em que os educandos percebessem o *nosso* no lugar do *meu*. (2002, p. 129).

Foi preciso organizar o trabalho produtivo para atender às necessidades do coletivo, independentemente da ajuda do Estado, e isso significava enfrentar vários problemas educacionais e políticos. Era preciso organizar um sistema geral em que o trabalho estivesse relacionado com uma nova prática social no interior do coletivo.

Era preciso retirar o caráter sagrado do trabalho, mostrando que o mesmo, isolado de um sistema geral de educação, não influencia na formação de novos homens. Ao contrário, dependendo do modo como o trabalho é realizado, pode resultar na negação da educação libertadora, acentuando apenas os antigos vícios do passado; exploração, competição, individualismo, acumulação. (2002, p. 129).

Estabeleceu-se então o sistema de autogestão da Colônia, com metas para superar as dificuldades e garantir alimentação. Os educandos passaram a ser trabalhadores e estudantes. Com rigidez e disciplina combinadas a afeto, compreensão e valorização, Makarenko conseguiu índices positivos de melhora no comportamento dos jovens da Colônia Gorki, a princípio rebeldes e complicados. “(...) eu defendia a criação de um coletivo vigoroso, e, se necessário, severo e motivado, e só sobre o coletivo é que eu apoiava todas as esperanças”. (MAKARENKO, 1985: p. 153). Ali, meninos e meninas órfãos e marginalizados foram reeducados para assumirem o comando de suas próprias vidas e da sociedade. Ao longo do processo de trabalho, os sujeitos adquiriam consciência de suas obrigações e desenvolviam iniciativa, autonomia.

Nessa diversidade de personalidades, um dos pontos básicos e importantes do seu pensamento de educação era ignorar as histórias anteriores, para não haver pré-julgamento.

Para mim, o método básico da reeducação dos delinquentes era um que fosse fundamentado na mais completa ignorância do passado e, mais ainda, dos crimes passados. Pôr em prática esse método na sua totalidade não era nada fácil nem sequer para mim mesmo, pois entre outros obstáculos eu tinha de vencer a minha própria natureza. Eu sempre tinha impulsos de descobrir por motivo de que o colonista fora enviado para a colônia, o que ele teria aprontado. (1985: p.257).

Aos poucos, o interesse pelo passado dos jovens foi desaparecendo em toda equipe e nos próprios colonistas, como se uma nova perspectiva de vida surgisse a partir daquele contexto.

Da maneira mais sincera, deixamos de nos interessar pelos crimes pregressos dos colonistas, e nos saíamos tão bem nesse empenho que os próprios colonistas logo os esqueciam. Causava-me grande alegria ver como pouco a pouco desaparecia na colônia todo e qualquer interesse pelo passado, como sumiam dos nossos dias os reflexos dos dias repugnantes, malsãos e hostis a nós todos. Nesse sentido, conseguimos atingir o ideal completo: até mesmo os colonistas novos já se pejavam de relatar os seus feitos (1985: p. 258).

Makarenko provou que as teorias sobre os sujeitos difíceis poderiam mudar a partir de uma nova vida na coletividade escolar. Ele discorre:

O aspecto mais perigoso continuará a ser, por muito tempo, o medo perante a diversidade humana, a incapacidade de construir um todo equilibrado na base das diferenças. Por isso... cortar todos pelo mesmo molde, meter o ser humano no chavão estereotipado, educar uma série reduzida de seres humanos parece uma tarefa mais fácil do que a educação diferenciada. (LUEDEMANN, 2002: p. 274).

Em seu trabalho, observou que o próprio coletivo só pode funcionar enquanto coletivo se não lhe faltar perspectivas de vida e de alegria, e que esses sentimentos de individuais tornem-se de todo o coletivo. Luedemann menciona Mario Alighiero Manacorda, que em *História da Educação* cita a perspectiva pedagógica makarenkiana:

A educação dos sentimentos é viável somente se se conseguem propor essas perspectivas de tal forma que de individuais tornam-se de grupo e do grupo cheguem à classe social, ao povo todo e a todos os homens do mundo. O trabalho, a colaboração, as perspectivas de alegria e a felicidade para todos os homens (e não apenas a felicidade do indivíduo, expressada no *Setecentos* por Locke, Rousseau e pelos revolucionários da América e da França) eram os métodos e os fins da pedagogia de Makarenko, tão exigente e rigoroso, quanto otimista. (LUEDEMANN, 2002: p. 24 e 25, *apud*. Mario Alighiero Manacorda, em *História da Educação*).

No texto *Metodologia para a organização do processo educativo*, considerado uma das mais importantes obras de Makarenko escrita entre 1935 e 1936, quando trabalhava em Kiev como auxiliar de direção das Comunas de Trabalho do Comissariado do Povo do Interior da República Socialista Soviética da Ucrânia, já afastado da Comuna Dzerjinski, o pedagogo afirma que é preciso desenvolver nos educandos a capacidade de melhorar seus comportamentos mas mais diferentes situações. “(...) É preciso exigir que se mantenha o silêncio quando é preciso, ensinar os educandos a não gritarem sem motivo, a não rirem em altas gargalhadas e a não se excederem nos movimentos desnecessários” (LUEDEMANN, 2002: p. 302). Para Makarenko, uma forma especial de moderação é a cortesia. Quanto aos

educadores, eles devem ser amáveis, cordiais, exceto quando houver necessidade de elevar o tom.

O sentimento de alegria é um ponto importante sempre destacado por Makarenko. Passa a ser um dos ideais da coletividade infantil, ao lado do esforço e da disciplina.

A alegria está presente na satisfação das necessidades básicas da alimentação e da vestimenta; na satisfação das necessidades culturais, de leitura, e das necessidades afetivas, na aprendizagem das relações de companheirismo e de proteção das crianças mais novas e do namoro. (LUEDEMANN: 2002, p. 27).

Os resultados do trabalho ao longo de 16 anos evidenciam que a mudança é gradativa e colhida dia a dia em pequenas transformações observadas nos educandos. Chegou um momento, inclusive, que havia um choque entre novos colonistas e as gerações mais velhas, já acostumadas com as tradições do trabalho coletivo, um sistema que se tornou orgânico ao longo do tempo.

Ainda assim, após anos de trabalho, Makarenko viu poucas transformações na estrutura educacional soviética. Para ele, “Devemos entregar como produto, não apenas uma personalidade que possua estes e aqueles traços, mas um membro da coletividade, a coletividade com determinadas características.” (MAKARENKO in LUEDEMANN, 2002: p. 275).

A vida prática seria o critério do trabalho vivo da pedagogia comunista. No lugar dos parâmetros ideais, eternos e absolutos, Makarenko definiu as tarefas concretas: produto de um planejamento consciente, das necessidades sociais, sempre em transformação e num processo dialético (2002: p. 278), para que as próprias necessidades do coletivo modifiquem o individual. “A vida escolar deveria ser capaz de atender à necessidade geral do coletivo e a cada uma das necessidades particulares das crianças”. (LUEDEMANN, 2002: p. 26).

4.1. Destacamentos, círculos e perspectivas

Makarenko não só demonstrou a necessidade de criar na escola um ambiente social propício para a experimentação de novas relações sociais, mas também mostrou que era preciso reinventar a escola como espaço central de participação social das crianças e dos jovens, criando novas tradições, criando uma rede de subordinação entre iguais. Os próprios educandos se educariam junto com os educadores, numa verdadeira democracia operária.

O pedagogo criou a proposta de formação de grupos de trabalho, os chamados *destacamentos*, que consistia na distribuição dos colonistas para oficinas e para o trabalho agrícola, sob coordenação de um comandante – um jovem nomeado por Makarenko em cada grupo, que devia prestar contas do trabalho. Todos os comandantes constituíam um órgão central de autogestão, o Conselho da coletividade (Conselho de chefes de destacamentos). A Colônia Gorki era auto-suficiente e a sobrevivência de cada um dependia do trabalho de todos, caso contrário não haveria comida nem condições de habitação aceitáveis. Entre as funções da direção de um destacamento estavam elevar o nível cultural dos educandos; eliminar palavras grosseiras e palavrões; habituá-los a resolver conflitos sem discussões nem brigas; lutar contra as tendências negativas dos educandos; e incentivar o respeito pelo trabalho alheio.

Mas foi com os chamados *destacamentos mistos* – provisórios – que Makarenko conseguiu mudanças significativas em seus educandos, um coletivo unificado, “no qual havia diferenciação de trabalho e organização, democracia na assembleia geral, ordem e subordinação de um companheiro a outros, mas no qual não se formou uma aristocracia – uma casta de comandantes” (MAKARENKO, 1985: p. 238). Nos destacamentos mistos, os jovens cumpriam tarefas breves, pontuais e definidas por não mais de uma semana, como arar um pedaço de terra, remover o estrume, semear, limpar o material da sementeira e mondar batatas num campo. O destacamento misto deixava de existir quando a tarefa era terminada.

No destacamento permanente, cada colonista tinha o seu comandante efetivo. Já nos destacamentos mistos, a cada tarefa nova havia um novo comandante, para que todos os jovens pudessem ter a experiência de comando e de subordinação, cada qual com sua responsabilidade. Com esse sistema, cada

educando participava das funções de trabalho e também da organização, o que, para Makarenko, se fazia necessário na educação. (1985:p.241). Para ele, criava-se com isso uma cadeia complexa de interdependências e, nesta cadeia, um colonista já não podia se destacar sobre o coletivo. (MAKARENKO, 1985: p. 241).

Com esse trabalho de revezamento de papéis, conseguiu fazer com que cada adolescente tivesse a experiência de ser o comandante de uma equipe e de ser subordinado a um comandante, desenvolvendo com isso o respeito mútuo entre os sujeitos e relações recíprocas provocadas pela subordinação entre os iguais. Sendo assim, as formas de comportamento baseadas no acomodamento e no autoritarismo, vividas na relação explorado-explorador, não mais existiam. Conforme seu pensamento, “A pedagogia socialista deve centrar sua atenção na educação do coletivo e aí, sim, estará educando o novo caráter coletivista de cada criança em particular”. (1985: p. 159).

Em *Metodologia para a organização do processo educativo*, Makarenko discorre sobre a proposta da divisão das crianças em círculos e clubes para um trabalho cultural, sejam eles uma banda, de literatura, de instrumentos musicais específicos, de pintura, trabalhos manuais, dança, fotografia, contos, línguas estrangeiras, desportivos, xadrez e damas. A prestação de contas de cada círculo deveria ser em forma de espetáculos, concertos, exposições, jornais de parede ou relatórios. Nesse sistema social criado por ele, um coordenador designado é o elo entre o coletivo primário e a coletividade geral, entre os educandos e a direção pedagógica. E diariamente o coordenador informa à direção as atividades desenvolvidas e as dificuldades enfrentadas.

Makarenko afirma que é preciso exigir algum trabalho que possibilite às crianças alcançarem satisfações pelo esforço. Ressalta que a vida da coletividade deve ser cheia de alegria, mas não uma alegria de simples divertimento e satisfação imediata, mas uma alegria provocada pelas tensões e êxitos de trabalho do dia de amanhã. Exemplifica com a tarefa de propor aos educandos a construção de uma pista de patinagem. Os educandos iniciarão o trabalho com entusiasmo, atraídos pela simples expectativa de que terão divertimento, e isso envolverá a todos. (2002, p. 315). Makarenko deixa claro a necessidade dos alunos viverem situações concretas de responsabilidade para compreenderem o valor concreto, prático, de cada princípio teórico da educação comunista.

Educar um ser humano significa, para o educador, formar nele capacidades para que possa escolher caminhos com perspectivas. No texto *Metodologia para a organização do processo educativo*, além de sistematizar a proposta de constituição da coletividade a partir do funcionamento da autogestão no destacamento e também o trabalho cultural com a formação de círculos e clubes, ele discorre sobre a criação das perspectivas da coletividade.

A metodologia consiste em utilizar as perspectivas existentes, organizar novas e colocar como desafio outras mais elevadas. “Pode-se começar com um bom almoço e com uma ida ao circo, mas é preciso sempre animar toda a coletividade pela vida e gradualmente alargar as suas perspectivas, enaltecê-las até o nível dos objetivos de todo o país”. (LUEDEMANN, 2002: p. 312). Para ele, “quanto mais ampla é a coletividade cujas perspectivas se identificam com as perspectivas pessoais do indivíduo tanto mais nobre e belo é este último”. (2002: p. 312).

Tomando a educação como um processo, ele desenvolve uma sistemática de perspectivas para mobilizar e incentivar os educandos: a perspectiva próxima, a perspectiva em médio prazo e a perspectiva a longo prazo. É preciso animar a coletividade pelo otimismo da perspectiva. Para Makarenko, o aluno que aprendeu a lição acorda sempre com uma boa perspectiva.

O trabalho na oficina não deve ser uma cadeia de procedimentos monótonos e aborrecidos. Em cada oficina, em cada grupo de máquinas deve sempre existir uma tarefa de honra que cativa todos pelo seu significado no processo de desenvolvimento da instituição, pelo seu interesse técnico e benefício direto na aquisição de hábitos de certos educandos. Se na instituição se consegue criar um espírito de ânimo como este, os educando levantam-se de manhã já entusiasmados com a alegre perspectiva do dia de hoje. (LUEDEMANN, 2002: p. 316).

A perspectiva próxima consiste em uma aspiração coletiva para o dia de amanhã, repleto de esforço e êxito conjuntos. Conforme o autor, qualquer alegria perante a coletividade, por menor que seja, torna-a mais forte, mais unida e mais animada. “Às vezes é necessário colocar diante dela tarefa difícil e digna; em outras ocasiões é preciso proporcionar-lhe a satisfação infantil mais simples: dentro de uma semana ao almoço haverá gelado”. (2002: p. 317). Em sua visão pedagógica,

Um verdadeiro estímulo da vida humana é a alegria do amanhã. Na técnica pedagógica esta alegria do amanhã é um dos objetos mais importantes do

trabalho. Primeiro, é preciso organizar a própria alegria, fazê-la viver e convertê-la em realidade. Em segundo lugar, é necessário ir transformando insistentemente os tipos mais simples de alegria em tipos mais complexos e humanamente significativos. (2002: p. 311).

No processo, a perspectiva em médio prazo consiste em projetar e organizar um acontecimento coletivo em um futuro próximo, como por exemplo, a participação em desfiles festivos, a celebração de datas, o dia do aniversário da instituição infantil, uma data comemorativa, o início e o fim do ano letivo, a inauguração de uma nova oficina, o cumprimento da produção projetada pela fábrica, as férias de verão, entre outros. (2002: p. 318). Segundo Makarenko, essa perspectiva só terá significado se for conferida uma importância especial para este acontecimento, se houver uma preparação para esse momento.

Na perspectiva em longo prazo, Makarenko afirma que ela constitui uma etapa muito importante na ampla educação política, pois serve de transição natural prática para outra perspectiva mais ampla, que é “o futuro de toda a nossa pátria”. (2002: p. 320), visto que o jovem permanece temporariamente na instituição, em algum momento vai deixá-la. Segundo ele, o futuro e o progresso da União Soviética constituem o grau mais elevado na formação das perspectivas. E não é só saber, falar ou ler sobre esse futuro, mas experimentar o avanço do país, o seu trabalho e os seus êxitos. (2002: p. 320 e 321).

Makarenko fala da importância de mostrar aos jovens não somente as datas heróicas da União Soviética a título de conhecimento, mas também em sensações, na experiência e no trabalho. De mostrar filmes revolucionários; debater acontecimentos importantes da União Soviética e compará-los com os da instituição; receber e organizar palestras com pessoas importantes do país e manter contato com outras instituições de crianças e adultos. “Para desenvolver este sentido de perspectiva é pouco estudar apenas o país e o seu progresso. É preciso mostrar a casa passo aos educandos que o trabalho e a vida deles é uma parte do trabalho e da vida do país”. (2002: p. 321). Para que entendam sua responsabilidade social e a importância de sua contribuição.

4.2. Desigualdade, segregação e vulnerabilidade: ‘Zona Faroeste’ e o Centro perigoso

O processo de desigualdade social nos centros urbanos desencadeia fenômenos como a violência, a criminalidade, o tráfico de drogas e a exploração sexual. Ao mesmo tempo em que as cidades contemporâneas se desenvolvem, paradoxalmente produzem formas de segregação espacial, fragmentação do espaço público, discriminação, preconceito e medo. Este último é reafirmado dia a dia nos noticiários da grande mídia e, conseqüentemente, é sentimento fortalecido nos cidadãos, gerando insegurança e uma condição de desqualificação ou destituição do outro, que é visto como ameaça (KOWARICK, 2002: p. 23).

Lúcio Kowarick chega ao âmago do conceito de exclusão ao relacioná-lo com o processo de estigmatização e discriminação, rejeição, repulsa e anulação daqueles julgados como “inferiores” (2002: p. 23). Sendo assim, as áreas onde residem as camadas mais pobres da população, como periferias, cortiços e regiões centrais das cidades, são associadas a lugares de violência, “bandidagem” e criminalidade. Kowarick discorre:

Nesse ponto chego ao âmago do que estou denominando de *princípio de exclusão social*, pois não se trata apenas de isolar, confinar ou banir, mas, seguindo as trilhas de Hanna Arendt, de negar ao outro o direito de ter direitos: é o instante extremo em que representações e práticas levam à demonização do outro, tido e havido como encarnação do mal e, portando, passível de ser eliminado. (2002: p. 24 e 25).

Em *Cidade de Muros* (2000), Teresa Pires do Rio Caldeira designa todos os tipos de conversas, comentários, narrativas, piadas, debates e brincadeiras que têm o crime e o medo como tema como *fala do crime*, que gera forte sensação de insegurança e medo da violência, fragmentando o espaço público. (2000: p. 27). Conforme a autora, a violência e o medo, que modificam a vida cotidiana das pessoas, refletem nas conversas que tem a criminalidade como principal assunto, fazendo o discurso do medo circular e se espalhar, criando estereótipos e preconceitos, promovendo a criminalização, separando e reforçando as desigualdades.

O medo e a fala do crime não apenas produzem certos tipos de interpretações e explicações, habitualmente simplistas e estereotipadas, como também organizam a paisagem urbana e o espaço público, moldando o cenário para as interações sociais que adquirem novo sentido numa cidade que progressivamente vai se cercando de muros. A fala e o medo organizam as estratégias cotidianas de proteção e reação que tolhem os movimentos das pessoas e restringem seu universo de interações. (2000: p. 27).

Esse medo proliferado por meio da repetição das histórias, também ajuda, segundo a autora a “(...) deslegitimar as instituições da ordem e a legitimar a privatização da justiça e o uso de meios de vingança violentos e ilegais”. (2000: p. 43). Para Caldeira, enquanto a experiência do crime rompe o significado e desorganiza o mundo, a *fala do crime* tenta estabelecer ordem num universo que parece ter perdido o sentido.

(...) as histórias de crime tentam recriar um mapa estável para um mundo que foi abalado. Essas narrativas e práticas impõem separações, constroem muros, delineiam e encerram espaços, estabelecem distâncias, segregam, diferenciam, impõem proibições, multiplicam regras de exclusão e de evitação, e restringem movimentos. Em resumo, elas simplificam e encerram o mundo. As narrativas de crimes elaboram preconceitos e tentam eliminar ambiguidades. (2000: p. 28).

É comum observar no cotidiano urbano formas de segregação espacial e preconceito atreladas ao medo assustador – evita-se caminhar por determinadas vias públicas e sair às ruas em determinados horários; atravessa-se de uma calçada a outra para não cruzar com um sujeito suspeito; e fecha-se o vidro dos carros quando o semáforo fecha para o motorista. Nesse universo estão ainda os muros e grades de proteção das residências; a segurança particular; e as câmeras de monitoramento instaladas por toda parte da cidade com a função de “vigiar”, dia e noite, os pontos de maior fluxo e movimentação.

Na fragmentação do espaço público estão também os chamados por Caldeira (2000) de *enclaves fortificados*, que são conjuntos de escritórios, shoppings centers, centros de lazer, parques temáticos e condomínios fechados. “São espaços privatizados, fechados e monitorados, destinados à residência, lazer, trabalho e consumo”. (2000: p.11). Segundo ela, esses espaços, por serem fechados e com acesso controlado, transformam o caráter das interações públicas e do espaço público, que deixa de ser espaço de convivência e de liberdade. “(...) criam um

espaço que contradiz diretamente os ideais de heterogeneidade, acessibilidade e igualdade que ajudaram a organizar tanto o espaço público como moderno quanto as modernas democracias”. (2000: p. 12). O mundo do lado de fora está associado ao perigo nas cidades urbanas e é preciso refúgio, um lugar de recolhimento e proteção – e também de consumo no casados shoppings centers. “São voltados para o interior e não em direção à rua, cuja vida pública rejeitam explicitamente”. (2000: p. 258 e 259). Segundo a autora, são espaços autônomos, podendo ser instalados em qualquer lugar, independentemente do seu entorno. Mas esse simulacro da segurança estabelece diferenças, impõe divisões e distâncias, separa e exclui.

Privatização, cercamentos, policiamento de fronteiras e técnicas de distanciamento criam um outro tipo de espaço público; fragmentado, articulado em termos de separações rígidas e segurança sofisticada, e no qual a desigualdade é um valor estruturante. (...) O novo meio urbano reforça e valoriza desigualdades e separações e é, portanto, um espaço público não democrático e não-moderno. (2000: p. 12).

Esse movimento também está relacionado, nas grandes metrópoles, ao que George Simmel (2005) chama de *intensificação da vida nervosa*. Para aliviar esse fluxo dinâmico, acelerado, movido pela engrenagem frenética do capital e atrelado à violência e à insegurança nos grandes centros urbanos, algumas tecnologias e projetos arquitetônicos pós-modernos parecem propiciar aos sujeitos uma sensação de segurança e tranquilidade.

Essa dicotomia está bem representada, por exemplo, nos condomínios residenciais fechados mencionados. Neles, vive-se um simulacro de uma comunidade real, com toda a tranquilidade e a liberdade aparentes garantidas pela segurança privada na porta, pelas câmeras e pelos altos muros que os cercam. Para garantir a sensação de liberdade, a maioria das casas não tem muro nem grades. Muitos condomínios possuem, inclusive, infraestrutura interna para que não seja necessário sair para o ‘lado de fora’ – contam com mercearias e farmácia, por exemplo. Uma aparente vida em comunidade - que isola e separa grupos sociais, transformando a qualidade do espaço público. (CALDEIRA, 2000: p. 11). Essa forma urbana, afirma Caldeira, que vem se configurando desde os anos 80 nas cidades brasileiras, gera espaços nos quais os grupos sociais estão, muitas vezes próximos,

porém separados por muros e tecnologias de segurança. E mais: tendem a não interagir nem circular em áreas comuns.

Para Caldeira, nesse universo, a separação está enraizada não somente nos discursos, mas também materialmente: nos muros altos, nas casas residenciais com grades ou câmeras e nas tecnologias de segurança. Conforme a autora, a *fala do crime* faz a mediação da violência:

Preconceitos e derrogações não apenas são verbais, mas se reproduzem em rituais de suspeita e investigação nas entradas de edifícios públicos e privados. À medida que os pensamentos e atos das pessoas são moldados pelo raciocínio categorizante da fala do crime, sua influência se espalha, afetando não apenas as interações sociais mas também as políticas públicas e o comportamento político. Assim, a ordem simbólica da fala do crime visível e materialmente faz a mediação da violência. (CALDEIRA, 2000: p. 44).

Inseridos nesse contexto de desigualdade social e segregação espacial está o jovem das regiões periféricas, estigmatizadas e discriminadas como locais de perigo e geradores de medo. A realidade desses jovens é diferente da vida de adolescentes das classes média e alta. No geral, sem perspectiva de mudança, eles ratificam o ciclo da pobreza já vivenciado por seus ascendentes. Robert Castel (1997), em *A Dinâmica dos processos de marginalização: da vulnerabilidade a “desfiliação”*, aborda sobre a questão da pobreza e sobre a lógica dos serviços sociais para medidas de proteção a populações que enfrentam essa situação. Segundo o autor, “a miséria está na base da maior parte das situações de grande marginalidade” (1997: p. 20). Mas como definir os níveis de pobreza para definir quem precisa de apoio, uma vez que as situações de vida não são homogêneas?

Castel exemplifica que nas sociedades européias até o século XIX, a maioria do campesinato e dos artesãos estavam no limite da pobreza, no sentido de não terem reservas, mas que no entanto eram considerados como autônomos e auto-suficientes e não dependiam de medidas sociais de proteção. Para o autor, “há uma indigência integrada que não é marginalidade”. (1997: p. 21). O que ele quer dizer com isso? Que o nível de recursos financeiros é apenas um elemento para caracterizar as situações marginais.

Seguindo essa linha de pensamento, ele discorre sobre os serviços sociais e sua lógica de medidas de proteção - recursos e instituições especiais de atendimento -, destinadas a determinados públicos, como indigentes, inválidos,

crianças abandonadas, velhice desamparada, doentes mentais, delinqüentes, drogados, entre outros. Conforme o autor, na sociedade atual soma-se a esses grupos, os desempregados, jovens dessocializados, famílias com a presença de um só dos pais, só para citar alguns exemplos.

Mas além do risco de confinar os assistidos numa espécie de destino social e institucional definitivo, observa-se cada vez mais novas formas de marginalidade que não se enquadram facilmente nesse sistema de categorização. Assim, certos jovens que povoam subúrbios deserdados em torno das grandes cidades são de modo geral, simultânea ou sucessivamente um pouco delinqüentes, um pouco toxicômanos, um pouco vagabundos, um pouco desempregados ou um pouco trabalhadores precários. (CASTEL, 1997: p. 22).

Conforme Castel, nenhum desses rótulos lhes caracterizam exatamente, uma vez que não se instalam permanentemente em um deles, mas circulam entre eles. Nesse sentido, o autor defende um enfoque transversal para esse público específico instável, dentro dessa abordagem classificatória por categorias, questionando o que elas têm em comum que não seja apenas sua condição econômica baixa ou um deficiência específica qualquer.

Seguindo esse enfoque, o autor discorre sobre situações que aparecem ao fim do processo de desligamento em relação ao trabalho e em relação à inserção relacional. Distingue três gradações para cada uma delas - trabalho estável, trabalho precário e não trabalho/ inserção relacional forte, fragilidade relacional e isolamento social. E explica que, juntando duas a duas essas gradações, teremos três zonas:

(...) a zona de integração (trabalho estável e forte inserção relacional, que sempre estão juntos), a zona de vulnerabilidade (trabalho precário e fragilidade dos apoios relacionais) e a zona de marginalidade, que prefiro chamar de zona de desfiliação para marcar nitidamente a amplitude do duplo processo de desligamento: ausência de trabalho e isolamento relacional. (1997: p. 23).

Fazendo um recorte da zona da vulnerabilidade, Castel afirma que ela ocupa posição estratégica, pois é um espaço social de instabilidade, em que os sujeitos estão em situação precária na sua relação com o trabalho e frágeis em sua inserção relacional. “Daí o risco de caírem na última zona, que aparece, assim, como o fim de um percurso. É a vulnerabilidade que alimenta a grande marginalidade ou a desfiliação” (1997: p. 26).

Exemplificando as sociedades européias antes da Revolução Industrial, no que concerne à zona da vulnerabilidade, o autor afirma que ela compreende pequenos trabalhadores independentes sem reservas econômicas e salários precários, como pessoas que fazem trabalhos manuais, braçais, diaristas, ambulantes, mercadores, entre outros. “Sua instabilidade é crônica e eles estão sempre ameaçados a passar para a terceira zona”. (1997: p. 24).

Castel então caracteriza a vulnerabilidade como a conjunção da precarização do trabalho e da fragilização dos apoios relacionais, uma zona instável, entre integração e exclusão, termo utilizado, conforme o autor, para qualificar as situações de não integração social. “Percebe-se, assim, que a precariedade do trabalho ou o desemprego e a fragilidade das redes relacionais, estão frequentemente associadas e ampliam os riscos de queda da vulnerabilidade (...)”. (1997: p. 31). Castel afirma que as periferias das grandes cidades são zonas de emergência de uma nova marginalidade.

Nessas zonas, particularmente, os jovens vivenciam uma relação duplamente negativa: em relação ao trabalho, quando a alternância do desemprego e do subemprego não permite definir uma trajetória profissional estável; e em relação às referências sociorrelacionais, uma vez que a família não possui um capital social a transmitir, quando o sistema escolar é estranho à cultura de origem, como a situação dos imigrantes, e quando a sociabilidade se esgota em relações esporádicas, ou se “mata o tempo” com pequenas provocações e pequenos delitos para superar o tédio de uma temporalidade sem futuro. (CASTEL, 1997: p. 32).

‘Zona faroeste’ e o Centro perigoso

Inseridas no contexto de desigualdade social, é importante ressaltar as características e o contexto histórico e social das duas partes da cidade onde residem os sujeitos deste estudo – a Zona Noroeste e a Zona Leste (nesta última, especificamente a Região Central, onde vivem a maior parte dos jovens). A Zona Noroeste é formada por 15 bairros, tem 10,7 km² de extensão e possui mais de 100 mil moradores. Em seu início, era um imenso manguezal, cortado por rios que, em dias de chuva ou maré alta, invadiam as moradias. Boa parte da sua população é

composta por migrantes nordestinos que vieram para essa área da cidade no início da década de 50 para trabalhar no polo industrial de Cubatão, e acabaram ocupando terrenos sem infraestrutura. Muitas moradias foram construídas em manguezais, aterrados no processo de loteamento.

Na região predominam atualmente casas (algumas de alvenaria, outras de madeira), sobrados e prédios de três andares. Nos últimos anos, a ascensão imobiliária no município também chegou a essa região, onde foram construídas cinco torres de apartamentos no bairro Castelo¹⁶, próximo à Passarela do Samba Dráusio da Cruz, onde desde 2006 são realizados os desfiles das escolas de samba do município.

Considerada área de grande vulnerabilidade social por inúmeros fatores, entre os quais violência, população de baixa renda, problemas de infraestrutura, ocupação desordenada e propagação de palafitas, a Zona Noroeste é prioridade, ao lado dos morros, de uma série de investimentos do poder público nos setores de habitação, emprego, saúde, meio ambiente e urbanização, cujo objetivo é a solução dos principais problemas locais: enchentes, ocupação desordenada e baixa renda da população. As ações integram o programa “Santos Novos Tempos”, em execução pelo poder público municipal, que visa eliminar em definitivo o problema das enchentes com a implementação de um sistema de macrodrenagem; construir conjuntos habitacionais para quem vive em palafitas; e realizar obras de urbanização e infraestrutura.

Já a Região Central, na Zona Leste, é onde estão concentradas atividades do setor portuário e do comércio. É marco do início da povoação de Santos, por volta de 1540, da expansão e apogeu do café, e do maior porto da América Latina. Formada pelos bairros Valongo, Centro, Vila Nova e Paquetá, no passado era onde morava a maior parte da população, sobretudo a elite santista, entre o final do século 19 e a primeira metade do 20¹⁷. No Valongo era onde se concentrava a maior parte da movimentação de carga e descarga de mercadorias, em área conhecida hoje como Largo Marquês de Monte Alegre. Ali, residiam famílias santistas de alto poder aquisitivo. Com o desenvolvimento do porto, do comércio e com a grande

¹⁶ Condomínio Parques de Morar, erguido em área de 17.200m².

¹⁷ Jornal A Tribuna 07.06.2010. Disponível em <http://www.novomilenio.inf.br/santos/h0100b76.htm>. Acesso: 21.07.2013.

movimentação de cargas no local, essas famílias buscaram outras áreas para morar, mais próximas à orla da praia, visto o surgimento dos bondes que transitavam até esta parte da cidade¹⁸. Como mostra André da Rocha Santos¹⁹, em *Habitação precária e os cortiços da área central de Santos*:

Entretanto, todo o processo histórico, econômico e espacial ocorrido até então será o momento de ruptura a partir do qual a região central da cidade consolidará sua tradição portuária e comercial e se tornará, com todas as transformações do final do século XIX e começo do XX, em uma cidade civilizada, saneada e moderna. Porém, esse será também o momento em que o Centro começará a perder uma de suas principais características – qual seja –, o lugar de moradia das camadas de alta renda. As espaçosas casas térreas e os sobrados do Paquetá e do Valongo são em pouco tempo transformados em habitações coletivas de estivadores, portuários e empregados do pequeno comércio. As famílias de maior poder aquisitivo tomam o “caminho da Barra”, isto é, das praias, que tiveram seu acesso facilitado pelo sistema de bondes puxados a burro, pela orientação das novas Avenidas Ana Costa e Conselheiro Nébias e pelos canais de Saturnino de Brito. A partir desse período, foi relegada ao Centro outra “função” na estruturação econômica e espacial da cidade. (SANTOS, 2011: p. 553).

No Largo Marquês de Monte Alegre é onde foi instalada a primeira estação ferroviária do estado de São Paulo, a São Paulo Railway, ligando Santos a Jundiaí, que até a década de 30 transportou café e outras mercadorias, além de passageiros²⁰. Foi desativada em 1995, com o desenvolvimento rodoviário. Dentro do processo de revitalização da região central, hoje o local é sede da Secretaria Municipal de Turismo, conta com o Restaurante-Escola Estação Bistrô, com o histórico Santuário Santo Antônio do Valongo e com o recém inaugurado Museu Pelé, erguido nas ruínas dos antigos Casarões do Valongo construídos entre 1867 e 1872. Ao longo de quase 150 anos, os prédios viveram do luxo a decadência - de suntuosa moradia a sede da Prefeitura e Câmara de Santos até cortiços. Porém, em 1985, um incêndio destruiu um dos prédios, sinistro que atingiu o outro em 1992²¹.

¹⁸ Disponível em <http://www.santoscidade.com.br/historia.php>. Acesso: 21.07.13.

¹⁹ SANTOS, André da Rocha. Habitação precária e os cortiços da área central de Santos. In: Cad. Metrop., São Paulo, v. 13, n. 26, pp. 549-571, jul/dez 2011. Disponível em http://www.cadernosmetropole.net/download/cm_artigos/cm26_225.pdf. Acesso: 20.07.13.

²⁰ Disponível em <http://www.estacoesferroviarias.com.br/s/santos.htm>. Acesso: 21.07.13.

²¹ Disponível em www.turismosantos.com.br/ptb/guia-de-santos/locais/ir/atracoes-em-santos/centro-historico/ruinas-dos-casaro-es-do-valongo. Acesso: 19.07.13.

Além disso, no entorno é construída a Unidade de Exploração e Produção de Gás e Petróleo da Bacia de Santos, da Petrobras, que ocupará área de 25 mil m².

O bairro Paquetá também já foi reduto da alta sociedade santista. No local está o Cemitério do Paquetá, onde estão sepultadas personalidades da história e da cultura da cidade e famílias tradicionais. O bairro Vila Nova, onde está o Mercado Municipal, também foi área nobre. Conforme André da Rocha Santos,

A deterioração de certas áreas urbanas é um fenômeno mundial que, desde meados da década de 1950, tem se intensificado em grandes cidades mundiais, possuindo relação direta com as formas de produção e consumo. Características como o forte crescimento populacional e a expansão física da malha urbana, além da inserção da cidade em um contexto econômico industrial, estabeleceram novas formas de apropriação e valorização do solo urbano com reflexos no mercado imobiliário, se manifestando mais intensamente nas áreas centrais dessas cidades (cf. Simões Jr., 1994, p. 11 apud SANTOS, 2011: p. 550).

Toda a região Central é foco do poder público para revitalização desta parte histórica da cidade. No bairro Vila Nova foi instalada a ‘Vila Criativa’, com cursos de capacitação profissional para a população em situação de rua que já está em abrigo e pessoas em situação de vulnerabilidade encaminhadas pelos serviços da assistência social. Nessa área, também estão previstas construções de sala de cinema a preços populares; nova creche, policlínica e centro turístico, cultural e esportivo. E a instalação da Escola Técnica Estadual onde está o Centro de Educação em Ciência, Tecnologia e Educação Acácio de Paula Leite Sampaio; e do Parque Tecnológico no Cais Santista – centro de pesquisa que tem como principal objetivo estimular o empreendedorismo e a inovação tecnológica

O bairro ainda conta com o Restaurante Popular Bom Prato e o tradicional Mercado Municipal da cidade, que passará por reforma, segundo a Prefeitura de Santos, e terá, em frente, uma estação do Veículo Leve sobre Trilhos - VLT. De acordo com o poder público, mudanças na Lei de Uso e Ocupação do Solo devem ser realizadas para estimular os empresários a investirem na construção de moradias nessa região.

Ao lado dos morros, a Zona Noroeste e a Região Central são áreas prioritárias dos investimentos públicos e, ao mesmo tempo, ainda são vistas sob o olhar do preconceito. Chamada pejorativamente de “Zona Faroeste” até pouco

tempo, a Zona Noroeste ainda é identificada como um lugar de muita violência e criminalidade, bem como o Centro, considerado local pouco seguro, de promiscuidade, onde contracenam viciados em drogas, sobretudo do crack; bandidos; pessoas em situação de rua e carrinheiros; e onde estão concentrados muitos prostíbulos – principalmente por ser uma área próxima à região portuária. O cenário se completa com os cortiços e imóveis antigos deteriorados e/ou abandonados. Uma área onde se torna perigoso transitar por certas ruas em determinados horários.

Para Caldeira (2000), os discursos sobre o medo frequentemente se referem ao crime, mas também incorporam preocupações raciais e étnicas, preconceitos de classe e referências negativas à população de baixa renda. De acordo com o Mapa da Violência, divulgado pelo Centro Brasileiro de Estudos Latino-Americanos – Cebela, com dados referentes a 2012, o homicídio é a principal causa de morte de jovens de 15 a 29 anos no Brasil e atinge especialmente jovens negros do sexo masculino, moradores das periferias e áreas metropolitanas. Em Santos, a taxa de assassinatos com jovens entre 15 e 24 anos é de 20,7 por 100 mil habitantes. Entre jovens negros, sobe para 27,4²².

O medo então gera formas de segregação espacial e discriminação. “As narrativas cotidianas, comentários, conversas e até mesmo brincadeiras e piadas que têm o crime como tema contrapõem-se ao medo e à experiência de ser uma vítima do crime e, ao mesmo tempo, fazem o medo proliferar” (CALDEIRA, 2000: p.9). Segundo a autora, esses enunciados de discriminação expressam a conjuntura de desigualdade existente nos centros urbanos, que gera violência, sentimentos generalizados de medo e insegurança e segregação. “Os encontros no espaço público se tornam a cada dia mais tensos, até violentos, porque têm como referência os estereótipos e medo das pessoas. Tensão, separação, discriminação e suspeição são as novas marcas da vida pública”. (CALDEIRA, 2000: p. 301). Todas essas formas de segregação espacial, que surgem da violência cotidiana, das conversas corriqueiras sobre o tema, do reforço da mídia em cada noticiário e do imaginário dos cidadãos, nos remete a essas duas regiões de Santos.

A fala do crime está na mídia, como se vê em reportagem de 7 de março de 2005, publicada no principal jornal de Santos, A Tribuna, referente à Zona Noroeste:

²² Fonte: Prefeitura de Santos.

Thaís da Silva, de 13 anos, admite que já foi vítima de discriminação social. "Foi numa discoteca. Quando falei que morava na Zona Noroeste, as pessoas falaram que aqui só havia bandido", conta a adolescente, que não deixa se abater com os comentários maldosos. "É chato ouvir esse tipo de coisa. Mas sempre respondo que bandido tem em toda a Cidade". A presidente da Sociedade de Melhoramentos da Vila Gilda, Lucinéia Marques de Lima Souza, já perdeu as contas das provocações que suportou por morar em um dos lugares mais pobres de Santos. Ela atribui parte da culpa aos meios de comunicação por, indiretamente, promoverem a desinformação. "A Imprensa só aparece aqui para fazer reportagens sobre a violência. Esquecem que também temos coisas boas para mostrar", diz a moradora²³.

No primeiro semestre de 2012, uma onda de violência marcou a Zona Noroeste: a morte de MCs e de um policial militar, provocando pânico nos moradores com os boatos de toque de recolher. Os crimes foram entre 10 e 28 de abril - seis assassinatos na Zona Noroeste e mais um na divisa entre os municípios Santos - São Vicente. Um ônibus do transporte público foi incendiado. Neste período estavam sendo desenvolvidas as oficinas de comunicação com jovens do Centro da Juventude. Os adolescentes referiam-se ao período como 'um abril negro' na Zona Noroeste e buscavam na Internet imagens das vítimas.

Para Caldeira, na vida pública moderna as pessoas se sentem restringidas em seus movimentos, ficam assustadas e sentem-se controladas. "(...) saem menos à noite, andam menos pelas ruas, e evitam as "zonas proibidas" que só fazem crescer no mapa mental de qualquer morador da cidade" (2000: p.301). Segundo a autora, "O universo do crime não só revela um desrespeito generalizado por direito e vidas, mas também diretamente deslegitima a cidadania". (CALDEIRA, 2000: p.11).

Na fala do crime estão o medo, o perigo e a insegurança. Lúcio Kowarick (2002) afirma que a violência constitui um elemento estruturador, banal e assustador das ações e pensamentos das pessoas no dia a dia, e são temas recorrentes de noticiários e reportagens da mídia, principalmente a hegemônica. Sendo assim, o olhar sobre o outro é de ameaça. E essa ameaça faz das pessoas, amedrontadas, agirem sob diferentes formas de segregação e preconceito – atravessa-se a rua para não passar ao lado de um possível suspeito, por exemplo. É o que Kowarick chama de "princípio de exclusão social". Ele afirma:

²³Jornal A Tribuna.

(...) pois não se trata apenas de isolar, confinar ou banir, mas, seguindo as trilhas de Hanna Arendt, de negar ao outro o direito de ter direitos: é o instante extremo em que representações e práticas levam à demonização do outro, tido e havido como encarnação do mal e, portanto, passível de ser eliminado. (2002: p.25).

Cabe aqui ressaltar também que as observações iniciais sobre os jovens apontam que Polícia e Violência são os temas que mais chamam a atenção do coletivo nos meios de comunicação, o que reflete, muitas vezes, o próprio contexto em vivem ou que estão próximos e *afala do crime* presente nas conversas cotidianas da população dos centros urbanos e que são fortalecidas pela mídia em sua divulgação exacerbada sobre assuntos dessa natureza. Para Kowarick, a violência tornou-se algo corriqueiro para a população das regiões periféricas.

Hábitos e rotinas são desenvolvidos a partir de uma experiência baseada em acontecimentos que produzem insegurança, que tanto podem ser relatos de vizinhos ou da televisão como fatos presenciados pelas próprias pessoas. (...) Esta percepção coletiva imaginária e real vai forjando um conhecimento acerca da violência, sobre os bandidos e os locais aonde não se deve ir, bem como da polícia e dos lugares onde ela nunca chega. (KOWARICK, 2009: p. 296).

De acordo com Caldeira, a fala do crime é também fragmentada e repetitiva, e ocorre em diversas interações entre os sujeitos, como se comentar e analisar os casos de violência fosse uma forma das pessoas encontrarem um meio de lidar com suas experiências ou com a inusitada violência.

A repetição das histórias, no entanto, só servem para reforçar as sensações de perigo, insegurança e perturbação das pessoas. Assim, a fala do crime alimenta um círculo em que o medo é trabalhado e reproduzido, e no qual a violência é a um só tempo combatida e ampliada. (CALDEIRA, 2000: p. 27).

Para a autora, é na troca verbal diária que as opiniões são formadas e as percepções moldadas. “(...) isto é, a fala do crime não só é expressiva como também produtiva”. (2000: p. 27).

4.3. O fortalecimento do sujeito

Enquanto parte integrante de uma política pública, o objetivo das Oficinas de Comunicação é não deixar com que adolescentes escapem e sejam perdidos para a criminalidade, para a drogadição, para uma vida sem perspectiva e sem motivação. Fortalecê-los é a grande missão – e desafio.

Faz-se necessário afirmar que esse trabalho opta por utilizar o termo *fortalecimiento*, apoiado na fundamentação teórica da psicologia comunitária. Na concepção deste campo da Ciência, o fortalecimento se dá por meio de um processo coletivo, com benefício para o grupo e para seus integrantes. Segundo Maritza Montero (2006), em *Teoría y práctica de la psicología comunitaria: La tensión entre comunidad y sociedad*, o fortalecimento é produzido, e não recebido, pelas pessoas envolvidas em um processo comunitário, e os agentes externos são facilitadores ou catalisadores, os provocadores.

En la praxis comunitaria (teoría e práctica) latinoamericana se entiende por fortalecimiento lo que hace hincapié en el aspecto colectivo, en el carácter liberador, en el control y poder centrados en la comunidad y sus miembros organizados, y sobre todo, en el carácter que éstos tienen de actores sociales constructores de su realidad y de los cambios que en ella ocurren (MONTERO, 2006: p. 70).

A condição indispensável do fortalecimento é que os sujeitos sejam o centro da ação e das decisões. Nesse sentido, a autora chama a atenção para as políticas públicas, para que não fortaleçam instituições e esqueçam os sujeitos.

Para que las políticas sociales puedan lograr máxima efectividad y generar desarrollo, es necesaria una ciudadanía fuerte, consciente y crítica; de lo contrario, lo que tiende a predominar es el clientelismo y la dependencia, la pasividad del usuario de servicios y los servicios que devienen entes burocratizados, devoradores del erario publico o privado, según el tipo de institución. (2006: p. 71).

Montero aborda três tipos de componentes no processo de fortalecimento: os intrapessoais, os interativos e os comportamentais (2006: p. 73 e 73), sendo,

Intrapessoais – se referem ao modo como o sujeito pensa sobre sua capacidade para influenciar em sistemas sociais e políticos; trata-se de um processo de auto percepção.

Interativos – consistem nas relações entre as pessoas e o ambiente que as capacitam para intervir em seu contexto. Incluem a consciência crítica sobre as condições de vida; o desenvolvimento de capacidades para tomar decisões e solucionar problemas, que são necessários para se comprometer ativamente com a transformação do entorno em que se vive.

Comportamentais - são as ações específicas tomadas para influenciar o ambiente social e político, participando em organizações e em atividades comunitárias.

A experiência desenvolvida na prática psicossocial comunitária tem encontrado, segundo a autora, algumas condições benéficas para que uma comunidade e seus integrantes se fortaleçam (2006: p. 81 e 82). É pertinente destacar algumas delas que estão em conexão com essa pesquisa:

- Criar situações cujos integrantes da comunidade – ou grupo – tenham o controle e direção das circunstâncias, conduzindo o processo, tomando decisões e executando-as;
- Planejamento da atividade partindo do modelo ação-reflexão-ação;
- Planejamento das atividades de modo que permita alcançar resultados imediatos. Essas atividades somadas conduzem a um objetivo de médio ou longo prazos – segundo a autora, uma atividade cuja meta é de alcance muito distante, gera uma aparente ausência de realizações e êxito, que compromete o desenvolvimento e pode levar ao desânimo e ao tédio. Realizações, por pequenas que sejam, geram a satisfação e o prazer de terem sido executadas e que de alguma forma modificou uma situação. Os pequenos êxitos compartilhados fazem a diferença e

produzem o fortalecimento, que é sustentado pela motivação de seguir atuando;

- O maior número de pessoas possível para executar as atividades, pois conforme a autora, por menor que seja a participação de um integrante, gera compromisso e, se for bem sucedida, gera fortalecimento.

Todo esse processo de fortalecimento no contexto comunitário tem como elemento principal para sua construção, a ação conjunta e solidária dos membros de uma comunidade, que compartilham objetivos e expectativas. Mas esse processo pode ser longo e difícil, sublinha Montero.

El proceso de fortalecimiento puede ser largo e arduo, y quienes hacemos psicología comunitaria debemos estar muy conscientes de que, precisamente porque es un proceso cuyos actores fundamentales son las personas miembros de una comunidad, no depende de nuestros planes, buenos deseos o interés, que sólo funcionan como factores concurrentes del proceso. Más aún, el tiempo del proceso no necesariamente coincide con el tiempo esperado o programado en los proyectos de trabajo comunitarios de los agentes externos. Se trata del tiempo de la comunidad y es necesario que sepamos observar, esperar e incluso ser sorprendidos. (2006: p. 74).

Além disso, a autora chama a atenção para alguns problemas e limitações do processo de fortalecimento. Para ela, não é útil nem conveniente iniciar um processo de fortalecimento se a possibilidade de escolher entre diferentes vias não são acessíveis, seja por causas externas ou internas à comunidade, pois pode ratificar o fracasso e a incapacidade para transformar uma situação. Também sublinha que se as pessoas de uma comunidade não compreendem nem pensam na possibilidade de realizar uma determinada ação, nem têm alguma forma de organização ou de solidariedade, a primeira coisa que se deve fazer é desenvolver essas condições internas mínimas.

Nesse sentido, o que se observa no processo desse trabalho é justamente a necessidade de fazer com que os sujeitos compreendam e pensem na possibilidade de construir um projeto ou de realizar uma ação conjunta de forma colaborativa e solidária, com espírito de equipe. Montero salienta que “(...) el proceso de

fortalecimiento se da en una relación dialéctica entre individuos y colectividades”. (2006: p. 85).

5. Tecnologias digitais e juventude: a interface Comunicação-Educação

Os estudos da interface Comunicação-Educação são vitais para compreender a chamada sociedade do conhecimento, os avanços da tecnologia e as novas formas de ensinar e aprender na contemporaneidade. O surgimento do ciberespaço, definido por Pierre Lévy (1999) como o novo meio de comunicação que surge da interconexão mundial dos computadores, é irreversível. O autor explica que o ciberespaço especifica não apenas a infraestrutura material da comunicação digital, mas também o universo de informações que ela abriga e as pessoas que navegam e alimentam esse universo. (1999: p. 17). Ele define o neologismo *cibercultura* “como o conjunto de técnicas (materiais e intelectuais), de práticas, de atitudes, de modos de pensamento e de valores que se desenvolvem juntamente com o crescimento do ciberespaço” (1999: p.17).

A aceleração do fluxo na sociedade capitalista criou novos valores com a cultura do consumo. Caracterizam o nosso tempo, o efêmero, o fugaz, a velocidade, o imediatismo, o superficial, a quantidade. A chamada *geração touchscreen* nasce no berço da cibercultura e cresce imersa nas tecnologias e em seu incessante avanço. A cada novo dia surgem modelos inovadores de computadores e celulares com telas planas e sensíveis ao toque; câmeras fotográficas e de vídeo com efeitos especiais, dispositivos modernos e fáceis de manejar; novos aplicativos, plataformas e portais na Internet.

As mídias se interrelacionam: aparelhos celulares tiram fotografias, gravam voz e imagens, acessam a Internet; no espaço virtual é possível ouvir rádio, assistir a um vídeo, ler a versão online de um jornal ou revista, baixar músicas e filmes. Os noticiários televisivos não raro exibem imagens captadas por celulares de telespectadores; enquanto nos jornais impressos é possível ler opiniões de internautas emitidas nas redes sociais.

A pós-modernidade assiste ao que Henry Jenkins (2008) chama de *cultura da convergência*. A expressão define as transformações tecnológicas, mercadológicas, culturais e sociais do mundo global, em que os consumidores são estimulados a fazer conexões em meio a conteúdos midiáticos dispersos e fazem questão do seu papel de participante. Para Jenkins, a era da convergência das mídias permite modos de audiências comunitários, já que são participativas e interativas. O consumidor contemporâneo passa a ser então também produtor de conteúdo, interagindo com os instrumentos tecnológicos e utilizando suas possibilidades de interconexão.

Os cidadãos comuns têm hoje possibilidade de criar produtos midiáticos, fazer infinitos registros fotográficos e apagar aqueles que não ficaram de seu agrado. Podem modificar uma imagem; filmar por meio de um aparelho celular; editar um vídeo pelo computador; criar uma página virtual na Internet, entre outros. Desse modo, Jenkins relaciona os três seguintes conceitos: convergência dos meios de comunicação, cultura participativa e inteligência coletiva (2009: p.27), para entender o novo paradigma midiático. Diante desse contexto, Maria Teresa Quiroz Velasco (2010) questiona:

¿Qué cambios ocurren en los valores de los jóvenes y en sus formas de relación? La sociedad de consumo ha impregnado nuevos valores a lo largo del tiempo, y a producido diferencias en las nuevas generaciones, las cuales se desenvuelven a otras velocidades, no valoran la historia sino el momento presente, y buscan ser protagonistas de sus decisiones, visibilizando su existencia. (2010: p. 187).

Identificados como *nativos digitais*, expressão postulada pelo norte-americano Marc Prensky, os jovens da atualidade se diferenciam de seus pais e professores chamados por ele de *imigrantes digitais*²⁴. Na velocidade do advento das máquinas, eles são capazes de aprender com rapidez, estão imersos em relações interativas e fazem uso das tecnologias com propriedade e domínio.

²⁴ Disponível em <http://marcprensky.com/writing/default.asp> e <http://www.marcprensky.com/international/Leia%20entrevista%20do%20autor%20da%20expressao%20imigrantes%20digitais.pdf>. Acesso: 17.06.14.

“(…) por esse motivo su visión de la realidad se construye tejiendo los hilos o los partes de los hechos y situaciones a través de la navegación en Internet”. (QUIROZ VELASCO, 2010: p. 191). Inserida nessa conjuntura está a instituição Escola, com o desafio crucial de proporcionar ensino de qualidade e, ao mesmo tempo, prazeroso, interessante e atrativo ao estudante com tanto acesso à informação.

Os desafios esbarram ainda, principalmente no ensino público, na carência de estrutura frente ao aparato tecnológico existente; nos baixos salários dos professores, que se sentem desmotivados e desrespeitados; e no ensino que pouco fomenta o desejo de aprender frente ao acesso fácil à informação. A escola atual torna-se enfadonha, tediosa e os espaços de educação não-formais mais atraentes.

Além disso, adolescentes em vulnerabilidade social se encontram também em condição desfavorável em relação às classes sociais com maior acesso às tecnologias digitais. O que se constata é, muitas vezes, uma falsa e indigna inclusão desse jovem no mundo digital. Quiroz Velasco afirma:

Particularmente, en América Latina, la desigualdad no puede entenderse ni reducirse a un asunto material, de recursos técnicos, sino más bien a un acceso digital a los nuevos recursos de la individuación, muchos de los cuales están vinculados a los conocimientos facilitados por la digitalización. Por ese motivo, puede haber muchos niños o adolescentes nativos por edad, pero que sin embargo, por la desigualdad educativa o por pertenecer a un universo familiar con muchas carencias, no disponen de la educación y las facilidades propias a este universo de capacidades que se describe como característico a estos grupos de edad”. (2010: p. 190).

A autora questiona a diferença entre crianças e jovens de famílias que estimulam a leitura, a interpretar imagens e a dar opiniões, com aquelas cujo estímulo intelectual é menor, que a educação dos pais é mais rasa. Para ela, não se trata de uma questão meramente tecnológica, mas também cultural (2010: p.191). Tal pensamento vai ao encontro da motivação inicial desta pesquisa: a dificuldade de propiciar educação de qualidade com igualdade de condições a todos os estudantes, em razão de problemáticas como analfabetismo, violência, envolvimento com drogas e miserabilidade. A essa problemática, Quiroz Velasco chama de “brecha digital”:

(...) A la desigualdad económica se suma la brecha digital. Ésta no se reduce al acceso a los dispositivos tecnológicos o la conectividad, guarda más bien directa relación con capacidades de simbolización y decodificación, indispensables para usar la información como recurso simbólico y reflexivo para producir conocimiento e intercambiarlo?son iguales los niños y adolescentes cuyas familias les estimulan la interpretación de las imágenes, el ejercicio de la opinión y el desarrollo de múltiples capacidades, a aquellos de familias urbanomarginales y rurales, donde la violencia familiar es más frecuente, el estímulo intelectual menor y la educación de los padres más escasa?(2010: p. 190).

O avanço das tecnologias é irreversível e pode ser um meio para o fortalecimento de sujeitos em desigualdade de condições. Segundo Daniel Prieto Castillo (2010), “Este tiempo nuestro, atravesado por el universo virtual, ha abierto una infinita trama de caminos para recuperar voces, sentires y experiencias de quienes hacemos a diario la educación en nuestros países”. (2010: p.39). Para ele, as redes de aprendizagem colocam em jogo os seguintes elementos: participação, colaboração, ativismo cidadão, criação coletiva e alianças voluntárias. (2010: p. 38).

Com vasta gama de opções que possibilitam participação, expressão e voz, o jovem que não se vê mais passivo. “La televisión ya no les concierne tanto. Esto se debe a implica asumir una pasividad que los aburre. Necesitan un elevado nivel de (hiper) actividad, lo que está muy bien aprovechado en el modelo comunicativo de la era digital (QUIROZ VELASCO, 2010: p. 191).

Nessa perspectiva de participação, interação e diálogo, a possibilidade de expressão dos alunos aumenta sua capacidade de aprendizado. Mário Kaplún (2010) coloca em discussão a importância da interação entre apropriação do conhecimento e processo de comunicação, mencionando a inserção dos meios de comunicação na aprendizagem.

Conforme o autor, os comunicadores e educadores latino-americanos chegaram a conclusão que sem expressão não há educação. (2010: p. 53). Ele afirma que a cada vez que um aluno, por exemplo, precisa transmitir aos outros o conteúdo estudado e pesquisado, aprende melhor, assimilando com mais profundidade o conhecimento. “El sentido nos es solo un problema de comprensión, sino sobre todo de expresión. La capacidad expresiva significa un dominio del tema y de la materia discursiva y se manifiesta a través de la claridad, coherencia, seguridad”. (2010: p. 53).

Kaplún aponta que gerar emissores ativos contribui para a formação de receptores críticos. Mencionando o educador Celestin Freinet, que leva a ideia do

jornal escolar a uma instituição rural nas primeiras décadas do século 20 na França, o autor ressalta que o pedagogo, ao converter seus alunos em jornalistas, fez com que conhecessem por dentro a produção de um meio de comunicação, desmistificando-o.

Enquanto pequenos ‘jornalistas’, aprenderam a expressar suas ideias, a estudar e a investigar de verdade, porque agora tinham uma motivação: o conhecimento e a informação que produziam já não era mais para cumprir uma obrigação, já não era mais um dever escolar, mas sim um material que seria publicado e compartilhado com outras pessoas. “Aquel medio de comunicación cambió toda la dinámica de la enseñanza-aprendizaje”. (KAPLÚN, 2010: p. 45). O desenvolvimento do senso crítico dos alunos com a mobilização de produzir um jornal também é ressaltada:

No es sorprendente, pues, que aprendieran a leer la otra prensa – la profesional – con sentido crítico; ya sabían cómo un título puede impactar y predisponer al lector, cómo la manera de presentar una determinada información produce un determinado efecto de opinión, etc, porque lo habían experimentado por ellos mismos. (KAPLÚN, 2010: p. 59).

Ainda sobre Freinet, o autor aborda o conhecimento como um produto social, que se coletiviza, troca e multiplica, ou seja, comunica. Para ele, aprender e comunicar são componentes de um mesmo processo cognitivo, que devem ser recíprocos. “Educar-se es involucrarse y participar en una red de múltiples interacciones comunicativas”. (2010, p: 54).

Seguindo nesta linha, Quiroz Velasco afirma que nos espaços escolares onde os docentes escutam seus alunos, estes se sentem reconhecidos, e que não basta ter a tecnologia sem um projeto pedagógico inovador. Ela afirma:

Solamente en aquellos centros educativos, ricos o pobres, que tengan un proyecto pedagógico, que considere los factores sociales y culturales de sus alumnos y se trabaja con conceptos claros sobre la necesidad permanente de innovar y mejorar las prácticas de la enseñanza para facilitar la inclusión, el uso de las tecnologías fortalecerá los procesos internos. (2010, p. 198).

A autora ressalta ainda que a educação e a aprendizagem não se reduzem às escolas, às bibliotecas e aos livros. Está também além dos muros, está na vida, na convivência e na troca. Para ela, os problemas do ensino atual não estão em ter

mais ou menos tecnologia. Contudo, o crescimento do ciberespaço resulta num movimento internacional de jovens ávidos para experimentar, coletivamente, formas de comunicação diferentes daquelas que as mídias clássicas propõem. Segundo Lévy (1999), vive-se a abertura de um novo espaço de comunicação e cabe aos cidadãos explorarem as potencialidades mais positivas deste espaço nos planos econômico, político, cultural e humano. (LÉVY, 1999: p. 11). Ou seja, na aprendizagem para a vida.

5.1. Formação cidadã

Esse desafio ganha importante contribuição com as interfaces dos campos da Comunicação e da Educação, não no mero sentido de usar os recursos dos meios de comunicação e das tecnologias digitais no ensino, mas sim em como usá-los a serviço da educação em um processo participativo e dialógico entre educadores e educandos. O papel dos dois campos do conhecimento é de integrar as tecnologias a serviço do aprendizado complexo proposto por Edgar Morin (2010).

Segundo ele, o ensino segue “obrigando-nos a reduzir o complexo ao simples, isto é, a separar o que está ligado; a decompor, e não a recompor, e a eliminar tudo que causa desordens ou contradições em nosso entendimento. (2010: p. 15). O que ele chama de pensamento complexo aspira ao conhecimento multidimensional, sem fragmentos, interligando e relacionando todas as áreas do saber, o que se observa na educação não-formal.

Na obra *A cabeça-feita*, o autor remete à primeira finalidade do ensino, formulada por Montaigne na década de 1580: mais vale uma cabeça bem-feita que uma bem cheia. A frase cabe ao contexto pós-moderno, marcado pelo ritmo frenético do avanço tecnológico e pelo excesso de informações veiculadas nos diferentes meios de comunicação, sobretudo a Internet. Nela, sabemos, é possível ter o mundo diante da tela do computador. Há que se refletir: essa quantidade de informação e dados disponibilizados na rede informa ou desinforma? Gera conhecimento? Há que se pensar nesse uso, que parece ainda muito superficial. Conforme a Professora Doutora Lucilene Cury, “ainda utilizamos a internet com encantamento; chegará o tempo em que a utilizaremos com sabedoria”.

Morin propõe uma reforma no pensamento e no sistema de ensino, não apenas na trama pedagógica, mas em relação às experiências vivenciadas como produção do conhecimento. Para ele, o ensino atual precisa ensinar a viver, muito mais do que servir para transmitir conteúdos. Seu pensamento remete à perspectiva pedagógica de Makarenko, no sentido de formar cidadãos para a vida em sociedade, muito além de capacitá-los para o mercado de trabalho, para exercer uma profissão. “O processo educativo não se conclui na sala de aula, mas continua em cada metro quadrado de nossa terra”. (LUEDEMANN, 2002: p. 395).

Esse ensinar a viver de Morin, baseado na condição humana, deve ser interiorizado no sujeito, orientando-o de forma permanente, capacitando-o a se auto-organizar e a se perceber como parte da teia da vida. Dessa forma, o ensino tem de promover a formação integral do indivíduo, promovendo o diálogo entre as disciplinas, religando os conhecimentos, favorecendo a aprendizagem cidadã, desenvolvendo a consciência da solidariedade e o respeito à diversidade e à multiplicidade; e favorecendo a inclusão e a troca de experiências, premissas que também estão na ótica educacional makarenkiana.

Para Makarenko, “(...) o tempo de educar contempla todos os tempos sociais, inclusive da cultura, do lazer, do descanso, até mesmo quando as crianças estão se preparando para dormir”. (LUEDEMANN, 2002: p. 324). Da mesma forma, Morin, em seu pensamento integrado, não separa o ser humano do mundo e das coisas. Por isso, também a ética faz parte do ser e do agir na sociedade, e essa ética se reveste de compaixão, ternura e solidariedade, reflexos de um sujeito livre e responsável. A Ética, para Morin, é fundamentalmente reconstrutora do pensamento, amparando a consciência individual e coletiva do sujeito. “(...) que exige uma educação voltada para o autoconhecimento (apreender a ser), para a convivência (aprender a conviver), para a construção do conhecimento (aprender a aprender) e para a tomada de decisões (aprender a comprometer-se)”¹², pensamentos vão ao encontro da chamada cultura da Paz.

Diante dos desafios pelos quais a Educação se encontra frente às tecnologias e com a perspectiva educacional baseada na formação do sujeito para a vida em sociedade, Makarenko considera um ponto importante a destacar ao dizer que as tarefas e as metodologias não são eternas nem absolutas, muito menos um receituário.

As exigências da sociedade são válidas apenas para uma época cuja duração é mais ou menos limitada. Podemos estar completamente convencidos de que à próxima geração apresentar-se-ão exigências um tanto modificadas e estas modificações serão introduzidas gradualmente, à medida que se desenvolve e se aperfeiçoa toda a vida social (LUEDEMANN, 2002: p. 273).

Também se faz necessário destacar o pensamento de Morin no livro *Educar na era planetária: o pensamento complexo como método de aprendizagem no erro e na incerteza humana* (2003). Na apresentação da obra, feita por Jorge Werthein, então representante da Unesco no Brasil, o alerta: “O notável avanço da ciência e da tecnologia não foi nem está sendo seguido de avanços no plano existencial e ético. As guerras continuam e a violência se alastra e se instaura em ambientes que, há alguns anos, não poderíamos imaginar”.

5.2. Sujeitos: o grupo pesquisado

Inicialmente, no segundo semestre de 2012, o coletivo pesquisado era formado por 20 jovens de 14 a 18 anos, dos Centros da Juventude da Zona Noroeste e da Zona Leste, todos de famílias atendidas nos CRAS, e com renda familiar de até três salários mínimos. As oficinas tinham carga de 4 horas semanais em cada uma das unidades, totalizando 8 horas por semana. Em 2013 foram 23 adolescentes, também de famílias atendidas nos CRAS. Abaixo, contexto geral de vida desse grupo inicial:

Adolescente cumprindo medida socioeducativa. Estava em liberdade assistida.
Adolescente portadora de HIV (congenita). Já teve envolvimento com drogas.
Adolescente não assumido pelo pai; a mãe faleceu quando tinha 12 anos. Mora com a irmã. É homossexual.
Adolescente adotada por casal de idosos. Já teve envolvimento com drogas e bebida.
Adolescente morador do Dique da Vila Gilda (Zona Noroeste), área que abriga a

maior favela de Santos. Boa parte das casas é de palafitas construídas à beira do mangue, sobre o Rio Bugre.
Adolescente tem um irmão que já foi preso como traficante e continua traficando.
Adolescente morador do Beco da Caveira (Zona Noroeste). Contracena com a violência e com cenas de criminalidade constantemente.
Adolescente toma antidepressivo.
Adolescente de família numerosa composta por oito irmãos.
Adolescente filho de mãe nordestina, que cuida sozinha dos filhos.
Adolescente já foi vítima de bullying na escola.
Adolescentes com acompanhamento do programa Tô Ligado, da Secretaria Municipal de Saúde.
Adolescente cuja mãe faz parte da equipe da Lavanderia Comunitária 8 de Março ²⁵ , iniciativa da Secretaria de Assistência Social que objetiva a geração de renda para mulheres em situação de exclusão social.
Adolescente cuja mãe colabora na construção do Conjunto Habitacional Vanguarda ²⁶ , organizado pela Associação dos Cortiços do Centro de Santos.

O grupo atual é formado por 27 jovens dos dois Centros da Juventude. Esse coletivo faz parte de um universo de 3.623 jovens de 14 a 18 anos que vivem em Santos em aglomerados subnormais, segundo dados do IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística) – Censo 2010²⁷ - no Brasil são cerca de 2 milhões que vivem em áreas degradadas.

²⁵ Atualmente são oito mulheres, que procuraram atendimento nos CRAS. Elas ganham até um salário mínimo e meio por mês e têm acompanhamento da Secretaria de Assistência Social. Fonte: Prefeitura de Santos.

²⁶ O Conjunto Habitacional Vanguarda é luta antiga dos moradores desta região da cidade. Será formado por prédios que estão sendo erguidos em um terreno doado pelo Governo Federal no bairro Paquetá, zona portuária de Santos. Informações obtidas no Portal UOL. Disponível em <http://noticias.uol.com.br/cotidiano/ultimas-noticias/2013/03/25/moradores-de-corticcos-constroem-os-proprios-apartamentos-em-santos-sp.htm>. Acesso: 29.07.2013, às 12h35.

²⁷ Segundo o IBGE, é o conjunto constituído por 51 ou mais unidades habitacionais caracterizadas por ausência de título de propriedade e pelo menos uma das seguintes características: irregularidade das vias de circulação e do tamanho e forma dos lotes e/ou carência de serviços como coleta de lixo, rede de esgoto e água, energia e iluminação pública. São áreas conhecidas como favela, comunidade, grotão, vila ou mocambo. Disponível em www.ibge.gov.br/home/presidencia/noticias/imprensa/ppts/00000015164811202013480105748802.pdf. Acesso: 22/05/2014.

Do total de jovens, 16 são atendidos no Centro da Juventude da Zona Noroeste, localizado na Avenida Brigadeiro Faria Lima s/nº, bairro Rádio Clube, próximo a uma área conhecida como Dique da Vila Gilda, onde residem famílias em amontoados de palafitas construídas à beira do mangue, sobre o Rio Bugre. Neste equipamento, predominam adolescentes do bairro Rádio Clube.

O equipamento da região Zona Leste, que concentra as áreas denominadas da Orla, Intermediária e Região Central Histórica, está localizado na Rua Joaquim Nabuco, nº 21, bairro Vila Mathias. A demanda de jovens – total de 11 - é predominantemente da Região Central Histórica, composta pelos bairros Vila Nova, Paquetá/Porto Paquetá, Valongo/Porto Valongo, Centro, Vila Mathias e Outeirinhos. E, sobretudo, dos bairros Centro, Vila Nova e Paquetá. A seguir, imagens de ambas as unidades:

Foto 11: Centro da Juventude da Zona da Orla/Intermediária/ Região Central Histórica

Foto 12:Centro da Juventude da Zona Noroeste

Acervo: Prefeitura de Santos

Todos estudam em escolas públicas da rede municipal e estadual de ensino. O grau de escolaridade do grupo varia entre 6º ano do Ensino Fundamental e conclusão do Ensino Médio. Todos têm renda familiar de até três salários mínimos.

Contexto geral de vida do grupo atual:

Uma jovem foi mãe antes dos 18 anos
Uma jovem tem hepatite C
Um jovem acabou de sair do sistema prisional
Uma jovem não mora com a mãe (mora na casa da avó), por problemas de relacionamento
Uma jovem não mora com a mãe (mora na casa da amiga), por problemas de relacionamento com o padrasto
Adolescente de família numerosa morando na mesma casa
Jovem faz curso técnico

Adolescente está na sua segunda gestação. Mora com a família do namorado. O primeiro filho é com outro rapaz. A mãe pede a guarda do bebê. Experiência negativa na primeira gestação. Família – catadores
Mãe autoritária. Mãe batalhadora. Pai paquistanês
Adolescente saiu de casa, pai rígido, foi morar com a irmã na ZNO
Problema de saúde epilepsia – acompanhamento psicológico. Retomou à escola. Mora em um lugar rodeado de traficantes.

5.3. Oficinas de Comunicação dos Centros da Juventude

Partindo da transversalidade, as interfaces sociais da comunicação e da educação muito contribuem para os fluxos da informação e do conhecimento, não como receitas prontas, mas como experiências onde os participantes, em uma relação dialógica e de forma coletiva, trocam informações e constroem, juntos, produtos de comunicação, sendo estimulados a produzir, pesquisar, estudar e a fazer a leitura crítica da realidade e da própria mídia que reflete esta realidade.

Desta forma, este trabalho consiste em um estudo de caso acerca das Oficinas de Comunicação desenvolvidas nos Centros da Juventude da Zona Noroeste e da Zona Leste, dentro do Programa Municipal de Valorização do Jovem – PVJ. O trabalho tem como principal referência em sua condução a metodologia do pedagogo ucraniano Anton Semiónovitch Makarenko (1888-1939), baseada na vida em grupo, na coletividade e na participação de educadores e educandos, em especial no trabalho desenvolvido nos *destacamentos mistos* e as perspectivas próxima, de médio e de longo prazos mencionados no Capítulo 4.

Com este referencial, a metodologia de trabalho desenvolvida desde 2013 nas oficinas, quando este estudo de campo se iniciou, sempre consistiu em práticas pedagógicas que aproveitam a essência da atividade profissional do Jornalismo. Ou seja, trabalho em equipe e divisão de tarefas para a construção coletiva de um produto de comunicação. O objetivo não é torná-los jornalistas, mas os ‘repórteres’ na construção de sua própria história, compreendendo seu papel enquanto cidadão no mundo, na busca de uma mudança na perspectiva de futuro. Nesse trabalho em equipe, baseado no trabalho desenvolvido por Makarenko nos *destacamentos mistos*,

busca-se fazê-los compreender a importância de cada um para a construção coletiva de uma ação. Para Makarenko, “A coletividade é um complexo de indivíduos que têm um objetivo determinado, estão organizados e possuem organismos coletivos. São conscientes, devem discutir esse projeto e se responsabilizar por ele, passo a passo”. (LUEDEMANN: 2022, p. 150 e 151).

A construção da ação ocorre de forma grupal e intergrupal, seguindo a ideia inicial de fazer de cada grupo uma *Sucursal*. Assim, cada um dos equipamentos da Juventude tem sua equipe de jovens comunicadores – a *Sucursal da Zona Leste* e a *Sucursal da Zona Noroeste* -, na tentativa de promover a integração e a troca entre os grupos, e ainda fazê-los conhecer as diferentes realidades da cidade e, por que não, contribuir mutuamente.

Um ponto importante da concepção educacional makarenkiana é o sentido do experimentalismo, tanto na prática quanto na teoria. Makarenko fala de erros e acertos, do processo inacabado, das hipóteses que surgem em cada momento específico. Assim, não há uma prescrição ou receita pronta, seus métodos surgem na própria coletividade. Desde o início esse projeto falou por si, sendo conduzido pelas próprias circunstâncias e situações ocorridas no percurso do trabalho e no seu desenvolvimento.

5.3.1. Práticas pedagógicas: brincando de ser jornalista

A partir das primeiras observações e dos apontamentos feitos por professores doutores na qualificação de mestrado, realizada em outubro de 2013 na ECA/USP, o grupo atual inicia em 2014 um processo de aprendizagem que foca em algumas práticas pedagógicas específicas para tentar chegar a seus objetivos.

As oficinas consistem na capacitação desses jovens em técnicas jornalísticas relacionadas à produção textual, como a pirâmide invertida e construção do *Lead* (ou Lide) das notícias - primeiro parágrafo do texto que deve responder às seguintes perguntas: Quem?, O quê?, Como?, Onde?, Quando? e Por quê?

A pirâmide invertida é uma técnica jornalística surgida nos Estados Unidos, em 1861, durante a Guerra da Secessão, quando o telégrafo era o principal meio de transmissão de informações. Por ser instável, foi preciso que os jornalistas

adotassem a medida de colocar o essencial da notícia logo de início, no primeiro parágrafo, para garantir a publicação caso a linha de telégrafo fosse interrompida. Ela chegou ao Brasil em 1950, principalmente a partir das mudanças implementadas no Jornal do Brasil na década de 50, e consiste em estruturar o texto jornalístico com as informações de forma decrescente, ou seja, da mais importante para a menos importante. Assim, caso haja necessidade de corte de texto na edição, não haverá prejuízo na informação.

Estrutura da pirâmide invertida:

Segundo Lage (1987: p. 16), a notícia se define no jornalismo moderno “como o relato de uma série de fatos a partir do fato mais importante ou interessante; e de cada fato, a partir do fato mais interessante ou importante”. O *Lead* (ou lide) integra essa estrutura, sendo a abertura padrão de um texto jornalístico, privilegiando as principais informações de um fato no primeiro parágrafo do texto. Essa técnica tem como finalidade fazer com que o leitor encontre nas primeiras linhas os dados essenciais de forma objetiva e concisa, ao contrário das narrativas literárias ou cinematográficas, em que o clímax se guarda para o fim. As seis perguntas básicas que compõem a estrutura do *Lead* devem, por regra, responder aos seguintes dados:

———→ O quê? = a resposta relata o que aconteceu, acontece ou acontecerá.

- Quem? = indica os agentes da ação.
- Quando? = se refere ao momento do acontecimento.
- Onde? = aponta o local do acontecimento.
- Como? = menciona as circunstâncias do acontecimento.
- Por quê? = revela as razões do acontecimento.

O objetivo é fazer com que compreendam a técnica para a produção de pequenas notícias e textos; para que desenvolvam uma leitura mais consciente e crítica da mídia e da realidade retratada; e para que o hábito de ler possa ser estimulado a partir da leitura de um parágrafo (o Lead), visto ser esta uma dificuldade do coletivo, que se mostra desinteressado quando é solicitada a leitura de textos que julgam extensos. Sobre essa realidade comum entre os jovens, Quiroz Velasco afirma: “(...) se lee para saber sobre algo muy puntual, muchas veces descontextualizado. El placer de la lectura difícilmente se mantiene y se sostiene, especialmente entre los más jóvenes, según el modelo tradicional de los adultos. (QUIROZ VELASCO, 2010: p. 193).

As práticas incluem também técnicas de criação de títulos jornalísticos; o conhecimento sobre gêneros jornalísticos - notícia, reportagem, editorial, crônica, artigo de opinião; as funções existentes na profissão – pauteiro/produtor, repórter, fotógrafo, cinegrafista, editor, revisor, diagramador, editor de arte – e as etapas de produção de um jornal; as diferentes linguagens jornalísticas em cada veículo de comunicação (jornal, rádio, TV, Internet) e os critérios de noticiabilidade no jornalismo. A noticiabilidade corresponde ao conjunto de critérios, operações e instrumentos com os quais os veículos de informação têm a tarefa de escolher no exercício profissional, entre um número imprevisível de fatos cotidianos (WOLF, 1999).

Eles podem ser divididos em: proximidade (não necessariamente geográfica; também pode estar relacionado com o interesse do receptor sobre determinado assunto); atualidade (as pessoas se interessam pelos fatos de seu tempo); identificação social (os sujeitos têm interesse por fatos relativos à sua realidade social); intensidade (um fato intenso prende a atenção do leitor. Inclui-se aqui a utilização de números e acontecimentos de grande impacto para a sociedade); ineditismo (raridade de um acontecimento, o que surpreende e difere do

cotidiano comum); e identificação humana (personalidades, pessoas notáveis e públicas que realizam algo, que concretizam, por exemplo, um ideal, e que a pessoa comum se espelha, a tem como referência).

Ao tomarem conhecimento dos critérios de noticiabilidade, os jovens puderam perceber que a notícia não é somente o acontecimento de caráter negativo, conforme foi possível observar nas primeiras impressões nesse trabalho de campo, quando o coletivo compartilhava no grupo acontecimentos, em sua maior parte, com esse teor. É importante retomar aqui a reflexão de Caldeira (2000) para as particularidades dos enunciados do crime. A autora afirma que eles estão relacionados à reprodução da violência e a outros processos sociais, especialmente a democratização. (2000: p. 39).

(...) Essas narrativas (...) contradizem o discurso e as iniciativas democráticas, exatamente os tipos de prática que a sociedade brasileira estava tentando consolidar quando o crime tornou-se a fala da cidade. Além disso, embora as distinções aguçadas da fala do crime reordenem de fato as experiências perturbadas pela violência, não são eficazes para controlar a violência. Ao contrário, elas reproduzem medo e violência. (2000: p. 39 e 40).

Para incentivar essa percepção e na tentativa de modificar os enunciados agressivos e negativos, uma das atividades consistiu na montagem do 'Mural de Boas Notícias'. O coletivo selecionou títulos de textos informativos e de reportagens com esse teor publicadas nos jornais Folha de S. Paulo, O Estado de S. Paulo, A Tribuna (principal jornal da cidade e da região da Baixada Santista), Diário do Litoral e Diário Oficial de Santos (produzido pela Secretaria de Comunicação e Resultados da Prefeitura Municipal de Santos). O objetivo foi, além de exercitar e incentivar o hábito da leitura de jornais, também voltar o olhar para notícias de caráter positivo, para modificar o discurso, não no sentido de fazer com que fiquem alheios à informação desse gênero, mas que busquem uma nova visão e projetos de vida a partir do que é veiculado nos meios de comunicação, já que contracenam em seu cotidiano com fenômenos negativos.

Durante a atividade, as participantes manifestaram dificuldades em encontrar notícias de caráter positivo. Um dos integrantes fez o seguinte comentário: "Se fosse um mural de notícias ruins já estaria cheio". Ao final, os enunciados sobre a atividade e que ela acrescentou no repertório de cada participante foram:

Foi bom para entender e interpretar melhor a notícia
Percebi que não há somente notícias ruins
Percebi que o Brasil ainda tem salvação
Percebi que há muitas ações e projetos importantes transmitidos pelos meios de comunicação e não somente conteúdos ruins. (sobre isso foram citados pelo jovens alguns programas televisivos, como Globo Cidadania, Telecurso e Pequenas Empresas e Grandes Negócios).

Com o mesmo viés, outra prática foi a realização de rodada de conversa sobre a temática ‘O mundo que queremos e o que fazemos para ter esse mundo?’, no intuito de refletir sobre o desejo e o sonho e a capacidade e motivação para realizá-los. Abaixo, os desejos estão divididos em o que se quer excluir (Aspectos negativos) e o que se quer ter (Aspectos positivos). Em ambos os grupos, os jovens afirmaram querer um mundo:

Aspectos negativos:
Sem violência, sem roubo, sem corrupção, sem racismo, sem preconceito, sem bullying, sem guerra, sem briga, sem discussão, sem crimes, sem traficantes, sem drogas, menos recalque, menos desigualdade, sem lixo, sem homofobia.
Aspectos positivos:
Paz, amor, carinho, mais oportunidades, emprego, esperança, saúde, prosperidade, harmonia, liberdade, dinheiro, confiança, companheirismo, segurança, sinceridade, responsabilidade, cultura, desenvolvimento, compreensão, respeito, educação melhor, mais escolas, mais respeito entre alunos e professores, diversão, namoro, férias, lazer, mais postos de saúde, melhor atendimentos nos hospitais, mais ônibus.

Após refletirem sobre o mundo que querem para viver e se envolverem no tema, saíram às ruas na função de ‘repórteres’ para perguntar às pessoas: “Qual mundo você quer?” e “O que você faz em seu dia a dia para ter esse mundo?”. A

atividade seguiu essa sistemática, seguindo o exercício profissional do jornalismo, no sentido de se preparar para a pauta designada e para a entrevista. No retorno à 'redação', foi realizada 'reunião de pauta' para discutir a experiência e o que foi dito pela comunidade. Ao terem a responsabilidade de voltar à redação com informações, observou-se motivação e envolvimento nos participantes. Tal atividade resultou na produção coletiva de um texto publicado no site Espaço_Jovem, intitulada 'Manchete das ruas – o mundo que se quer'.

5.3.2. Giro de Notícias: Notícias da Semana e Fatos Notícias

Também se fez o recorte da prática denominada 'Giro de notícias- Notícias da Semana e Fatos-Notícias', acrescentando a tarefa de que o grupo pode trazer fatos-notícias por meio do registro fotográfico via celular. Importante salientar que a prática específica de compartilhar fatos-notícias é proveniente de um exercício realizado ainda na graduação em Jornalismo, na UniSantos, pelo Professor Dr. Dirceu Fernandes Lopes, durante a disciplina Jornal Laboratorial – Agência Facos, que consistia em um relatório a ser entregue semanalmente pelos alunos com a observação de fatos cotidianos, uma forma de estimular o olhar jornalístico dos estudantes.

Para essa pesquisa, o exercício traz contribuições importantes, no sentido de entender o contexto de vida e de vivências desses jovens, expressos nesses relatos e de estimulá-los ao exercício da cidadania, por meio do olhar jornalístico. As Notícias da Semana, conforme já mencionado, consistem em acontecimentos veiculados nos meios de comunicação em geral e que cada jovem partilha no coletivo. Trata-se de uma maneira de incentivá-los ao hábito de acompanhar as notícias veiculadas no meio de comunicação, entendendo isso como de suma importância para o desenvolvimento de sua visão de mundo, de sua visão crítica diante dos acontecimentos e da própria mídia que o veicula, e a sua formação de opinião.

Nos quadros abaixo será observado que ainda predominam notícias e fatos-notícias de caráter negativo durante as rodas de partilha realizadas entre março e

julho de 2014, denominadas, conforme já mencionado, de *Enunciados do crime*, a partir dos meios de comunicação, e *Enunciados do crime*, a partir da vivência:

Notícias - *Enunciados do crime*, a partir dos meios de comunicação

Mulher mata o marido enquanto dorme
Garota apanha por ficar com namorado da outra
Mulher é confundida, linchada e morre
Incêndio nas comunidades Butantã e Mangue Seco– Zona Noroeste
Caminhão de cesta básica sofre assalto
Policial é morto na última ponte – Zona Noroeste
Rapaz morre ao ser atingido por vaso sanitário
Menina é feita refém por seis meses e é violentada
Acidente com ônibus deixa dois mortos e nove feridos em São Paulo
Irmão do Mc Gui morre de ataque cardíaco
Moradores invadem condomínios e são retirados à força por autoridades
Rapaz é morto a tiros na Páscoa
Dançarino do ‘Esquenta’ é morto no RJ
Caso Bernardo: pai e madrasta são presos
Ônibus pega fogo em São Paulo
Morre locutor Luciano do Valle
Motorista é ameaçado com faca e bate o ônibus
Bando é preso antes de invadir prédio
Motorista tem 70% do corpo queimado
Ieda e Eduardo vão responder pela morte de empresário e de zelador
Madrasta do menor Bernardo é presa
Polícia civil desfaz bando que vendia ingressos da Copa
Segurança de banco faz sete pessoas refém e se mata
Menino é seqüestrado em Santa Catarina
Homem cobra dívida de rapaz e mata seus filhos queimados
Mulher rouba bolacha e é morta
Ambulância é alvo de vândalos

Menino compra tênis e é morto em assalto em São Paulo

Fatos-Notícias - *Enunciados do crime*, a partir da vivência

Mulher passa mal ao tomar “boa noite cinderela”
Roubaram a TV de uma senhora
Roubaram botijão de gás da casa de um dos jovens
Polícia para menino para revistá-lo
‘Psico’ apanha e leva facada de bandido no Bom Retiro
Jovem é assaltada
Policial baleia bandido na avenida Nossa Senhora de Fátima na Zona Noroeste
Na favela, rapaz oferece cápsula com sal para ‘cheirador’
Amiga de uma das jovens é presa por roubar jóias de duas senhoras
Carro capota na frente de ônibus
Alunos se rebelam na escola Benevenuto na Zona Noroeste
Mulher fofoqueira apanha de vizinha
Dois jovens do Cejuv são seguidos por três homens
Homem assalta farmácia e é pego pela população
Jovem da Oficina de comunicação é confundido com ladrão de celular em Cubatão
Menino faz roubo no supermercado Extra
Idoso ‘se pega’ com traficante
Grupo do Cejuv assiste ao documentário brasileiro ‘Ônibus 174’

No entanto, a compreensão dos critérios de noticiabilidade, bem como a atividade de voltar o olhar para os acontecimentos positivos, refletiu nas notícias e nos fatos compartilhados semanalmente pelo grupo. No quadro abaixo é possível observar, tanto nas Notícias da Semana como nos Fatos-Notícias a presença de enunciados de teor positivo, curioso, inusitado e importante do ponto de vista histórico e social.

Notícias:

Lei Maria da Penha é modificada para melhor
Bonde turístico em Santos será gratuito no dia 1º de outubro
50 anos do golpe Militar no Brasil
Facebook tenta comprar YouTube
Senhora de 53 anos da luz a trigêmeos
Dia 2 de Abril é comemorado o Dia do Autismo
Ituano é campeão Paulista
Michael Jackson não morreu
Pesquisa mostra que 65% das pessoas concordam que mulheres que usam roupa curta merecem ser estupradas
Vagão destinado às mulher no metro de São Paulo
Neymar dá anel de compromisso para Bruna Marchesini
Tufão deixa 13 mortos nas Filipinas
Vacinação contra a gripe suína
Vinte anos sem Ayrton Senna
Filho de chorão bloqueia conta bancária da avó
Proibida entrada de boné em shoppings
Gêmeas nascem de mãos dadas
Após 'rolezinho' no Extra, supermercado vai funcionar até meio-noite e funcionários serão demitidos

Fatos-Notícias:

Gás encanado chega na casa de uma das jovens na Zona Noroeste
Cejuv da Zona Noroeste vira ponto de referência para doações às vítimas do incêndio nas favelas Butantã e Mangue Seco
Mulher estaciona carro em rampa para deficiente
Barata causa pânico em ônibus
Escola Francisco Meira é reformada na Zona Noroeste
Jovem tropeça, cai e encontra nota de R\$ 50,00
Jovens buscam caixas para fazer lixo reciclável
Cejuv está repleto de mosquitos da dengue nos banheiros

Congresso da União da Juventude Socialista – UJS em 17 de maio
Cano quebra na Av. Nossa Senhora de Fátima (ZNO) e população fica sem água
Pista do Chorão Skate Parque é demolida
Jovem do Cejuv encontra gatinhos abandonados e adota um deles
Cachorro morre atropelado e motorista foge

A partir da roda de partilha de notícias e fatos-notícias surgem debates acerca dos acontecimentos trazidos, em que os jovens expressam sentimentos, opiniões e sua visão sobre o tema apresentado. Outro ponto importante é que ao compartilhar fatos-notícias, trazidos da própria vivência de cada integrante, surgem pautas a serem produzidas e publicadas no site Espaço_Jovem. Aqui serão destacados, como amostra, três fatos-notícias que geraram ações posteriores:

1)

Gás encanado chega na casa de uma das jovens na Zona Noroeste

- Nesse caso, a jovem expressa alegria pela conquista de ter gás encanado em sua residência, no entanto, o fato provoca a discussão no grupo sobre a demora para isso ter se concretizado. Uma das falas chamou a atenção: *“A gente vive em um país de terceiro mundo. Estamos comemorando isso aqui, mas lá nos Estados Unidos isso já existe há bastante tempo”*.

2)

Grupo do Cejuv assiste ao documentário brasileiro ‘Ônibus 174’
--

- O coletivo assistiu, na Oficina de Cidadania, ao documentário brasileiro ‘Ônibus 174’, de 2002, dirigido por José Padilha, que retrata o sequestro do ônibus 174, em junho de 2000, na zona sul do Rio de Janeiro. Ao trazerem para a rodada de fatos-notícias, foi proposta a implementação de um link no site Espaço_Jovem sobre dicas de filmes e documentários, com os comentários dos jovens.

3)

Cejuv da Zona Noroeste vira ponto de referência para doações às vítimas do incêndio na Favela Mangue Seco

Há ocasiões em que as próprias circunstâncias estabelecem ações no coletivo, como foi o caso do incêndio ocorridos em 2014 nas comunidades do Butantã e Mangue Seco, na Zona Noroeste. O Centro da Juventude, por estar próximo à área atingida, foi o local de referência designado pela Secretaria Municipal de Assistência Social para doações de roupas e mantimentos às vítimas. Os adolescentes, envolvidos na coleta e separação das peças de roupas, também trouxeram o fato à roda de partilha e, a partir disso, organizou-se um trabalho em equipe para a produção de reportagem sobre o tema.

O grupo foi dividido pelas seguintes tarefas-pautas: entrevistas com pessoas que estavam fazendo doações; entrevistas com outros jovens do Centro da Juventude sobre a importância da solidariedade; entrevistas com a coordenação do Centro da Juventude; e registro fotográfico da ação.

Foto 13: Jovens entrevistam equipe do Centro da Juventude, moradores que levaram doações e adolescentes envolvidos na coleta e separação das peças e mantimentos doados.

Foto 14: Jovens fazem entrevista e registro fotográfico

Observações:

- Na atividade *Giro de notícias – Notícias da Semana* predomina a mídia televisiva e eletrônica como sendo os meios onde os adolescentes mais encontram e/ou buscam informação. No entanto, a Internet, de modo geral, é mais utilizada como entretenimento nas redes sociais, sobretudo o Facebook. Não leem jornal, apenas ‘folheiam’ de vez em quando. É notório o fascínio pelas tecnologias digitais – celular (a todo momento querem conversar e interagir pelo WhatsApp) e redes sociais (se a atividade está sendo desenvolvida no computador, o grupo tem fascínio por acessar ao Facebook). Utilizam a Internet de forma superficial, têm dificuldade na leitura e interpretação de texto, e sentem-se desestimulados quando é preciso ler textos que julgam muito extensos.

Quiroz Velasco afirma que os jovens de hoje, vivendo no mundo das imagens, convivem com elas e “el valor de La visibilidad los devora, así como el de las aparências” (2010: p. 193). Isso pode ser observado nas postagens de fotos pessoais no Facebook. Há uma necessidade de querer ser visto, de mostrar a intimidade, a vida cotidiana. Os jovens consomem muitas imagens, vêem mais televisão e lêem menos. “En esse sentido, la escuela y los sistemas de educación

difícilmente pueden competir, ni con la televisión, y menos frente a las redes, los videojuegos”. (2010: p. 190). A autora também aborda a questão da crise da leitura na pós-modernidade, já que a geração nascida nesse berço teve mudanças cognitivas formadas por outras experiências midiáticas e perceptivas. Além disso, a própria forma de escrever na Internet é peculiar. “(...) la escritura que se cultiva en Internet tiene marcas propias de la oralidad, al imitarse el modo de hablar y el estilo coloquial en la escritura y al incorporarse signos que expresan emociones” (2010: p. 192 e 193).

Quanto à questão da superficialidade, Quiroz Velasco afirma: “Anteriormente la comprensión y el conocimiento estaban en la profundidad de los temas, en su esencia, ahora se encuentra en su trayectoria, que no está en el fondo, sino en la superficie”. (2010: p. 194). Nas oficinas não é raro flagrá-los ouvindo música, ao mesmo tempo em que estão no computador, navegando pelo Facebook, enquanto recebem uma mensagem no Whatsapp.

- Na atividade *Giro de Notícias – Notícias da Semana* ainda predominam as notícias de caráter negativo, como criminalidade, violência, drogas, acidentes e tragédias. Mas já são mencionadas notícias de caráter positivo, curioso e de temáticas sociais, histórico-culturais e esportivas, inseridas no contexto atual.
- Na atividade *Giro de Notícias – Fatos-Notícias*, os fatos trazidos, em sua maioria, ainda retratam violência, banalidade, drogas, criminalidade e tragédias, ou seja, muito do universo em que vivem. Mas já são mencionados acontecimentos de teor curioso e positivo, porém ainda em menor escala.
- Na atividade *Giro de Notícias – Notícias da Semana/ Fatos-Notícias* é interessante notar que o jovem, além de narrar o acontecimento com suas palavras, muitas vezes também emite sua opinião sobre o fato. Além disso, muitas vezes, sem perceber, constrói oralmente o título jornalístico e o *lead* da notícia.
- Percebe-se uma mudança no hábito de se manter atualizado/ ‘antenado’ – os jovens já trazem notícias, querem falar e algumas vezes trazem lista de fatos

por escrito. Um dos adolescentes tem um caderno onde lista as notícias/fatos-notícias.

- A construção de um coletivo unificado ainda é uma dificuldade. Observa-se que no trabalho em equipe, o individual ainda se sobressai e o ouvir o outro com respeito ainda é uma meta a ser alcançada. Observa-se também que alguns jovens não enxergam no PVJ a oportunidade de ampliar o conhecimento e vislumbrar uma vida melhor. Mostram-se desinteressados e sem comprometimento.
- O jovem, de modo geral, ainda não vê nas tecnologias digitais um campo de trabalho e um espaço de expressão e voz.

Nesse processo, eles expressam e trocam suas reflexões e formam opiniões sobre assuntos dos mais diversos, a partir do que tomam conhecimento via meios de comunicação e em sua própria vivência cotidiana. Para Kaplún, nas experiências de educação popular, a prática de se expressar tem se revelado importante para o crescimento e transformação dos educando.

El participante que, rompiendo esa dilatada cultura del silencio que le ha sido impuesta, pasa a “decir su palabra” y construir su propio mensaje, sea un texto escrito, una canción, un dibujo, una obra de teatro, un títere, un mensaje de audio, un video, etc. (2010: p. 51).

Conforme o autor, nessa produção expressiva, o sujeito adquire autoestima e confiança, importantes para sua formação.

5.4.Construção coletiva do site ‘Espaço_Jovem’

Partindo da constatação de que a Internet se destaca como meio de comunicação e interação dessa geração, que domina com propriedade e velocidades as tecnologias digitais, a proposta foi a construção coletiva de um site, de modo que, além de poderem publicar suas expressões e compartilhar idéias

nesse brincar de ser jornalista, possam também utilizar a Internet e as redes sociais de uma forma mais qualificada e produtora.

Seguindo o sistema de trabalho grupal e intergrupal proposta por Kaplún, foi criada uma página fechada na rede social Facebook, para que os grupos de ambos os Centros da Juventude pudessem se conhecer, a princípio, no universo virtual. A página também é o espaço de trabalho, de discussão para sugestões de pautas e idéias a serem inseridas no site. A página ainda não se estabeleceu de forma orgânica nos jovens, que embora utilizem assiduamente a rede social, não é freqüente postagens com sugestões de pautas.

A seguir, cópia da página criada como grupo secreto no Facebook, ou seja, somente os participantes da Oficina de Comunicação têm acesso.

Após a capacitação sobre técnicas jornalísticas e a permanente prática do Giro de Notícias, foi proposta a criação de um site coletivo onde possam ser publicadas essas expressões oriundas das próprias partilhas de notícias e fatos notícias. O objetivo também é fazer com que cada grupo seja uma referência em seu equipamento para postagens de materiais relativos ao que acontece em ambos os Centros da Juventude.

Todo esse percurso, como já mencionado, segue a perspectiva pedagógica makarenkiana, adaptando-a ao contexto das oficinas nos Centros da Juventude. Aqui, faz-se o recorte das *perspectivas próxima, a médio prazo e a longo prazo* no coletivo, propostas por Makarenko. Entende-se nessa pesquisa que a *perspectiva próxima* consiste na capacitação desses jovens para a produção de conteúdos, sejam eles compostos por pequenos textos, fotos ou vídeos, e também no estímulo à busca de notícias e fatos-notícias em seus cotidianos para partilha semanal no grupo.

Todo o passo a passo, o sentido de aprender a escrever o *lead* das notícias com a técnica da pirâmide invertida, e os critérios de noticiabilidade, e ainda a tarefa de compartilhar no grupo notícias e fatos tinham um objetivo comum, coletivo: construir um site como um espaço de voz, tornando públicas as expressões do coletivo. A *perspectiva a médio prazo* aqui designada é a construção do site Espaço_Jovem, que se configura como o produto concreto e não mais abstrato criado pelo coletivo. “O nosso trabalho no domínio da perspectiva consiste ainda em que todo o tempo devemos educar aspirações coletivas e não apenas pessoais (LUEDEMANN, 2002: p. 313).

Conforme Makarenko, as perspectivas têm uma particularidade interessante, pois atraem a atenção do indivíduo com o aspecto geral da satisfação, mas esta satisfação ainda não existe. “À medida que se avança para ela surgem novos planos para amanhã, tanto mais atrativos quanto maiores são os esforços despendidos para vencer os diversos obstáculos”. (2002: p. 315). É o que é possível observar com a construção do blog. Conforme ele vai sendo organizado e construído, surge maior motivação entre os jovens e novas idéias são sugeridas pelos integrantes.

O nome escolhido foi Espaço_Jovem. Diferentemente dos blogs criados anteriormente com os grupos iniciais, optou-se por criar um site, por meio da plataforma de sites Wix.com. Fundada em 2006 por Avishai Abrahami, Giora Kaplan

e Nadav Abrahami, a Wix.com é uma empresa norte-americana de web, que criou um novo construtor de sites gratuito cujas ferramentas e recursos são simples e sem códigos complicados, oferecendo uma interface de fácil acesso com vários modelos de *templates* personalizáveis para o usuário escolher.

Nessa plataforma, qualquer pessoa pode criar seu site, mesmo sem conhecimentos de design ou programação. Segundo informações no site da Wix.com, são 50 milhões de usuários em 190 países. O site também oferece capacidade de compartilhamento social, tempo de carregamento menor, maior interatividade. Os escritórios do Wix ficam em Tel Aviv, Nova York, São Francisco, Vilnius e Dnepropetrovsk²⁸.

O site vem sendo construído pelos dois coletivos e é chamado de 'Espaço_Jovem' (<http://espacojovem9.wix.com/espacojovemsantos>). Nele, constam as seguintes páginas em desenvolvimento, criadas a partir das práticas pedagógicas e dos enunciados dos jovens aqui já descritos:

- **Acontece nos Cejuvs** – pequenas notícias (título jornalístico e *lead*) produzidas pelo coletivo sobre eventos e demais oficinas realizados nos dois Centros da Juventude;
- **Se liga** - pequenas notícias (título jornalístico e *lead*) produzidas pelo coletivo sobre acontecimentos que acontecem na cidade, região, país, mundo, e que o grupo considera pertinente destacar no site;
- **Giro de Notícias** – Todas as Notícias da Semana e Fatos-Notícias (título jornalístico) e Fatos-Notícias por meio de imagens que podem ser tiradas via celular, com possíveis comentários do coletivo;
- **Vídeos** – pequenas notícias produzidas pelo grupo (celular ou câmera);
- **Fica a Dica Cine** – indicações de filmes e documentários com comentários do coletivo;

²⁸ Disponível em <http://pt.wix.com/about/us#!comunicados/cg6l>. Acesso: 23.05.14.

- **Fotos**— o olhar do coletivo sobre temas específicos.

Abaixo, cópia da página principal do site Espaço_Jovem, em construção:

Página principal com a divisão das páginas por Editorias - **Acontece nos Cejuvs** - **Se Liga** - **Giro de Notícias** – **Fotos** – **Vídeos** - **Fica a Dica Filme**

Para a produção de conteúdo para o site, os adolescentes são responsáveis por trazer, a cada encontro semanal, sugestões de pautas e registros das atividades realizadas ao longo da semana. Seguindo a concepção de trabalho desenvolvida por Makarenko nos destacamento mistos, a partir da construção do blog, durante as oficinas os grupos são divididos em equipes para um trabalho específico, como por exemplo, compilar as Notícias e Fatos Notícias de cada integrante; escrever uma sugestão de filme indicada por um jovem; a partir de um fato notícia, produzir um pequeno texto (título e lead); ou trabalhar nas configurações do site. Além disso, durante as produções de reportagem específicas, o grupo é dividido por tarefas, de

modo que possam experimentar diferentes tarefas e funções. Esse revezamento faz com que compreendam que todos são importantes e necessários para a construção de algo em comum. “Desse modo, os educadores estariam criando, junto do coletivo, uma expectativa de vida presente, mas com os olhos voltados para o futuro, com a certeza de que poderia alcançar os objetivos estabelecidos”. (LUEDEMANN, p. 328).

Ainda com poucas postagens no site, já é possível notar um novo ânimo no coletivo, ao ver concretizada uma idéia abstrata iniciada no mês de março de 2014, o que vai ao encontro do pensamento de Makarenko sobre animar a coletividade pelo otimismo da perspectiva. Nessa linha discorre Kaplún sobre a experiência de Celestin Freinet. O autor cita as notas do educador sobre o trabalho desenvolvido junto a alunos em uma escola na França:

A medida que escriben y ven sus escritos publicados y leídos, se va despertando su curiosidad, su apetencia de saber más, de investigar más, de conocer más (...). Buscan ellos mismos, experimentan, discuten, reflexionan (...). Los alumnos así tonificados y renovados, tienen un rendimiento muy superior, cuantitativa y cualitativamente (...) (KAPLÚN apud Freinet, 2010: p. 47).

Nesse processo, a perspectiva a longo prazo será fazer com que compreendam e isso vai variar de jovem para jovem – que esse trabalho coletivo fez alguma diferença em suas vidas, seja possibilitando a ampliação de seu repertório e de sua capacidade de expressão, com a formação de sua visão crítica do mundo, com a possibilidade desse produto de comunicação vislumbra um campo de trabalho, enfim, o objetivo desse trabalho: contribuir com a formação desse jovem visando a uma perspectiva melhor de vida para ele e que entenda sua responsabilidade social, sobre a transformação de si mesmo e de sua realidade, a partir de uma visão mais coletiva, de solidariedade, de humanidade.

6. Considerações finais

Os meninos e meninas de Makarenko eram menores infratores, alguns órfãos ou abandonados. Na linha tênue entre as zonas da vulnerabilidade e da marginalidade, de Castel, eles se encontravam nesta última e precisavam ser recuperados para a vida em sociedade. Foi no trabalho em coletividade que o pedagogo transformou esses sujeitos em pessoas melhores.

O processo de mudança não foi da noite para o dia, como descreve Makarenko em *Poema Pedagógico*, pois não bastavam palavras para transformar comportamentos, eram necessárias, sobretudo, virtudes como persistência e paciência, dar tempo ao tempo, e ações para que cada um compreendesse sua responsabilidade social frente ao coletivo e à sociedade soviética. Foram 16 anos de trabalho à frente da Colônia Gorki e da Comuna Dzerjinski e, ainda assim, Makarenko, após todo o eco do seu trabalho, constatou poucas mudanças na Educação daquele país. Conforme o pedagogo, dificuldades e dúvidas esbarram o caminho, mas foi-se aprendendo com os erros e com os acertos.

A todo o momento esse trabalho, que aqui não se encerra, aprendeu com os erros e com os acertos tendo como base a obra makarenkiana, cuja leitura se faz necessária num tempo em que tanto se banaliza a vida e as relações, em uma sociedade marcada pela desigualdade social, pela violência, pelo consumo, pela competitividade e pelo individualismo. Os adolescentes dos Centros da Juventude de Santos não se encontram na zona da marginalidade; estão na linha tênue da vulnerabilidade. São de classe social baixa, contracenam com violência, drogas e pobreza em seu cotidiano, alguns mais, outros menos. Alguns têm uma estrutura familiar prejudicada, outros, embora em condições econômicas menos favorecidas, os vínculos familiares são mais fortalecidos.

Contribuindo com os objetivos da política pública municipal, no sentido de não perder esse jovem para a marginalidade, esse trabalho, embora ainda incipiente enquanto aferição de resultados que apresentem grandes transformações nos sujeitos envolvidos, vem se somar à pesquisa acadêmica referente às interfaces da Comunicação e da Educação, ratificando o potencial de contribuição desses dois campos da Ciência na formação de sujeitos em desigualdade de condições. O percurso segue na contramão de uma sociedade com injustiça social.

Ao mesmo tempo, as tecnologias digitais oferecem um leque imensurável de oportunidades de criação e produção de informação e conhecimento, de compartilhamento e troca, e de desenvolvimento de potencialidades, e parecem ser o rumo certo quando se pretende trabalhar com um público adolescente, os *nativos digitais* assim denominados por Marc Prensky, em especial jovens em vulnerabilidade social. Embora de classe social baixa, a maioria possui celular e computador, acessa a Internet assiduamente e tem fascínio pelas redes sociais, em especial o Facebook.

No entanto, o uso ainda é raso e superficial, mero entretenimento, talvez como um vício ou uma fuga, e modificar esse hábito não é fácil, visto que são jovens que vivem na era das imagens e, por isso, com dificuldade na leitura linear. Mas o fato de “brincar de ser repórter”, de trazer notícias e, mais ainda, compartilhar acontecimentos cotidianos sob o olhar de cada um dentro dos critérios de noticiabilidade; de produzir conteúdo para ser lido por outras pessoas na Internet já mostra indícios de uma perspectiva de alegria, da alegria do amanhã, como afirma Makarenko. Uma perspectiva demonstrada por meio da motivação, da lista de notícias escritas em um papel, no ato de trazer sugestões de pautas a serem publicadas no site.

As mudanças são ainda pequenas, em singelos gestos e comportamentos, porém são significativas. Observou-se, de modo geral no coletivo, um olhar mais atento e crítico sobre sua própria realidade; uma atenção maior ao que é veiculado nos meios de comunicação e uma motivação para a produção de um produto de comunicação, no caso um site. Como afirma Makarenko, “grandes dificuldades nos esperam só no trabalho prático” (2002: p. 275), mas também é no trabalho prático que surgem os caminhos necessários para cada momento e etapa. Os enunciados do coletivo pesquisado norteiam as ações e optou-se em transformar esses enunciados em materialidade cívica, no caso, um site, já que os sujeitos pesquisados nasceram nesse berço digital. Faz-se referência aqui a Pierre Levy sobre a cibercultura:

(...) Que tentemos compreendê-la, pois a verdadeira questão não é ser contra ou a favor, mas sim reconhecer as mudanças qualitativas na ecologia dos signos, o ambiente inédito que resulta da extensão das novas redes de comunicação para a vida social e cultural. Apenas dessa forma seremos capazes de desenvolver estas novas tecnologias dentro de uma perspectiva humanista. (1999: p. 12).

É possível afirmar nesse processo que jovens em situação de vulnerabilidade social podem desenvolver suas potencialidades, ampliar seu repertório cultural e sua capacidade de expressão, e construir projetos de vida por meio dos recursos da Comunicação e das tecnologias digitais, tornando-se cidadãos mais críticos e ativos em seu contexto sócio-comunitário, com mais autonomia e iniciativa.

O interesse pela leitura e pela escrita parece ser estimulado com as práticas de compartilhar informação oriundas dos meios de comunicação e da própria vivência. Escrever o *lead* ou um pequeno texto sobre um Fato-Notícia compartilhado no grupo parece se tornar interessante, pois na brincadeira de ser repórter, de registrar um fato da qual testemunhou, o jovem sente-se com um papel importante e de responsabilidade. As tarefas realizadas nas oficinas vão se cristalizando, gradualmente, numa espécie de sistema orgânico nos adolescentes, como é o caso das Notícias e dos Fatos Notícias. Aos poucos, vão entendendo que para o site existir enquanto um produto dinâmica é preciso arregaçar as mangas e trabalhar. Entender que o uso das tecnologias digitais e dos recursos da comunicação na educação não-formal pode abrir campo de trabalho para o jovem em vulnerabilidade social é uma percepção ainda vaga para o jovem, que, pouco a pouco, se interessa por exemplo, em construir o seu próprio site pessoal.

A relação intergrupar e a troca de experiências entre dois grupos distintos por meio das redes sociais e de um site coletivo é um passo a ser alcançado a médio e longo prazos. Ainda é um desafio construir a coletividade, um grupo unificado, pois nas atividades observa-se preconceito entre os jovens das duas regiões, que em certas ocasiões enunciam expressões pejorativas, ratificando a chamada *fala do crime*.

Com esse trabalho observou-se, em especial, que a transformação principal, como ponto de partida para a transformação de realidades, parte da mudança do 'eu' e do 'eu' em relação ao outro, entendendo que vivemos em sociedade e que ela não é algo abstrato, é composta e conduzida por indivíduos de diferentes personalidades.

(...) Devemos ter sempre em mente que, por mais íntegro que nos pareça o ser humano em se fazendo uma abstração generosa, todos os seres humanos, em determinada medida, constituem um material muito diversificado para a educação e o "produto" que fabricaremos terá,

necessariamente, de ser variado. Assim, reunindo muitas substâncias sob o conceito único de metal, não nos passa pela cabeça fabricar facas de alumínio ou rolamentos de mercúrio. Seria de uma superficialidade inaudita ignorar a diversidade do ser humano a tratar de agrupar a questão relativa às tarefas da educação numa estrutura comum a todos. (MAKARENKO, in LUEDEMANN, 2002: p. 273)

Nesse sentido, também é preciso entender a amizade, conforme discorre José Moura Gonçalves Filho (1998):

Nas sociedades burguesas fomos habituados a reconhecer amizade nos relacionamentos reservados e que envolvem laços muito estreitos entre as pessoas. Passa despercebido que a amizade pode acontecer também em espaços públicos, em circunstâncias que não exigem a intimidade, mas que, sem amizade, desmancham a cidadania. A amizade, diz Hanna Arendt, é a mais essencial das virtudes públicas. Designa, na cidade, uma forma de respeito que consiste em interessar-se pela opinião dos outros. Como descrever a alegria (quase) irresistível de ver estendido a todos, aos mais humildes e envergonhados a atenção? (1998: p. 219).

É preciso fazê-los entender também que devem cuidar do espaço que freqüentam diariamente, que devem cuidar dos equipamentos (computador e máquina fotográfica) e do material disponibilizado, porque pertencem a eles próprios, que são os usuários e os principais beneficiados com isso. Nessa linha, cabe salientar o pensamento de Makarenko, em seu texto *As minhas concepções pedagógicas*. Nele, o autor narra sua participação na apresentação realizada em um Instituto pedagógico, do relatório de um estudante sobre o tema *Como se deve inculcar o patriotismo soviético*. Na ocasião, o pedagogo questionou se foram comprovadas as afirmações feitas pelas crianças.

Um dos alunos diz que os guarda-fronteiras devem ser valentes e que ele também quer ser valente e considera que é necessário sê-lo. Comprovou se esse aluno é valente ou é medroso? Porque, se na comprovação se verifica que o rapazinho é medroso, então terei o direito de duvidar que se tenha inculcado o patriotismo como é devido. Admito a situação em que o escolar possua noções adequadas sobre o patriotismo soviético mas não que se tenham formado hábitos corretos. (2002: p. 375).

Qual lição Makarenko deixa com tal questionamento? Que é preciso fazer com que o sujeito compreenda organicamente, em seu 'eu', o que é ser valente, em atitudes, em ações para além da retórica, no caráter. Para ele, é preciso organizar a coletividade de tal forma que se eduquem qualidades reais e verdadeiras da personalidade e não qualidades imaginárias. Para isso, é importante formar

qualidades como paciência, habilidade para superar dificuldades e obstáculos. “(...) o que eu exijo é que a vida da criança seja organizada como uma prática que forme determinados hábitos (2002: p. 375).

Nesse sentido, as práticas pedagógicas nos Centros da Juventude visam criar novos hábitos, novos olhares em cada jovem, para que tenham novas opções e possibilidade de vida.

Estou convencido de que o objetivo de nossa educação não reside somente em formar o homem de espírito criador, o cidadão capacitado para participar com o máximo de eficácia na edificação do Estado. Nós devemos formar também uma pessoa que seja obrigatoriamente feliz’.
(LUEDEMANN, 2002: p. 393)

Essa felicidade é o que se almeja, uma vida com mais justiça social e igualdade de oportunidades. Nesse sentido, esse trabalho deixa sua contribuição para a Academia e para a sociedade, pois qual é a utilidade da pesquisa científica, senão para melhorar a sociedade? A experiência in loco segue contínua, na tentativa de fazer dos erros e dos certos, a motivação para a alegria.

7. Referências

AGUIARI, Vinícius. Entrevistamos David Karp, o criador do Tumblr. Exame Info Online. São Paulo: Ed Abril, 05 abril. 2011. Disponível em <http://info.abril.com.br/noticias/internet/entrevistamos-david-karp-o-criador-do-tumblr-05042011-3.shl>. Acesso: 29.07.13, às 21h10.

APARICI, Roberto. **Educomunicación: más Allá Del 2.0**. Barcelona: Gedisa Editorial, 2010.

BAUMAM, Zygmunt. **Comunidade: a busca por segurança no mundo atual**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.

BENJAMIN, Walter. **Magia e Técnica, Arte e Política: Ensaios sobre literatura e história da cultura**. Obras Escolhidas: Volume I. São Paulo, Editora Brasiliense, 1994.

BERMAN, Marshall. **Tudo que é sólido desmancha no ar – A aventura da modernidade**. São Paulo, Companhia das Letras, 2001.

BOSI, Eclea. **Memória e Sociedade: Lembranças de Velhos**. São Paulo, Companhia das Letras, 1994.

_____. **O tempo vivo da memória – Ensaios de Psicologia Social**. São Paulo: Ateliê Editorial, 2003.

CADERNOS PROJOVEM ADOLESCENTE CICLO II – Percurso Socioeducativo V - Coletivo Articulador-Realizador – FTG – Formação Técnica Geral. Disponível em <http://www.mds.gov.br/assistenciasocial/sou-gestor-de-assistencia-social/projovem-adolescente/cadernos-projovem-adolescente>

CALDEIRA, T.P. **Cidade de Muros: Crime, segregação e cidadania em São Paulo**. São Paulo: Edusp e Editora 34, 2000.

CASTEL, R. **A dinâmica do processo de marginalização: da vulnerabilidade a desfiliação**. In: Caderno CRH. Salvador, n. 26/27, 1997, p. 19-40 (online).

COSTA, Maria Cristina Castilho e CITELLI, Adilson Odair. **Educomunicação – Construindo uma nova área de conhecimento**. São Paulo: Paulinas, 2011.

CURY, Lucilene. **O Dilema da Pesquisa – Um modelo para iniciantes**. São Paulo: Edusp, 2008.

_____ (org.). **Tecnologias digitais nas interfaces da Comunicação/Educação: desafios e perspectivas**. Curitiba, PR: Editora CRV, 2012.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

GERHARDT, Tatiana Engel e SILVEIRA, Denise Tolfo (organizado por). **Métodos de pesquisa** / coordenado pela Universidade Aberta do Brasil – UAB/UFRGS e pelo Curso de Graduação Tecnológica – Planejamento e Gestão para o Desenvolvimento Rural da SEAD/UFRGS. – Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2009.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP& A, 1998.

HELLER, Agnes. **O cotidiano e a história**. 2ª edição, Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1985.

HONNETH, A. **A luta pelo reconhecimento**. São Paulo: Editora 34, 2003.

JENKINS, Henry. **A cultura da convergência**. São Paulo: Aleph, 2009.

KAPLÚN, Mario. **Una pedagogía de la educación**. In: Educomunicación: más Allá Del 2.0. Barcelona: Gedisa Editorial, 2010.

KENSKI, Vani Moreira. **Do ensinamento interativo às comunidades de aprendizagem, em direção a uma nova sociabilidade na educação.** Revista Acesso, FDE, dez. 2001, p. 49-65.

KOWARICK, L. **Viver em Risco: sobre a vulnerabilidade socioeconômica e civil.** São Paulo: Editora 34. 2009.

LAGE, Nilson. **A Estrutura da Notícia.** São Paulo: Ática, 1998

LUEDEMANN, Cecília da Silveira. **Anton Makarenko vida e obra – a pedagogia na revolução.** São Paulo: Expressão Popular, 2002.

MAKARENKO, A. S. **Poema Pedagógico.** São Paulo. Brasiliense: 1985.

MAINGUENEAU, Dominique. **Análise de Textos de Comunicação.** São Paulo: Cortez Editora, 2012.

MONTERO, M. **Teoría y práctica de la psicología comunitária: la tensión entre comunidad y sociedad.** Buenos Aires, Paidós, 2006.

MORIN, Edgar. **Introdução ao pensamento complexo.** Porto Alegre: Editora Sulina, 2005.

_____. **A cabeça bem-feita: Repensar a reforma, reformar o pensamento.** Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2010.

MOTA, Rafael. **Moradores de cortiços constroem os próprios apartamentos em Santos (SP).** UOL, São Paulo, 25 mar. 2013. Disponível em <http://noticias.uol.com.br/cotidiano/ultimas-noticias/2013/03/25/moradores-de-corticcos-constroem-os-proprios-apartamentos-em-santos-sp.htm>. Acesso: 29.07.2013, às 12h35.

PRIETO CASTILLO, Daniel. **Construir nuestra palabra de educadores.** In: Educomunicación: más Allá Del 2.0. Barcelona: Gedisa Editorial, 2010.

POPPER, Karl R. **Em busca de um mundo melhor**. Editora Martins Fontes, 2006.

QUIROZ VELASCO, Maria Teresa. **Educar en otros tiempos. El valor de La comunicación**. In: Educomunicación: más Allá Del 2.0. Barcelona: Gedisa Editorial, 2010.

SANTOS, André da Rocha. **Habitação precária e os cortiços da área central de Santos**. In: Cad. Metrop., São Paulo, v. 13, n. 26, pp. 549-571, jul/dez 2011. Disponível em http://www.cadernosmetropole.net/download/cm_artigos/cm26_225.pdf. Acesso: 20.07.13, às 18h20.

SAYAD, Alexandre. Idade Mídia: **A comunicação reinventada na escola**. São Paulo: Aleph, 2011.

SARTORI, Ademilde Silveira; SOARES, Maria Salete Prado. **Concepção Dialógica e as NTICs: A Educomunicação e os ecossistemas comunicativos**. Artigo apresentado no V Colóquio Internacional Paulo Freire – Recife, 19 a 22 de setembro, 2005.

SOARES, Ismar de Oliveira. **Educomunicação – o conceito, o profissional, a aplicação – contribuições para a reforma do ensino médio**. São Paulo, Editora Paulinas, 2011.

_____ **Planejamento de Projeto de Gestão Comunicativa**. In COSTA, Maria Cristina Castilho (Org.). Gestão da Comunicação, Projetos de Intervenção. 1ª ed. São Paulo: Ed. Paulinas, 2009, v. 1, p. 27-54.

_____ **Por uma Teoria da relação Comunicação/Educação**. Concurso de Titular 2004.

_____ **Educomunicação: As múltiplas tradições de um campo emergente de intervenção social, na Europa, Estados Unidos e América Latina.** (artigo para enciclopédia sobre o Campo da Comunicação - prelo).

SODRÉ, Muniz. **Reinventando a educação: Diversidade, descolonização e redes.** Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 2012.

SILVA FILHO, Genésio Zeferino da. **Educomunicação e sua metodologia: um estudo a partir de práticas de ONGs no Brasil.** 2004. Tese (Doutorado em Comunicação Social) – Escola de Comunicações e Artes, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2004.

SIMMEL, Georg. **As grandes cidades e a vida do espírito.** MANA 11 (2): 577-591, 2005.

Universidade de São Paulo. Sistema Integrado de Bibliotecas da USP.

Diretrizes para apresentação de dissertações e teses da USP : documento eletrônico e impresso Parte I (ABNT) / Sistema Integrado de Bibliotecas da USP ; Vânia Martins Bueno de Oliveira Funaro, coordenadora ... [et al.] . - - 2. ed. rev. ampl. - - São Paulo : Sistema Integrado de Bibliotecas da USP, 2009. 102 p. - - (Cadernos de Estudos ; 9)

8. Anexos

1. Estatuto do Jovem

Presidência da República
Casa Civil
Subchefia para Assuntos Jurídicos

LEI Nº 12.852, DE 5 DE AGOSTO DE 2013.

Institui o Estatuto da Juventude e dispõe sobre os direitos dos jovens, os princípios e diretrizes das políticas públicas de juventude e o Sistema Nacional de Juventude - SINAJUVE.

A PRESIDENTA DA REPÚBLICA Faço saber que o Congresso Nacional decreta e eu sanciono a seguinte Lei:

TÍTULO I

DOS DIREITOS E DAS POLÍTICAS PÚBLICAS DE JUVENTUDE

CAPÍTULO I

DOS PRINCÍPIOS E DIRETRIZES DAS POLÍTICAS PÚBLICAS DE JUVENTUDE

Art. 1º Esta Lei institui o Estatuto da Juventude e dispõe sobre os direitos dos jovens, os princípios e diretrizes das políticas públicas de juventude e o Sistema Nacional de Juventude - SINAJUVE.

§ 1º Para os efeitos desta Lei, são consideradas jovens as pessoas com idade entre 15 (quinze) e 29 (vinte e nove) anos de idade.

§ 2º Aos adolescentes com idade entre 15 (quinze) e 18 (dezoito) anos aplica-se a [Lei nº 8.069, de 13 de julho de 1990 - Estatuto da Criança e do Adolescente](#), e, excepcionalmente, este Estatuto, quando não conflitar com as normas de proteção integral do adolescente.

Seção I

Dos Princípios

Art. 2º O disposto nesta Lei e as políticas públicas de juventude são regidos pelos seguintes princípios:

- I - promoção da autonomia e emancipação dos jovens;
- II - valorização e promoção da participação social e política, de forma direta e por meio de suas representações;
- III - promoção da criatividade e da participação no desenvolvimento do País;
- IV - reconhecimento do jovem como sujeito de direitos universais, geracionais e singulares;
- V - promoção do bem-estar, da experimentação e do desenvolvimento integral do jovem;
- VI - respeito à identidade e à diversidade individual e coletiva da juventude;
- VII - promoção da vida segura, da cultura da paz, da solidariedade e da não discriminação; e
- VIII - valorização do diálogo e convívio do jovem com as demais gerações.

Parágrafo único. A emancipação dos jovens a que se refere o inciso I do **caput** refere-se à trajetória de inclusão, liberdade e participação do jovem na vida em sociedade, e não ao instituto da emancipação disciplinado pela [Lei nº 10.406, de 10 de janeiro de 2002 - Código Civil](#).

Seção II

Diretrizes Gerais

Art. 3º Os agentes públicos ou privados envolvidos com políticas públicas de juventude devem observar as seguintes diretrizes:

- I - desenvolver a intersectorialidade das políticas estruturais, programas e ações;
- II - incentivar a ampla participação juvenil em sua formulação, implementação e avaliação;
- III - ampliar as alternativas de inserção social do jovem, promovendo programas que priorizem o seu desenvolvimento integral e participação ativa nos espaços decisórios;
- IV - proporcionar atendimento de acordo com suas especificidades perante os órgãos públicos e privados prestadores de serviços à população, visando ao gozo de direitos simultaneamente nos campos da saúde, educacional, político, econômico, social, cultural e ambiental;
- V - garantir meios e equipamentos públicos que promovam o acesso à produção cultural, à prática esportiva, à mobilidade territorial e à fruição do tempo livre;
- VI - promover o território como espaço de integração;
- VII - fortalecer as relações institucionais com os entes federados e as redes de órgãos, gestores e conselhos de juventude;
- VIII - estabelecer mecanismos que ampliem a gestão de informação e produção de conhecimento sobre juventude;

IX - promover a integração internacional entre os jovens, preferencialmente no âmbito da América Latina e da África, e a cooperação internacional;

X - garantir a integração das políticas de juventude com os Poderes Legislativo e Judiciário, com o Ministério Público e com a Defensoria Pública; e

XI - zelar pelos direitos dos jovens com idade entre 18 (dezoito) e 29 (vinte e nove) anos privados de liberdade e egressos do sistema prisional, formulando políticas de educação e trabalho, incluindo estímulos à sua reinserção social e laboral, bem como criando e estimulando oportunidades de estudo e trabalho que favoreçam o cumprimento do regime semiaberto.

CAPÍTULO II

DOS DIREITOS DOS JOVENS

Seção I

Do Direito à Cidadania, à Participação Social e Política e à Representação Juvenil

Art. 4º O jovem tem direito à participação social e política e na formulação, execução e avaliação das políticas públicas de juventude.

Parágrafo único. Entende-se por participação juvenil:

I - a inclusão do jovem nos espaços públicos e comunitários a partir da sua concepção como pessoa ativa, livre, responsável e digna de ocupar uma posição central nos processos políticos e sociais;

II - o envolvimento ativo dos jovens em ações de políticas públicas que tenham por objetivo o próprio benefício, o de suas comunidades, cidades e regiões e o do País;

III - a participação individual e coletiva do jovem em ações que contemplem a defesa dos direitos da juventude ou de temas afetos aos jovens; e

IV - a efetiva inclusão dos jovens nos espaços públicos de decisão com direito a voz e voto.

Art. 5º A interlocução da juventude com o poder público pode realizar-se por intermédio de associações, redes, movimentos e organizações juvenis.

Parágrafo único. É dever do poder público incentivar a livre associação dos jovens.

Art. 6º São diretrizes da interlocução institucional juvenil:

I - a definição de órgão governamental específico para a gestão das políticas públicas de juventude;

II - o incentivo à criação de conselhos de juventude em todos os entes da Federação.

Parágrafo único. Sem prejuízo das atribuições do órgão governamental específico para a gestão das políticas públicas de juventude e dos conselhos de juventude com relação aos direitos previstos neste Estatuto, cabe ao órgão governamental de gestão e aos conselhos dos direitos da criança e do adolescente a interlocução institucional com adolescentes de idade entre 15 (quinze) e 18 (dezoito) anos.

Seção II

Do Direito à Educação

Art. 7º O jovem tem direito à educação de qualidade, com a garantia de educação básica, obrigatória e gratuita, inclusive para os que a ela não tiveram acesso na idade adequada.

§ 1º A educação básica será ministrada em língua portuguesa, assegurada aos jovens indígenas e de povos e comunidades tradicionais a utilização de suas línguas maternas e de processos próprios de aprendizagem.

§ 2º É dever do Estado oferecer aos jovens que não concluíram a educação básica programas na modalidade da educação de jovens e adultos, adaptados às necessidades e especificidades da juventude, inclusive no período noturno, ressalvada a legislação educacional específica.

§ 3º São assegurados aos jovens com surdez o uso e o ensino da Língua Brasileira de Sinais - LIBRAS, em todas as etapas e modalidades educacionais.

§ 4º É assegurada aos jovens com deficiência a inclusão no ensino regular em todos os níveis e modalidades educacionais, incluindo o atendimento educacional especializado, observada a acessibilidade a edificações, transportes, espaços, mobiliários, equipamentos, sistemas e meios de comunicação e assegurados os recursos de tecnologia assistiva e adaptações necessárias a cada pessoa.

§ 5º A Política Nacional de Educação no Campo contemplará a ampliação da oferta de educação para os jovens do campo, em todos os níveis e modalidades educacionais.

Art. 8º O jovem tem direito à educação superior, em instituições públicas ou privadas, com variados graus de abrangência do saber ou especialização do conhecimento, observadas as regras de acesso de cada instituição.

§ 1º É assegurado aos jovens negros, indígenas e alunos oriundos da escola pública o acesso ao ensino superior nas instituições públicas por meio de políticas afirmativas, nos termos da lei.

§ 2º O poder público promoverá programas de expansão da oferta de educação superior nas instituições públicas, de financiamento estudantil e de bolsas de estudos nas instituições privadas, em especial para jovens com deficiência, negros, indígenas e alunos oriundos da escola pública.

Art. 9º O jovem tem direito à educação profissional e tecnológica, articulada com os diferentes níveis e modalidades de educação, ao trabalho, à ciência e à tecnologia, observada a legislação vigente.

Art. 10. É dever do Estado assegurar ao jovem com deficiência o atendimento educacional especializado gratuito, preferencialmente, na rede regular de ensino.

Art. 11. O direito ao programa suplementar de transporte escolar de que trata o [art. 4º da Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996](#), será progressivamente estendido ao jovem estudante do ensino fundamental, do ensino médio e da educação superior, no campo e na cidade.

§ 1º (VETADO).

§ 2º (VETADO).

Art. 12. É garantida a participação efetiva do segmento juvenil, respeitada sua liberdade de organização, nos conselhos e instâncias deliberativas de gestão democrática das escolas e universidades.

Art. 13. As escolas e as universidades deverão formular e implantar medidas de democratização do acesso e permanência, inclusive programas de assistência estudantil, ação afirmativa e inclusão social para os jovens estudantes.

Seção III

Do Direito à Profissionalização, ao Trabalho e à Renda

Art. 14. O jovem tem direito à profissionalização, ao trabalho e à renda, exercido em condições de liberdade, equidade e segurança, adequadamente remunerado e com proteção social.

Art. 15. A ação do poder público na efetivação do direito do jovem à profissionalização, ao trabalho e à renda contempla a adoção das seguintes medidas:

I - promoção de formas coletivas de organização para o trabalho, de redes de economia solidária e da livre associação;

II - oferta de condições especiais de jornada de trabalho por meio de:

a) compatibilização entre os horários de trabalho e de estudo;

b) oferta dos níveis, formas e modalidades de ensino em horários que permitam a compatibilização da frequência escolar com o trabalho regular;

III - criação de linha de crédito especial destinada aos jovens empreendedores;

IV - atuação estatal preventiva e repressiva quanto à exploração e precarização do trabalho juvenil;

V - adoção de políticas públicas voltadas para a promoção do estágio, aprendizagem e trabalho para a juventude;

VI - apoio ao jovem trabalhador rural na organização da produção da agricultura familiar e dos empreendimentos familiares rurais, por meio das seguintes ações:

a) estímulo à produção e à diversificação de produtos;

b) fomento à produção sustentável baseada na agroecologia, nas agroindústrias familiares, na integração entre lavoura, pecuária e floresta e no extrativismo sustentável;

c) investimento em pesquisa de tecnologias apropriadas à agricultura familiar e aos empreendimentos familiares rurais;

d) estímulo à comercialização direta da produção da agricultura familiar, aos empreendimentos familiares rurais e à formação de cooperativas;

e) garantia de projetos de infraestrutura básica de acesso e escoamento de produção, priorizando a melhoria das estradas e do transporte;

f) promoção de programas que favoreçam o acesso ao crédito, à terra e à assistência técnica rural;

VII - apoio ao jovem trabalhador com deficiência, por meio das seguintes ações:

- a) estímulo à formação e à qualificação profissional em ambiente inclusivo;
- b) oferta de condições especiais de jornada de trabalho;
- c) estímulo à inserção no mercado de trabalho por meio da condição de aprendiz.

Art. 16. O direito à profissionalização e à proteção no trabalho dos adolescentes com idade entre 15 (quinze) e 18 (dezoito) anos de idade será regido pelo disposto na [Lei nº 8.069, de 13 de julho de 1990 - Estatuto da Criança e do Adolescente](#), e em leis específicas, não se aplicando o previsto nesta Seção.

Seção IV

Do Direito à Diversidade e à Igualdade

Art. 17. O jovem tem direito à diversidade e à igualdade de direitos e de oportunidades e não será discriminado por motivo de:

- I - etnia, raça, cor da pele, cultura, origem, idade e sexo;
- II - orientação sexual, idioma ou religião;
- III - opinião, deficiência e condição social ou econômica.

Art. 18. A ação do poder público na efetivação do direito do jovem à diversidade e à igualdade contempla a adoção das seguintes medidas:

I - adoção, nos âmbitos federal, estadual, municipal e do Distrito Federal, de programas governamentais destinados a assegurar a igualdade de direitos aos jovens de todas as raças e etnias, independentemente de sua origem, relativamente à educação, à profissionalização, ao trabalho e renda, à cultura, à saúde, à segurança, à cidadania e ao acesso à justiça;

II - capacitação dos professores dos ensinos fundamental e médio para a aplicação das diretrizes curriculares nacionais no que se refere ao enfrentamento de todas as formas de discriminação;

III - inclusão de temas sobre questões étnicas, raciais, de deficiência, de orientação sexual, de gênero e de violência doméstica e sexual praticada contra a mulher na formação dos profissionais de educação, de saúde e de segurança pública e dos operadores do direito;

IV - observância das diretrizes curriculares para a educação indígena como forma de preservação dessa cultura;

V - inclusão, nos conteúdos curriculares, de informações sobre a discriminação na sociedade brasileira e sobre o direito de todos os grupos e indivíduos a tratamento igualitário perante a lei; e

VI - inclusão, nos conteúdos curriculares, de temas relacionados à sexualidade, respeitando a diversidade de valores e crenças.

Seção V

Do Direito à Saúde

Art. 19. O jovem tem direito à saúde e à qualidade de vida, considerando suas especificidades na dimensão da prevenção, promoção, proteção e recuperação da saúde de forma integral.

Art. 20. A política pública de atenção à saúde do jovem será desenvolvida em consonância com as seguintes diretrizes:

I - acesso universal e gratuito ao Sistema Único de Saúde - SUS e a serviços de saúde humanizados e de qualidade, que respeitem as especificidades do jovem;

II - atenção integral à saúde, com especial ênfase ao atendimento e à prevenção dos agravos mais prevalentes nos jovens;

III - desenvolvimento de ações articuladas entre os serviços de saúde e os estabelecimentos de ensino, a sociedade e a família, com vistas à prevenção de agravos;

IV - garantia da inclusão de temas relativos ao consumo de álcool, tabaco e outras drogas, à saúde sexual e reprodutiva, com enfoque de gênero e dos direitos sexuais e reprodutivos nos projetos pedagógicos dos diversos níveis de ensino;

V - reconhecimento do impacto da gravidez planejada ou não, sob os aspectos médico, psicológico, social e econômico;

VI - capacitação dos profissionais de saúde, em uma perspectiva multiprofissional, para lidar com temas relativos à saúde sexual e reprodutiva dos jovens, inclusive com deficiência, e ao abuso de álcool, tabaco e outras drogas pelos jovens;

VII - habilitação dos professores e profissionais de saúde e de assistência social para a identificação dos problemas relacionados ao uso abusivo e à dependência de álcool, tabaco e outras drogas e o devido encaminhamento aos serviços assistenciais e de saúde;

VIII - valorização das parcerias com instituições da sociedade civil na abordagem das questões de prevenção, tratamento e reinserção social dos usuários e dependentes de álcool, tabaco e outras drogas;

IX - proibição de propagandas de bebidas contendo qualquer teor alcoólico com a participação de pessoa com menos de 18 (dezoito) anos de idade;

X - veiculação de campanhas educativas relativas ao álcool, ao tabaco e a outras drogas como causadores de dependência; e

XI - articulação das instâncias de saúde e justiça na prevenção do uso e abuso de álcool, tabaco e outras drogas, inclusive esteróides anabolizantes e, especialmente, crack.

Seção VI

Do Direito à Cultura

Art. 21. O jovem tem direito à cultura, incluindo a livre criação, o acesso aos bens e serviços culturais e a participação nas decisões de política cultural, à identidade e diversidade cultural e à memória social.

Art. 22. Na consecução dos direitos culturais da juventude, compete ao poder público:

I - garantir ao jovem a participação no processo de produção, reelaboração e fruição dos bens culturais;

II - propiciar ao jovem o acesso aos locais e eventos culturais, mediante preços reduzidos, em âmbito nacional;

III - incentivar os movimentos de jovens a desenvolver atividades artístico-culturais e ações voltadas à preservação do patrimônio histórico;

IV - valorizar a capacidade criativa do jovem, mediante o desenvolvimento de programas e projetos culturais;

V - propiciar ao jovem o conhecimento da diversidade cultural, regional e étnica do País;

VI - promover programas educativos e culturais voltados para a problemática do jovem nas emissoras de rádio e televisão e nos demais meios de comunicação de massa;

VII - promover a inclusão digital dos jovens, por meio do acesso às novas tecnologias da informação e comunicação;

VIII - assegurar ao jovem do campo o direito à produção e à fruição cultural e aos equipamentos públicos que valorizem a cultura camponesa; e

IX - garantir ao jovem com deficiência acessibilidade e adaptações razoáveis.

Parágrafo único. A aplicação dos incisos I, III e VIII do **caput** deve observar a legislação específica sobre o direito à profissionalização e à proteção no trabalho dos adolescentes.

Art. 23. É assegurado aos jovens de até 29 (vinte e nove) anos pertencentes a famílias de baixa renda e aos estudantes, na forma do regulamento, o acesso a salas de cinema, cineclubes, teatros, espetáculos musicais e circenses, eventos educativos, esportivos, de lazer e entretenimento, em todo o território nacional, promovidos por quaisquer entidades e realizados em estabelecimentos públicos ou particulares, mediante pagamento da metade do preço do ingresso cobrado do público em geral.

§ 1º Terão direito ao benefício previsto no **caput** os estudantes regularmente matriculados nos níveis e modalidades de educação e ensino previstos no [Título V da Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996 - Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional](#), que comprovem sua condição de discente, mediante apresentação, no momento da aquisição do ingresso e na portaria do local de realização do evento, da Carteira de Identificação Estudantil - CIE.

§ 2º A CIE será expedida preferencialmente pela Associação Nacional de Pós-Graduandos, pela União Nacional dos Estudantes, pela União Brasileira dos Estudantes Secundaristas e por entidades estudantis estaduais e municipais a elas filiadas.

§ 3º É garantida a gratuidade na expedição da CIE para estudantes pertencentes a famílias de baixa renda, nos termos do regulamento.

§ 4º As entidades mencionadas no § 2º deste artigo deverão tornar disponível, para eventuais consultas pelo poder público e pelos estabelecimentos referidos no **caput**, banco de dados com o nome e o número de registro dos estudantes portadores da Carteira de Identificação Estudantil, expedida nos termos do § 3º deste artigo.

§ 5º A CIE terá validade até o dia 31 de março do ano subsequente à data de sua expedição.

§ 6º As entidades mencionadas no § 2º deste artigo são obrigadas a manter o documento comprobatório do vínculo do aluno com o estabelecimento escolar, pelo mesmo prazo de validade da respectiva Carteira de Identificação Estudantil.

§ 7º Caberá aos órgãos públicos competentes federais, estaduais, municipais e do Distrito Federal a fiscalização do cumprimento do disposto neste artigo e a aplicação das sanções cabíveis, nos termos do regulamento.

§ 8º Os benefícios previstos neste artigo não incidirão sobre os eventos esportivos de que tratam as [Leis nºs 12.663, de 5 de junho de 2012](#), e [12.780, de 9 de janeiro de 2013](#).

§ 9º Considera-se de baixa renda, para os fins do disposto no **caput**, a família inscrita no Cadastro Único para Programas Sociais do Governo Federal - CadÚnico cuja renda mensal seja de até 2 (dois) salários mínimos.

§ 10. A concessão do benefício da meia-entrada de que trata o **caput** é limitada a 40% (quarenta por cento) do total de ingressos disponíveis para cada evento.

Art. 24. O poder público destinará, no âmbito dos respectivos orçamentos, recursos financeiros para o fomento dos projetos culturais destinados aos jovens e por eles produzidos.

Art. 25. Na destinação dos recursos do Fundo Nacional da Cultura - FNC, de que trata a [Lei nº 8.313, de 23 de dezembro de 1991](#), serão consideradas as necessidades específicas dos jovens em relação à ampliação do acesso à cultura e à melhoria das condições para o exercício do protagonismo no campo da produção cultural.

Parágrafo único. As pessoas físicas ou jurídicas poderão optar pela aplicação de parcelas do imposto sobre a renda a título de doações ou patrocínios, de que trata a [Lei nº 8.313, de 23 de dezembro de 1991](#), no apoio a projetos culturais apresentados por entidades juvenis legalmente constituídas há, pelo menos, 1 (um) ano.

Seção VII

Do Direito à Comunicação e à Liberdade de Expressão

Art. 26. O jovem tem direito à comunicação e à livre expressão, à produção de conteúdo, individual e colaborativo, e ao acesso às tecnologias de informação e comunicação.

Art. 27. A ação do poder público na efetivação do direito do jovem à comunicação e à liberdade de expressão contempla a adoção das seguintes medidas:

I - incentivar programas educativos e culturais voltados para os jovens nas emissoras de rádio e televisão e nos demais meios de comunicação de massa;

II - promover a inclusão digital dos jovens, por meio do acesso às novas tecnologias de informação e comunicação;

III - promover as redes e plataformas de comunicação dos jovens, considerando a acessibilidade para os jovens com deficiência;

IV - incentivar a criação e manutenção de equipamentos públicos voltados para a promoção do direito do jovem à comunicação; e

V - garantir a acessibilidade à comunicação por meio de tecnologias assistivas e adaptações razoáveis para os jovens com deficiência.

Seção VIII

Do Direito ao Desporto e ao Lazer

Art. 28. O jovem tem direito à prática desportiva destinada a seu pleno desenvolvimento, com prioridade para o desporto de participação.

Parágrafo único. O direito à prática desportiva dos adolescentes deverá considerar sua condição peculiar de pessoa em desenvolvimento.

Art. 29. A política pública de desporto e lazer destinada ao jovem deverá considerar:

I - a realização de diagnóstico e estudos estatísticos oficiais acerca da educação física e dos desportos e dos equipamentos de lazer no Brasil;

II - a adoção de lei de incentivo fiscal para o esporte, com critérios que priorizem a juventude e promovam a equidade;

III - a valorização do desporto e do paradesporto educacional;

IV - a oferta de equipamentos comunitários que permitam a prática desportiva, cultural e de lazer.

Art. 30. Todas as escolas deverão buscar pelo menos um local apropriado para a prática de atividades poliesportivas.

Seção IX

Do Direito ao Território e à Mobilidade

Art. 31. O jovem tem direito ao território e à mobilidade, incluindo a promoção de políticas públicas de moradia, circulação e equipamentos públicos, no campo e na cidade.

Parágrafo único. Ao jovem com deficiência devem ser garantidas a acessibilidade e as adaptações necessárias.

Art. 32. No sistema de transporte coletivo interestadual, observar-se-á, nos termos da legislação específica:

I - a reserva de 2 (duas) vagas gratuitas por veículo para jovens de baixa renda;

II - a reserva de 2 (duas) vagas por veículo com desconto de 50% (cinquenta por cento), no mínimo, no valor das passagens, para os jovens de baixa renda, a serem utilizadas após esgotadas as vagas previstas no inciso I.

Parágrafo único. Os procedimentos e os critérios para o exercício dos direitos previstos nos incisos I e II serão definidos em regulamento.

Art. 33. A União envidará esforços, em articulação com os Estados, o Distrito Federal e os Municípios, para promover a oferta de transporte público subsidiado para os jovens, com prioridade para os jovens em situação de pobreza e vulnerabilidade, na forma do regulamento.

Seção X

Do Direito à Sustentabilidade e ao Meio Ambiente

Art. 34. O jovem tem direito à sustentabilidade e ao meio ambiente ecologicamente equilibrado, bem de uso comum do povo, essencial à sadia qualidade de vida, e o dever de defendê-lo e preservá-lo para a presente e as futuras gerações.

Art. 35. O Estado promoverá, em todos os níveis de ensino, a educação ambiental voltada para a preservação do meio ambiente e a sustentabilidade, de acordo com a Política Nacional do Meio Ambiente.

Art. 36. Na elaboração, na execução e na avaliação de políticas públicas que incorporem a dimensão ambiental, o poder público deverá considerar:

I - o estímulo e o fortalecimento de organizações, movimentos, redes e outros coletivos de juventude que atuem no âmbito das questões ambientais e em prol do desenvolvimento sustentável;

II - o incentivo à participação dos jovens na elaboração das políticas públicas de meio ambiente;

III - a criação de programas de educação ambiental destinados aos jovens; e

IV - o incentivo à participação dos jovens em projetos de geração de trabalho e renda que visem ao desenvolvimento sustentável nos âmbitos rural e urbano.

Parágrafo único. A aplicação do disposto no inciso IV do **caput** deve observar a legislação específica sobre o direito à profissionalização e à proteção no trabalho dos adolescentes.

Seção XI

Do Direito à Segurança Pública e ao Acesso à Justiça

Art. 37. Todos os jovens têm direito de viver em um ambiente seguro, sem violência, com garantia da sua incolumidade física e mental, sendo-lhes asseguradas a igualdade de oportunidades e facilidades para seu aperfeiçoamento intelectual, cultural e social.

Art. 38. As políticas de segurança pública voltadas para os jovens deverão articular ações da União, dos Estados, do Distrito Federal e dos Municípios e ações não governamentais, tendo por diretrizes:

I - a integração com as demais políticas voltadas à juventude;

II - a prevenção e enfrentamento da violência;

III - a promoção de estudos e pesquisas e a obtenção de estatísticas e informações relevantes para subsidiar as ações de segurança pública e permitir a avaliação periódica dos impactos das políticas públicas quanto às causas, às consequências e à frequência da violência contra os jovens;

IV - a priorização de ações voltadas para os jovens em situação de risco, vulnerabilidade social e egressos do sistema penitenciário nacional;

V - a promoção do acesso efetivo dos jovens à Defensoria Pública, considerando as especificidades da condição juvenil; e

VI - a promoção do efetivo acesso dos jovens com deficiência à justiça em igualdade de condições com as demais pessoas, inclusive mediante a provisão de adaptações processuais adequadas a sua idade.

TÍTULO II

DO SISTEMA NACIONAL DE JUVENTUDE

CAPÍTULO I

DO SISTEMA NACIONAL DE JUVENTUDE - SINAJUVE

Art. 39. É instituído o Sistema Nacional de Juventude - SINAJUVE, cujos composição, organização, competência e funcionamento serão definidos em regulamento.

Art. 40. O financiamento das ações e atividades realizadas no âmbito do Sinajuve será definido em regulamento.

CAPÍTULO II

DAS COMPETÊNCIAS

Art. 41. Compete à União:

I - formular e coordenar a execução da Política Nacional de Juventude;

II - coordenar e manter o Sinajuve;

III - estabelecer diretrizes sobre a organização e o funcionamento do Sinajuve;

IV - elaborar o Plano Nacional de Políticas de Juventude, em parceria com os Estados, o Distrito Federal, os Municípios e a sociedade, em especial a juventude;

V - convocar e realizar, em conjunto com o Conselho Nacional de Juventude, as Conferências Nacionais de Juventude, com intervalo máximo de 4 (quatro) anos;

VI - prestar assistência técnica e suplementação financeira aos Estados, ao Distrito Federal e aos Municípios para o desenvolvimento de seus sistemas de juventude;

VII - contribuir para a qualificação e ação em rede do Sinajuve em todos os entes da Federação;

VIII - financiar, com os demais entes federados, a execução das políticas públicas de juventude;

IX - estabelecer formas de colaboração com os Estados, o Distrito Federal e os Municípios para a execução das políticas públicas de juventude; e

X - garantir a publicidade de informações sobre repasses de recursos para financiamento das políticas públicas de juventude aos conselhos e gestores estaduais, do Distrito Federal e municipais.

Art. 42. Compete aos Estados:

I - coordenar, em âmbito estadual, o Sinajuve;

II - elaborar os respectivos planos estaduais de juventude, em conformidade com o Plano Nacional, com a participação da sociedade, em especial da juventude;

III - criar, desenvolver e manter programas, ações e projetos para a execução das políticas públicas de juventude;

IV - convocar e realizar, em conjunto com o Conselho Estadual de Juventude, as Conferências Estaduais de Juventude, com intervalo máximo de 4 (quatro) anos;

V - editar normas complementares para a organização e o funcionamento do Sinajuve, em âmbito estadual e municipal;

VI - estabelecer com a União e os Municípios formas de colaboração para a execução das políticas públicas de juventude; e

VII - cofinanciar, com os demais entes federados, a execução de programas, ações e projetos das políticas públicas de juventude.

Parágrafo único. Serão incluídos nos censos demográficos dados relativos à população jovem do País.

Art. 43. Compete aos Municípios:

I - coordenar, em âmbito municipal, o Sinajuve;

II - elaborar os respectivos planos municipais de juventude, em conformidade com os respectivos Planos Nacional e Estadual, com a participação da sociedade, em especial da juventude;

III - criar, desenvolver e manter programas, ações e projetos para a execução das políticas públicas de juventude;

IV - convocar e realizar, em conjunto com o Conselho Municipal de Juventude, as Conferências Municipais de Juventude, com intervalo máximo de 4 (quatro) anos;

V - editar normas complementares para a organização e funcionamento do Sinajuve, em âmbito municipal;

VI - cofinanciar, com os demais entes federados, a execução de programas, ações e projetos das políticas públicas de juventude; e

VII - estabelecer mecanismos de cooperação com os Estados e a União para a execução das políticas públicas de juventude.

Parágrafo único. Para garantir a articulação federativa com vistas ao efetivo cumprimento das políticas públicas de juventude, os Municípios podem instituir os consórcios de que trata a [Lei nº 11.107, de 6 de abril de 2005](#), ou qualquer outro instrumento jurídico adequado, como forma de compartilhar responsabilidades.

Art. 44. As competências dos Estados e Municípios são atribuídas, cumulativamente, ao Distrito Federal.

CAPÍTULO III

DOS CONSELHOS DE JUVENTUDE

Art. 45. Os conselhos de juventude são órgãos permanentes e autônomos, não jurisdicionais, encarregados de tratar das políticas públicas de juventude e da garantia do exercício dos direitos do jovem, com os seguintes objetivos:

I - auxiliar na elaboração de políticas públicas de juventude que promovam o amplo exercício dos direitos dos jovens estabelecidos nesta Lei;

II - utilizar instrumentos de forma a buscar que o Estado garanta aos jovens o exercício dos seus direitos;

III - colaborar com os órgãos da administração no planejamento e na implementação das políticas de juventude;

IV - estudar, analisar, elaborar, discutir e propor a celebração de instrumentos de cooperação, visando à elaboração de programas, projetos e ações voltados para a juventude;

V - promover a realização de estudos relativos à juventude, objetivando subsidiar o planejamento das políticas públicas de juventude;

VI - estudar, analisar, elaborar, discutir e propor políticas públicas que permitam e garantam a integração e a participação do jovem nos processos social, econômico, político e cultural no respectivo ente federado;

VII - propor a criação de formas de participação da juventude nos órgãos da administração pública;

VIII - promover e participar de seminários, cursos, congressos e eventos correlatos para o debate de temas relativos à juventude;

IX - desenvolver outras atividades relacionadas às políticas públicas de juventude.

§ 1º A lei, em âmbito federal, estadual, do Distrito Federal e municipal, disporá sobre a organização, o funcionamento e a composição dos conselhos de juventude, observada a participação da sociedade civil mediante critério, no mínimo, paritário com os representantes do poder público.

§ 2º (VETADO).

Art. 46. São atribuições dos conselhos de juventude:

I - encaminhar ao Ministério Público notícia de fato que constitua infração administrativa ou penal contra os direitos do jovem garantidos na legislação;

II - encaminhar à autoridade judiciária os casos de sua competência;

III - expedir notificações;

IV - solicitar informações das autoridades públicas;

V - assessorar o Poder Executivo local na elaboração dos planos, programas, projetos, ações e proposta orçamentária das políticas públicas de juventude.

Art. 47. Sem prejuízo das atribuições dos conselhos de juventude com relação aos direitos previstos neste Estatuto, cabe aos conselhos de direitos da criança e do adolescente deliberar e

controlar as ações em todos os níveis relativos aos adolescentes com idade entre 15 (quinze) e 18 (dezoito) anos.

Art. 48. Esta Lei entra em vigor após decorridos 180 (cento e oitenta) dias de sua publicação oficial.

Brasília, 5 de agosto de 2013; 192º da Independência e 125º da República.

DILMA ROUSSEFF

José Eduardo Cardozo

Antonio de Aguiar Patriota

Guido Mantega

César Borges

Aloizio Mercadante

Manoel Dias

Alexandre Rocha Santos Padilha

Miriam Belchior

Paulo Bernardo Silva

Tereza Campello

Marta Suplicy

Izabella Mônica Vieira Teixeira

Aldo Rebelo

Gilberto José Spier Vargas

Aguinaldo Ribeiro

Gilberto Carvalho

Luís Inácio Lucena Adams

Luiza Helena de Bairros

Eleonora Menicucci de Oliveira

Maria do Rosário Nunes

Este texto não substitui o publicado no DOU de 6.8.2013

Disponível em http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2011-2014/2013/Lei/L12852.htm

2.Produções do coletivo de jovens:

- Texto produzido após entrevistas com moradores da comunidade sobre o mundo que se deseja viver
 - Texto sobre o incêndio ocorrido na Zona Noroeste em 2014
- Texto sobre as doações entregues no Centro da Juventude para as vítimas do incêndio
- Texto sobre a instalação de gás encanado na residência de um dos jovens participantes
- Texto sobre a visita dos jovens a uma exposição artística em Santos, relatada na atividade 'Fatos-Notícias'

Um mundo melhor

Em busca de um mundo melhor pessoas procuram atitudes para mudar o futuro ^{em} que vivemos em meio ~~de~~ tantas guerras, desigualdade, honestidade, enfim.

Robson, ^{morador de ENJ} de 49 anos, tem um sonho de viver em paz, onde todos possam viver em harmonia, e não só quer, como faz por onde, amando, compreendendo o próximo e o mais importante, tentando mudar a cada dia.

Santos, Rádio Clube Awa: Brigadiiro Faria Lima
quarta-feira 4 de junho de 2014.

O que devemos fazer para
melhorar o mundo!

O

Na ^{art.} (sua) Brigadeiro Faria Lima, ^{onde fize} entrevistas
as pessoas ^{que} que elas querem para ~~um~~ mundo
melhor. E elas pediram paz, amor, alegria,
menos violência, mais, ~~com~~ atendimento melhor
nos hospitais.

A

O que ^{seria} ~~seria~~ ^{seria}
para o mundo melhor.

que tenha menos drogas, menos lixo,
menos violência, menos roubos, menos crime
que tenha mais portas de saúde, mais
empregos, mais ônibus, mais escolas, e mais
atendimento nos hospitais, mais amor.

Violência Guerra
corrupção fome
Racismo

corrupção
Violência fome
guerra Racismo

Bem eu já já fui fiquei sabendo que um homem deixou a panela de pressão no fogo e saiu para matar a sede no bar. Nesse começo o incêndio nos casas dos pessoas começaram a gritar desesperados por que estavam perdendo suas casas. É a terceira vez que aconteceu isso nessa festa que começou o incêndio eu estava na praça nesse senti os pessoal gritando desesperados.

O amigo do meu irmão perdeu quase tudo aí ele deixou as coisas dele lá na minha casa aí eu quase chorei porque era muita tristeza.

E na hora do incêndio tinha muita gente aí aproveitando roubando muitas coisas eu fiquei muito triste porque a povo tá ainda a tristeza das pessoas e tá roubando.

O Centro da Juventude é um ponto de encontro
em um local próximo ao 2º andar do Social Jefferson
com o fato que ~~se~~ aconteceu dia 6 de outubro
na Vila Belma.

Membros da Sociedade se ^{conferiram} ~~conferiram~~ com o foto
e decidiram doar. ~~o centro da juventude~~ O Centro da Juventude
em um local próximo ao ^{pensaram} ~~passaram~~ na possibili-
dade em ajudar até porque muitos dos afetos
~~o~~ fazia parte do Centro. Muitas pessoas ajudaram
não só com ~~doações~~ ~~mas~~ ^{mas} com a participação

"A Importância de ajudar a sociedade"
até um dos entrevistados que também deixaram
uma Observação: Não arrecadamos ^{mais} grupos
mas sim grupos de barba e coroa
até dia 6 de maio

O Centro de Juventude reúne as pessoas para afidar e separar as rapar guardas nas salas, háve voluntários.

Como Renato que viu ele já trabalhava no insti-
tuição e ~~ele~~ apareceu para ajudar.

Na Sargano funcionário público deve que o espírito de
solidariedade fez ele um

A alice veio com os amigos para poder ajudar

A auto estima Ia fazendo se sentir bem pro
vir ajudar Demor Luiz 39 anos

Renato Lima 32 anos Atr.

Trabalho para instituições e tem oportunidade
de ajudar ou dar oelo e decidiu ajudar
~~para~~

Suzano 43 anos funcionário público
Espírito de solidariedade e sempre solicita
a ele vire ajudar

Lilici 34 anos estudante

Por causa das casas queimadas os amigos
vão e ele quis vir ajudar

Nome: Bianca Souza

Grãos Encamado

De morou mais chegou!

~~2000 toneladas de milho e 1000 toneladas de feijão
para a população de São Paulo e São Paulo
para a população de São Paulo e São Paulo~~

Já chegou a Brasília a nordestina
de grão encamado, uma novidade as pais.
Zona Nordeste já vem recebendo
~~em~~ em suas casas a melhoria
para população o grão encamado, Nessa Quarta-
feira 02/07/20, chegou no sua termoste
Dilid de amarelo o grão encamado e suas
formas, doces e doces ~~uma novidade~~
de ser utilizado, no Bairro ~~raio~~ clube
Ja nos é mais uma grande novidade
pois ~~em~~ em outros lugares já ~~nos~~
são utilizados. além de ser um grão
na minha opinião é uma boa forma
~~de~~ pois economiza mais e ~~é~~ ~~de~~
em ~~uma~~ país para os famílias brasileiros
~~trazendo a~~ trazendo a economia e o bolso Brasileiro

EXPOSIÇÃO DE FEFÉU.

Ontem dia 01/07/14 VISITAMOS A EXPOSIÇÃO DE FEFÉU NO ESPAÇO TREMENDÃO LOCALIZADO NA RUA BRÁS CUBAS, AO LADO DO CAMPS. AS OBRAS RETRAVAM, COISAS DO DIA A DIA DE UMA FORMA SIMPLES E CHEIA DE CORES, ALÉM DISSO. FALAVA DE SENTIMENTOS E RELIGIÃO, DESTACANDO EM SUAS OBRAS CORES PRIMÁRIAS, E FORMAS REPETIDAS

3.Cartilha Projovem Adolescente

Ministério do Desenvolvimento Social e Combate à Fome

PROJOVEM Adolescente

CADERNO DO FACILITADOR DA FTG - CICLO II
PERCURSO SOCIOEDUCATIVO V

“Coletivo Articulador-Realizador”

FORMAÇÃO TÉCNICA GERAL

1ª Edição

Brasília
2009

Expediente:

Esta é uma publicação técnica da Secretaria Nacional de Assistência Social.
Secretária Nacional de Assistência Social: Ana Lígia Gomes
Diretora do Departamento de Gestão do SUAS: Simone Aparecida Albuquerque
Diretora do Departamento de Proteção Social Especial: Valéria Maria Massarani Gonelli
Diretora do Departamento de Benefícios Assistenciais: Maria José de Freitas
Diretor-Executivo do Fundo Nacional de Assistência Social: Fernando Antônio Brandão
Diretora do Departamento de Proteção Social Básica: Aidê Cançado Almeida
Coordenadora-Geral de Regulação das Ações de Proteção Social Básica: Mariana López Matias
Assessor Técnico do Departamento de Proteção Social Básica: Alexandre Valle dos Reis
Colaborador: Jeison Pábulo Andrade.

Consultoria*:

Fabio Luiz Zamberlan (Coordenação Geral)
Renata Gérard Bondim (Coordenação de Projeto)
Cássio Alan Ferreira Maduro
Denise Vilar do Nunes Guimarães
Fabiano Antonio dos Santos
Fátima Oliveira
Jairo Dutra e Mello Garcia
Lucília Barbosa de Aguiar
Margarida Serrão
Maria Cristina A. Jerônimo
Misacl Goyos de Oliveira
Vera Cristina Rodrigues

*Equipe de pesquisa e elaboração do Laboratório Trabalho&Formação/LT&F
da Coordenação dos Programas
de Pós Graduação de Engenharia/COPPE da
Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ.

Tiragem: 30.000 exemplares
Projeto Gráfico: Grafix Dourado & Souza Ltda CNPJ: 02.341.721/0001-90
Impressão: Gráfica Brasil
Coordenação da Publicação: Departamento de Proteção Social Básica.

Ministério do Desenvolvimento Social e Combate à Fome
Secretaria Nacional de Assistência Social
Esplanada dos Ministérios, Bloco C, 6º andar, sala 641
CEP: 70.054-900 –Brasília – DF
Telefone 0800 707 2003

Caderno do Facilitador da FTG : Ciclo II : Percurso Socioeducativo V : “Coletivo Articulador-Realizador” : Formação Técnica Geral / Ministério do Desenvolvimento Social e Combate à Fome. – 1. ed. – Brasília: Ministério do Desenvolvimento Social e Combate à Fome, 2009.
396 p. (Projovem Adolescente : Serviço Socioeducativo)

ISBN 978-85-60700-20-2

ISBN 978-85-60700-28-8

1. Juventude. 2. Assistência Social. 3. Políticas Públicas. 4. Serviço socio-educativo. 5. Participação cidadã. 6. Formação Técnica Geral para o trabalho. 7. Programa Nacional de Inclusão de Jovens – PROJOVEM. I. Ministério do Desenvolvimento Social e Combate à Fome. II. Título.

Apresentação

O tema da juventude ocupa um lugar de destaque na Agenda Social do Governo Federal, cujos objetivos gerais são a redução da pobreza e da desigualdade, a erradicação da fome e a promoção da autonomia e da inclusão social das famílias brasileiras em situação de vulnerabilidade.

Com igual ênfase política e de maneira complementar ao Plano de Aceleração do Crescimento – PAC, a Agenda Social enuncia prioridades e organiza as ações que vêm demonstrando, na prática, ser possível promover o crescimento econômico aliado ao desenvolvimento social.

No processo de construção da Agenda Social, sob a coordenação da Secretaria-Geral da Presidência da República, os Ministérios do Desenvolvimento Social e Combate à Fome – MDS, do Trabalho e Emprego – MTE, da Educação – MEC, a Secretaria Especial dos Direitos Humanos – SEDH e a Secretaria Nacional de Juventude – SNJ constituíram um Grupo de Trabalho com a tarefa de discutir a integração de programas governamentais voltados aos jovens – Agente Jovem de Desenvolvimento Social e Humano, Saberes da Terra, Projovem, Consórcio Social da Juventude, Juventude Cidadã e Escola de Fábrica. O objetivo foi elaborar uma estratégia que articulasse intersetorialmente as políticas públicas e os respectivos programas, conferindo-lhes escala, otimizando ações e potencializando resultados.

Como resultado dessa iniciativa, optou-se pela reformulação do Programa Nacional de Inclusão de Jovens – Projovem, criado em 2005, ampliando sua faixa etária para o público de 15 a 29 anos e criando quatro modalidades: Projovem Adolescente – Serviço Socioeducativo, Projovem Urbano, Projovem Trabalhador e Projovem Campo – Saberes da Terra. O novo Projovem foi lançado em setembro de 2007 pelo Presidente da República, Luís Inácio Lula da Silva, e posteriormente regulamentado pela Lei nº 11.629, de 10 de junho de 2008.

A intersetorialidade na concepção e implantação do Projovem vai além da sua gestão compartilhada e busca alcançar a efetiva integração de programas e ações promovidos por cada um dos ministérios parceiros. Sua lógica visa assegurar um atendimento integral e contínuo aos jovens dos 15 aos 29 anos de idade, oferecendo-lhes a possibilidade de participação nas diversas modalidades do Programa.

O Projovem Adolescente, coordenado pelo MDS, é voltado para jovens de 15 a 17 anos de famílias beneficiárias do Programa Bolsa Família e jovens vinculados ou egressos de programas e serviços da proteção social especial, como o Programa de Combate à Violência e à Exploração Sexual e o Programa de Erradicação do Trabalho Infantil – PETI, ou ainda jovens sob medidas de proteção ou socioeducativas previstas no Estatuto da Criança e do Adolescente. Como forma de promover e garantir a intersetorialidade na modalidade Projovem Adolescente foi constituído um comitê, sob a coordenação do MDS, com representantes dos ministérios e secretarias parceiros, a saber: Ministérios da Cultura, do Esporte, da Saúde, do Meio Ambiente, do Trabalho, da Educação, Secretaria Especial de Direitos Humanos, Secretaria Especial de Políticas de Promoção da Igualdade Racial e Secretaria Nacional de Juventude.

Um importante avanço na concepção da política de proteção e promoção social para os jovens e suas famílias é o aprofundamento da integração entre as transferências de renda e os serviços socioassistenciais. A alteração dos critérios de concessão dos benefícios variáveis do Programa Bolsa Família, estendidos às famílias com jovens de 16 e 17 anos que frequentam a escola, foi articulada à modalidade Projovem Adolescente, como parte de uma acertada estratégia de promover a integração das políticas sociais voltadas à juventude, público mais exposto à violência e ao desemprego.